

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Tiago Ferro

Um outro percurso do nosso tempo — Roberto Schwarz

NÍVEL: DOUTORADO

orientador: Francisco Cabral Alambert Junior

2023

"É uma luz universal onde são mergulhadas todas as outras cores e que as modifica no seio de sua particularidade. É um éter particular que determina o peso específico de toda a existência que aí se manifesta."

Karl Marx

"As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender."

Paulinho da Viola

Para Mika e Isa, sem as quais, nada é possível.

Sempre com a Manu (in memoriam).

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Ferro, Tiago
F395o Um outro percurso do nosso tempo — Roberto
Schwarz / Tiago Ferro; orientador Francisco Alambert - São Paulo,
2023.

147 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de
História. Área de concentração: História Social.

1. CH793.1. I. Alambert, Francisco, orient. II. Título.

Resumo

Esta tese tem como objeto a obra do crítico literário Roberto Schwarz. Cobre de sua produção inicial, reunida no livro de ensaios *A sereia e o desconfiado*, de 1965, até a peça teatral *Rainha Lira*, de 2022, considerando tanto os textos de crítica literária e análise social quanto as elaborações artísticas, seja na forma teatral, poética e eventualmente em contos ficcionais. O que buscou-se na obra foi localizar no corpo dos textos a sondagem do tempo contemporâneo realizada pelo crítico através dessa produção múltipla, com o intuito de melhor compreender as contradições do estabelecimento do tempo histórico em situação periférica.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; crítica dialética; experiência brasileira; desenvolvimento desigual e combinado

Abstract

This thesis focuses on the work of literary critic Roberto Schwarz. It covers his initial production, gathered in the book of essays *A sereia e o desconfiado*, from 1965, to the theatrical play *Rainha Lira*, from 2022, considering even the texts of literary criticism and social analysis as well as the artistic elaborations, in theatrical, poetic and artistic form, eventually in fictional tales. What was sought in the work was to locate in the body of texts the note of contemporary time through this production, with the aim of presenting the contradictions of establishing historical time in a peripheral situation.

Keywords: Roberto Schwarz; dialectical criticism; Brazilian experience; combined and uneven development

Sumário

Esquema Roberto Schwarz, 7

A sondagem do contemporâneo, 35

Dois epílogos, 128

Agradecimentos, 139

Referências bibliográficas, 140

Esquema Roberto Schwarz

"O país está cansado de ideias fora do lugar",¹ afirma carta assinada por economistas, banqueiros e empresários, de 21 de março de 2021, exigindo medidas mais eficazes de combate à pandemia do coronavírus por parte do governo federal — naquela época tendo a frente o presidente Jair Bolsonaro, e o país se aproximando da marca dos 300 mil mortos (ultrapassaria os 700 mil). Nesse caso, as ideias fora do lugar são as praticadas pelo governo brasileiro, entre elas: "desdenho à ciência, o apelo a tratamentos sem evidência de eficácia, o estímulo à aglomeração, e o flerte com o movimento antivacina".² O Brasil deveria se pautar pela atitude responsável de outros países, coordenando políticas públicas "alicerçadas em dados, informações confiáveis e evidência científica",³ ou seja, importando as ideias certas, científicas.

Cerca de dois anos depois, em 8 de janeiro de 2023, durante os primeiros dias do governo Lula e após os ataques em Brasília contra os prédios do STF, do Congresso Nacional e do Executivo, em coletiva à imprensa, o ministro da Justiça Flávio Dino, entre as causas do ataque, destacou a "infiltração de ideologias exóticas". Certas ideias estrangeiras — supomos aquelas ligadas à extrema direita — é que deveriam ser eliminadas, para que as boas (as nossas?), restassem no lugar certo. Em entrevista de 1976, portanto quase cinquenta anos antes da declaração do ministro, com o título "Cuidado com as ideologias alienígenas", o crítico literário Roberto Schwarz já apresentava posição avançada sobre a questão: "Nem tudo que é nacional é bom, nem tudo que é estrangeiro é ruim, o que é estrangeiro pode servir de revelador do nacional, e o nacional pode servir de cobertura às piores dependências".⁴

Aqueles minimamente familiarizados com as duas páginas iniciais do ensaio "As ideias fora do lugar", de Schwarz, identificam a repetição nos parágrafos acima de posições antagônicas entre brasileiros do século XIX em relação ao complexo de ideias importadas do período. No entanto, desta vez os lados estão trocados. Os que lamentam o Brasil fora do campo da ciência não estão mais representados pelos setores socialmente avançados, como acontecera com os envolvidos no movimento abolicionista, mas sim pelo capital financeiro de grosso calibre; já entre os que rechaçam a invasão de ideias supostamente estranhas à nossa realidade, não encontram-se novamente os que desejam a manutenção do estado das coisas que lhes proporcionava todo tipo de vantagem material e de prestígio (interno) a despeito da imagem vexaminosa do país no mundo, mas um governo de centro-esquerda,

¹ "Economistas, banqueiros e empresários cobram medidas efetivas contra a pandemia", *Folha de S.Paulo*, 21 mar. 2021 (acesso: 16 fev. 2023).

² Idem.

³ Idem.

⁴ Roberto Schwarz, "Cuidado com as ideologias alienígenas", em *O pai de família e outros estudos* (São Paulo, Companhia das Letras, 2008), p. 136.

com discurso de integração das faixas pobres da população ao universo do consumo e dos direitos básicos. Esses exemplos não fixam no entanto o movimento das ideias no país, que será caracterizado pela troca constante de posição. As disputas para decidir o que fazer com as ideias que inevitavelmente importamos⁵ pode inclusive unir de um mesmo lado campos políticos opostos. Por exemplo, entre os que desejam o bloqueio da entrada de ideias estrangeiras, estão o anti-imperialismo do PCB nos anos 1950 e 1960 (que ao que tudo indica excluía o marxismo do fluxo externo) e os críticos do "globalismo" embalados pelo guru digital da extrema direita, Olavo de Carvalho.

Tanto quanto o conceito de "cordialidade" de Sérgio Buarque de Holanda, "as ideias fora do lugar" de Roberto Schwarz atravessaram as fronteiras do mundo acadêmico. Se as leituras equivocadas não foram raras entre especialistas, que dirá da vulgarização corrente.⁶ Que no entanto interessa como sinal da persistência de certos aspectos da experiência brasileira (e periférica) revelados pelo ensaio em questão. A leitura distorcida do texto acompanharia Schwarz por toda a sua trajetória. Ele mesmo comenta que o "mal-entendido principal nasceu do próprio título", para continuar, não sem humor, durante palestra realizada em Buenos Aires em 2009 que, "até hoje aqui e ali alguém me pergunta se a ideia A ou B não está fora do lugar, e às vezes sou convidado a contribuir para que as ideias sejam postas no lugar".⁷

O conjunto formado por posições ambíguas e de difícil sustentação na realidade, sempre em alteração, atualiza e repõe o interesse pelo ensaio de 1972, que abre o livro de 1977, *Ao vencedor as batatas*, dedicado aos romances da primeira fase machadiana. Porém, diferentemente do século XIX, agora é o próprio ensaio (ou sua leitura vulgarizada), que se vê envolvido pela "matéria brasileira", o conjunto de relações altamente problemático herdado da colônia.⁸

O esquema da história do país construído por Schwarz para fornecer explicação fundamentalmente materialista ao nosso encaixe particular e difícil (mas funcional) ao "tempo do mundo",⁹ e também para aquilatar os resultados da nossa literatura, revelou seu

⁵ No tomo de Eric Hobsbawm sobre o século XX, afirma o historiador marxista: "[...] América Latina, grande importadora de ideologias europeias da moda [...]". *Era dos extremos: o breve século XX* (São Paulo, Companhia das Letras, 1997), p. 171.

⁶ Para um panorama dos principais debates com "As ideias fora do lugar" por detrás dos muros universitários, cf. Flávio Rosa de Moura, "Um crítico no redemoinho", *Tempo Social*, v. 23, n. 2, p. 71-99.

⁷ Roberto Schwarz, "Por que 'ideias fora do lugar'?", em *Martinha versus Lucrecia* (São Paulo, Companhia das Letras, 2012), p. 165.

⁸ Sobre a expressão "matéria brasileira", cf. Roberto Schwarz, *Dois meninas* (São Paulo, Companhia das Letras, 1997), p. 101; Roberto Schwarz, *Seja como for* (São Paulo, Editora 34, 2019), p. 162.

⁹ Neste caso trata-se da hegemonia liberal e a industrialização durante o século XIX. A expressão aparecerá ao longo do livro designando outros períodos (por exemplo, Guerra Fria, ciclo neoliberal), e significa "algo como um clima internacional, suficientemente persuasivo para influenciar escolhas sociais e decisões políticas em

acerto (e longevidade) também ao complicar certas tomadas de posição de intelectuais já muito distantes do Brasil Império escravista.

Em *Ideologia e contra ideologia*, de 2010, Alfredo Bosi, ao se deixar conduzir em grande medida pela "contra-história" do liberalismo de Domenico Losurdo com a intenção de revelar a desfaçatez de classe (e os interesses materiais inconfessáveis) de grandes pensadores dessa doutrina na Europa (bem como o horror dos momentos iniciais do trabalhador do chão de fábrica britânico), e assim relativizar o que seria, de acordo com Schwarz, a nota específica do funcionamento do complexo ideológico liberal no Brasil escravocrata, e em outras regiões "atrasadas" em processo de integração ao capitalismo industrial (ainda como mercado consumidor, no caso brasileiro), acaba por se colocar, inadvertidamente, muito próximo do campo de justificativas (cínicas) dos proprietários de escravos do Império: horror por toda parte; ideologia "cá e lá"; quem poderá nos julgar? "[...] a história do trabalho compulsório, tal como se efetuou nos anos de ascensão do liberalismo econômico, dá mostras de uma convivência dos dois processos [liberdade e escravidão] no interior do capitalismo ocidental".¹⁰

Vale lembrar que não é muito difícil encontrar na bibliografia do período pensadores que afirmaram que as relações econômicas capitalistas perpetuavam formas de servidão piores que a escravidão, como forma de dramatizar a questão e chamar a atenção para o processo em curso no interior de suas sociedades, sem reflexões de fundo sobre a real natureza dos dois sistemas de trabalho, o assalariado e o compulsório. Tome-se como exemplo o conservador Simon Linguet, decapitado pelo terror revolucionário em 1794, que cerca de trinta anos antes afirmara: "[...] o escravo era precioso para seu senhor por causa do dinheiro que lhe custou. Mas o artesão não custa nada ao rico voluptuoso que o emprega [...] Esses homens, diz-se, não têm um senhor — eles têm um, e o mais terrível, o mais imperioso dos senhores, que é a *necessidade*. É isso que os reduz à mais cruel dependência".¹¹

Schwarz responde a Bosi sobre esse aspecto da crítica dirigida a ele, demonstrando a impossibilidade de comparação entre duas situações distintas de abuso, "lá e cá". Para Bosi, "centro e periferia, Velho e Novo Mundo, viveram, em ritmos diferentes, a exploração da força de trabalho e a exclusão política peculiares ao sistema".¹² Nesse par justificado pelo liberalismo estaria o "denominador comum entre o escravo e o trabalhador assalariado". O

arenas locais mais restritas". Cf. o debate acerca do conceito em Paulo Arantes, "O novo tempo do mundo", em *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência* (São Paulo, Boitempo, 2014), p. 27-101.

¹⁰ Alfredo Bosi, *Ideologia e contra ideologia* (São Paulo, Companhia das Letras, 2010), p. 303.

¹¹ Citado por Paul Mattick, "Workers' Control", em Priscilla Long (org.), *The New Left* (Boston, Porter Sargent, 1969), p. 377.

¹² *Ideologia e contra ideologia*, cit., p. 400.

que leva Schwarz a responder com perguntas: "Pois bem, que pensar dessa desdiferenciação geral? Será certo que o funcionamento das ideias liberais é o mesmo na Inglaterra do trabalho livre e no Brasil do clientelismo e da escravidão? ou que a diferença entre escravidão e trabalho assalariado é uma questão de ritmo? Basta formular as perguntas para saber que não é assim".¹³

Em *Contra-história do liberalismo*, a ênfase de Losurdo nas contradições (tanto no interior das formulações teóricas, como em relação aos seus pressupostos e ações) dos primeiros pensadores do liberalismo, serve ao autor para estabelecer um longo fio histórico unindo de John Locke a Hitler, ou seja, a aproximação do fundo ideológico de liberalismo e nazi-fascismo. Simplificando, Losurdo procura demonstrar que a leitura a contra-pelo dos principais teóricos liberais desde o século XVIII encontra o horror futuro da experiência fascista, do Holocausto etc.; ou ao menos sua justificação teórica. É rico o levantamento pormenorizado realizado pelo pensador italiano sobre o envolvimento de Locke com o tráfico negreiro com colônias escravistas no sul dos Estados Unidos, bem como outras contradições de monta envolvendo baluartes do pensamento ilustrado britânico e francês.¹⁴ O que aponta para outro debate (que aparece em Losurdo, mesmo que não figurando no centro do estudo, mas curiosamente escapa a Bosi): o do vale tudo europeu (iluminista) nas terras colonizadas, negando suas próprias abstrações intelectuais e "inaugurando" uma região onde as regras seriam distintas daquelas que começavam a ser colocadas em prática (com as faltas que caracterizam todo o tipo de ideologia) nos países à frente do processo da civilização industrial.¹⁵ Nos termos dramáticos mas precisos de Rosa Luxemburgo, o "sopro mortal do capitalismo europeu".¹⁶

O esforço de Bosi em desfazer o esquema de Schwarz ao encontrar dinâmicas semelhantes a do Brasil, ou seja, do convívio entre liberalismo e escravidão, acaba por confirmar a amplitude do modelo de análise. O estudo comparativo, por exemplo, com o sul dos Estados Unidos, também escravista e latifundiário, e nem por isso menos envolvido com a lógica do cálculo burguês, diferentemente do que sugere Bosi, confirma "As ideias fora do lugar", que, com os devidos ajustes, não refletem apenas o caso isolado brasileiro (como tinha consciência Schwarz, ao mencionar no próprio texto, os romances russos e os esforços do processo de incorporação do país asiático ao capitalismo e às ideias liberais do continente

¹³ Roberto Schwarz, "Por que 'ideias fora do lugar'?", cit. , p. 172.

¹⁴ Domenico Losurdo, *Contra-história do liberalismo* (São Paulo, Ideias e Letras, 2015).

¹⁵ Para a atualização desse padrão duplo pós-ataques do 11 de Setembro, cf. Jonathan Crary, *Terra arrasada* (São Paulo, Ubu, 2023), p. 32-3.

¹⁶ A autora detalhou o processo destrutivo do avanço capitalista em *A acumulação do capital* (Rio de Janeiro, Zahar, 1970), p. 319

vizinho). Aqui se faz necessário não ignorar que os tais ajustes no modelo implicam considerações expressivas de processos históricos com dinâmicas próprias. Há, evidentemente, diferenças fundamentais entre o Brasil Império do século XIX com seus acordos políticos pelo alto e os Estados Unidos atravessados por uma guerra civil, ou até mesmo com o Império Russo e suas recorrentes tensões expansionistas (que no entanto se inserem na difícil lógica de aproximação do país ao modelo burguês liberal e europeu).¹⁷

Reagindo à afirmação final do ensaio "Cultura e política, 1964-1969", em que Schwarz procura reforçar a irrelevância do debate cultural naquele momento específico, a saber, o pós-AI-5, quando a censura e repressão pesada se volta para a universidade e os artistas, para assim sugerir a opção da luta armada como única alternativa ao enfrentamento do regime, Darcy Ribeiro também se enrosca na dinâmica específica da vida ideológica brasileira: "É verdade, Roberto, esses são os letrados de nosso país de analfabetos [Schwarz afirma formarem um grupo de 50 mil num universo de 70 milhões]. Somam muitos milhões, porém, os brasileiros que guardam, expressam [...] a verdadeira cultura brasileira" [grifo nosso]. E conclui: "Reduzidos a nós mesmos, os intelectuais e nossos consumidores seríamos uns colonos exóticos, perdidos em terras ignotas, a pregar ou perorar. E não seremos?".¹⁸ O fundo melancólico da situação intelectual, que não exclui o autor, parece compensado pelo andamento com pernas próprias da "verdadeira cultura brasileira", que, a confiar no antropólogo, basta a si própria. Nesse caso ficaria desfeito (mas sem solução real num mundo completamente integrado pelo capital) um dos lados do mal estar inicial apontado nas "Ideias fora do lugar": graças ao "fato ímpolítico e abominável da escravidão", estávamos fora do "sistema da ciência".¹⁹ A formação do país ganha independência dos fluxos externos na posição de Darcy Ribeiro. Mas como ficaria nesse caso a importação da tecnologia industrial? Seria então possível dependência econômica sem dependência cultural de qualquer tipo? Qual passa a ser a função da cultura, uma vez isolada por fronteiras nacionais? Basta formular as perguntas para compreender que a autenticidade cultural afirmada por Darcy Ribeiro como resposta a Schwarz tem alcance limitado para o caminho futuro do país que buscava a superação do "atraso".

¹⁷ O ministro russo do Interior nos anos 1860 se referia à Ucrânia como "Pequena Rússia", e ao proibir o idioma ucraniano por todo o império, negava sua existência: "jamais existiu, não existe e não deverá existir". Elif Batuman, "O grande rosto e o nariz: relendo clássicos russos à sombra da guerra na Ucrânia", *piuí*, n. 201, jun. 2023.

¹⁸ Darcy Ribeiro apud Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil: uma interpretação* (São Paulo, Senac, 2008), p. 841.

¹⁹ Roberto Schwarz, "As ideias fora do lugar", em *Ao vencedor as batatas* (São Paulo, Duas Cidades/ Editora 34, 2017), p. 11.

Escrito durante o exílio parisiense do crítico e publicado com o título "Dépendance nationale, déplacement d'idéologies, littérature: sur la culture brésilienne au XIXème siècle" ["Dependência nacional, deslocamento de ideologias, literatura: sobre a cultura brasileira no século XIX"] ("dependência" e "deslocamento" serão imagens-chave para Schwarz), o ensaio apresentava um "bando de ideias novas".²⁰ E gerou outras tantas no Brasil e no exterior. Em 1973 é publicado em português na revista *Estudos Cebrap*, já com o título "As ideias fora do lugar", e, quatro anos depois, em sua forma final em livro.

A título de exemplo da influência internacional, vale acompanhar o testemunho sintético da crítica literária argentina Beatriz Sarlo: "O primeiro texto que li de Roberto foi o hoje clássico *Ao vencedor as batatas*. Seu primeiro capítulo, 'As ideias fora de lugar', virou o centro de muitas discussões nos últimos anos da ditadura argentina". O arco de influência no tempo toca o século XXI: "'As ideias fora do lugar' foi o texto com o qual dialogou meu livro *Buenos Aires, uma modernidade periférica*. E ele também está presente na minha hipótese sobre Borges como 'escritor de las orillas'".²¹

Ao estudar o funcionamento das ideologias de prestígio da Europa liberal no século XIX brasileiro escravocrata, Schwarz tem no entanto os pés no chão do seu tempo, ou seja, o Brasil sob a ditadura no interior das violentas disputas globais da Guerra Fria, e se mostra consciente da mudança no funcionamento dos grandes esquemas de abstrações produzidos pela burguesia. Apenas quatro anos após a publicação de "As ideias fora do lugar", afirma o crítico: "Acredito com a Escola de Frankfurt que a ideologia principal do capitalismo moderno está na massa das mercadorias acessíveis e na organização do aparelho produtivo, ao passo que *as ideias propriamente ditas passaram para o segundo plano* [grifo nosso]".²² O comentário é decisivo para situarmos o centro do seu interesse: a sondagem do contemporâneo. A sensibilidade para enxergar permanências distorcidas, esquisitices funcionais, jogos de espelhos entre momentos históricos e também entre espaços distintos, vai marcar seu pensamento e está na base de uma de suas mais debatidas explicações para o funcionamento da cultura brasileira pós-golpe de 1964, e que antecipa o "modelo crítico" desenvolvido no ensaio de 1972, como veremos.

²⁰ Paulo Arantes conta sobre a reação, ou falta de reação por completo embasbacamento, à leitura que Schwarz lhe fez em primeira mão do ensaio durante o exílio parisiense. (Depoimento oral e privado) Anos depois, Arantes se tornaria um dos principais intérpretes daquelas ideias.

²¹ Entrevista dada à *Folha de S.Paulo*, 15 nov. 2009. O livro saiu no Brasil como *Jorge Luis Borges: um escritor na periferia* (São Paulo, Iluminuras, 2008). O original em espanhol é de 2007: *Borges: Un escritor en las orillas* (Siglo XXI de España Editores).

²² Roberto Schwarz, *O pai de família*, cit., p. 141.

Antes, vale mencionar que Schwarz dá um passo adiante, sem ilusões, em um debate caro para aquele momento histórico, o do fim das ideologias. Nos Estados Unidos, a percepção liberal de um país que rapidamente integrava enormes extratos da classe trabalhadora ao universo do consumo, e assim abandonava qualquer projeto de transformação radical da sociedade, descartando a força de transformação através das ideias; deixando-as de considerá-las "alavancas sociais". O foco único num projeto de Estado do bem-estar social absorvia radicais de outrora para posições públicas de prestígio.²³ Já "a massa de mercadorias" agindo como substituto ideológico das generalizações burguesas de explicação da sociedade, não se apresentava para os intelectuais daquele país (nem mesmo para os críticos da solução única do Estado do bem-estar, como Noam Chomsky, por exemplo).

"Cultura e política, 1964-1969" foi originalmente publicado em francês em 1970 na *Les Temps modernes*, revista que estreou "como a publicação do intelectual engajado".²⁴ Tendo Jean-Paul Sartre como figura central da revista, o comitê original de redação contava com nomes de peso do pensamento francês (e mundial): Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty, Raymond Aron, Michel Leiris, entre outros. A respeito do título da revista, afirma Beauvoir: "estávamos comprometidos, positivamente, com a atualidade".²⁵ Afirmação singela, mas decisiva para aquele grupo de franceses e também para Schwarz. Nas reflexões de Sartre sobre o "escritor engajado", encontramos novamente conexões com o momento vivido pelo crítico brasileiro às voltas com o golpe de 64: "A historicidade refluíu sobre nós; [...] descobríamos algo como um gosto de história [...]".²⁶ Schwarz provavelmente sentiu algo desse "gosto de história" ao voltar ao Brasil de sua temporada em Yale em maio de 1963, para onde fora estudar com os expoentes do New Criticism, como o havia aconselhado Antonio Candido. Para este, o movimento de saída de seus discípulos pelo mundo era um dos pilares da formação de um departamento avançado de literatura no Brasil.²⁷

²³ A crítica a esse "novo engajamento" dos intelectuais está em Noam Chomsky, "A responsabilidade dos intelectuais", surgido de palestra proferida em Harvard em 1966. Cf. idem, *The Essential Chomsky* (Nova York/Londres, The New Press, 2008), p. 39-62. No Brasil, no mesmo período, Carlos Guilherme Mota discute o fim das ideologias por crescente esclarecimento materialista: *Ideologia da cultura brasileira* (São Paulo, Editora 34, 2014).

²⁴ François Dosse, *A saga dos intelectuais franceses 1944-1989* (São Paulo, Estação Liberdade, 2018), p. 39.

²⁵ Beauvoir apud Dosse, idem.

²⁶ Sartre apud Dosse, ibidem, p. 41.

²⁷ Cf. "Antonio Candido (1918-2017)", em Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 407-18. O desejo inicial de Schwarz era estudar com Adorno, mas a "bolsa alemã demorou, e a americana veio" (ibidem, p. 286). Parte da produção norte-americana do crítico foi publicada em *A sereia e o desconfiado* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981), sendo a primeira edição de 1965.

O espanto com o clima político do país começa quando Schwarz lê no avião a coluna de Otto Maria Carpeaux, no *Correio da Manhã*, "atacando os Estados Unidos com uma violência que me deixou de queixo caído".²⁸ O "queixo caído" se manteria por meses com a intensidade do debate público do período, e a sensação de que o país estava de fato em transformação acelerada, deixando para trás o peso das estruturas coloniais. A história se movia e na direção almejada por um jovem intelectual de esquerda atento para a agitação política mundial. "O vento pré-revolucionário descompartmentava a consciência nacional e enchia os jornais de reforma agrária, agitação camponesa, movimento operário, nacionalização de empresas americanas etc. O país estava irreconhecivelmente inteligente. [grifo nosso]"²⁹ A avaliação retrospectiva de Eric Hobsbawm confirma a sensação do jovem crítico no calor dos acontecimentos, ao afirmar que o Terceiro Mundo "formava uma zona mundial de revolução — recém-realizada, iminente ou possível".³⁰ O período de enorme efervescência cultural e política será analisado em diversos momentos da produção schwarziana; no ensaio em questão, ganha espessura histórica na passagem para o pós-golpe de 1964, quando é desenvolvido pela primeira vez na obra do crítico aquilo que passaremos a chamar de "esquema Roberto Schwarz".

Pouca atenção foi dada ao subtítulo de "Cultura e política, 1964-1969": "alguns esquemas". No entanto, o ensaio é construído a partir do arranjo de esquemas, ou, traços essenciais de um objeto. Uma vez identificada a fórmula do esquema, é possível localizá-la ao longo do texto, variando de conteúdo, criando relações e elaborando movimentos históricos contra-intuitivos. O mesmo se dá em outros textos de Schwarz, e também entre ensaios distintos (e distantes no tempo), o que acaba por formar uma grande rede a articular boa parte de sua obra. Conceitos decisivos de diferentes períodos — liberalismo, abolicionismo, revolução, progresso, modernidade, formação, dependência, nacionalismo, desenvolvimentismo, terceiro-mundismo, democracia, globalização, fascismo, e também marxismo, dialética, estruturalismo, empirismo, desconstrucionismo, pós-modernismo — vão pouco a pouco ganhando espessura crítica e complexidade na obra de Schwarz (conforme este avança na mediação desses conceitos pela realidade periférica do país inserido nos ciclos de modernização capitalista), num movimento de acúmulo e adensamento. E também de confirmação recíproca entre textos e ideias de diferentes períodos.

²⁸ Ibidem, p. 287.

²⁹ Roberto Schwarz, "Cultura e política, 1964-1969", em *O pai de família e outros estudos*, cit., p. 81.

³⁰ *Era dos extremos*, cit., p. 421.

Se estamos certos em afirmar que o ensaio de 1970 representa um momento-chave inicial na obra de Schwarz, uma peculiaridade de sua escrita pode estar na raiz da descoberta do próprio estilo pelo crítico, e da abertura de uma nova fase de sua produção. O texto foi escrito "[...] sem nenhuma documentação. Eu recapitulava o que tinha visto, refletia a respeito e escrevia".³¹ Trabalhando sob essa contingência criada pelo próprio desenrolar do processo social brasileiro (o exílio forçado pela nova fase do regime inaugurada com a promulgação do AI-5), surgem soluções que definiriam seu estilo: a conquista definitiva da liberdade ensaística; o movimento de colocar a si próprio como testemunha do presente, fundamental para quem terá como principal esforço intelectual a sondagem do contemporâneo; o uso de paráfrases (muitas vezes irônicas) para abarcar a complexidade da análise dialética sem um processo social histórico previamente estruturado.

Sobre a escrita ensaística, vale o trecho de Max Bense sobre o tema, que ecoa na força dos esquemas históricos schwarzianos: "Escreve ensaisticamente quem tenta capturar seu objeto por via experimental, quem *descobre ou inventa seu objeto no ato mesmo de escrever*, dar forma, comunicar, quem interroga, apalpa, prova, ilumina e aponta tudo o que pode se dar a ver sob as condições manuais e intelectuais do autor [grifo nosso]".³² A *parte da invenção* afasta Bense, e acreditamos que também Schwarz, de qualquer rigidez empirista com seus objetos. E é justamente nessa *folga* da escrita ensaística com a matéria brasileira que o crítico vai colocar questões com potencial de desdobramento para o debate historiográfico.

O neobrazilianista Nicholas Brown estudou a maneira específica como Schwarz compreende a forma literária. Não cabe aqui aprofundar assunto específico do âmbito da crítica literária, mas uma passagem do artigo³³ de Brown parece importante para o nosso argumento, indo de encontro ao estilo ensaístico e sua capacidade de "capturar um objeto". Apesar de a crítica literária ser um processo cognitivo, trata-se de um processo cognitivo de tipo especial, afirma Brown. O critério de verdade não se baseia necessariamente em documentos, mas sim na ideia de "plausibilidade", uma vez que a forma social pode ser encontrada na arte sem ter sido anteriormente conhecida. Essa categoria de análise, ainda segundo o norte-americano, está baseada em nada mais sólido que argumentos e consenso.

Se o nosso caminho for aceitável, fica justificada a força explicativa da dinâmica própria da experiência no país periférico, bem como de seu processo específico de modernização, sem que Schwarz tenha realizado pesquisa documental de fôlego. O conteúdo de cada

³¹ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 289.

³² Max Bense, "O ensaio e sua prosa", em *Doze ensaios sobre o ensaio* (São Paulo, IMS, 2019), p. 115.

³³ Nicholas Brown, "Roberto Schwarz: Mimesis Beyond Realism", em *The Sage Handbook of Frankfurt School Critical Theory* (California, Sage, 2018), p. 465-78.

esquema costuma ser historicizado utilizando uma espécie de "método de colagem e paráfrase", como veremos adiante quando focarmos no ensaio "As ideias fora do lugar". Acreditamos que a força de desvelamento social dos textos do crítico esteja na forma específica do seu ensaísmo, que parte por sua vez da análise formal e imanente de objetos artísticos, onde encontra certa espessura (ou ritmo) da realidade não conhecida previamente, como sugere Brown.

O que estamos propondo portanto é abrir uma alternativa à análise da obra de Schwarz baseada exclusivamente em influências ou nas análises sobre os seus resultados (aceitos ou contestados). Partimos dos textos para encontrar a história, deixando em segundo plano (mas não desativados) debates e a formação do crítico. Lembrando que Schwarz, ao não realizar pesquisa historiográfica propriamente dita, tampouco propõe qualquer explicação coesa da dinâmica social numa duração mais longa. Paradoxalmente, talvez nesse aspecto, que para a historiografia indicaria fragilidade na reconstituição dos acontecimentos, encontramos algo mais próximo do tempo contraditório da periferia do capitalismo.

Avançando. O que estamos sugerindo é que Schwarz "pensa como escritor", efetuando "uma digressão pelas ciências humanas [e pela crítica literária] para se exprimir".³⁴ O fio estruturante da obra pode ser encontrado então na consolidação de uma forma de escrita própria. Se a dialética forma literária e processo social — tão cara a Schwarz que consta no subtítulo de *Ao vencedor as batatas*, a saber, "Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro" —, for dirigida aos textos do crítico, será possível compreender de que maneira a dinâmica histórica específica da modernização periférica atravessa seus ensaios, que, em grande medida, são restritos a resenhas de livros.

Tentemos exemplificar o que seria o ritmo próprio desses esquemas. Voltando ao ensaio de 1970, algo autobiográfico, o esquema essencial surge na seguinte afirmação: "Apesar da ditadura de direita, há relativa hegemonia cultural da esquerda no país".³⁵ Essa fórmula vai se deslocar, por exemplo, para o interior da produção intelectual da esquerda, invertendo os termos: "Os intelectuais são de esquerda, e as matérias que preparam, de um lado, para as comissões do governo ou do grande capital e, de outro, para as rádios, televisões e os jornais do país não são".³⁶ E continua com duas novas torções. Após 1964, "a contra-revolução [...] ressuscitou o cortejo dos preteridos do capital",³⁷ e, de "maneira indireta, o espetáculo de

³⁴ A afirmação é de François Dosse sobre a relação privilegiada de Lévi-Strauss e Roger Caillois com a escrita. Se neste caso ambos frequentaram o surrealismo, Schwarz esteve ligado à poesia marginal. François Dosse, *A saga dos intelectuais franceses 1944-1989*, cit., p. 437.

³⁵ Roberto Schwarz, "Cultura e política, 1964-1969", cit., p. 71.

³⁶ *Ibidem*, p. 22.

³⁷ *Ibidem*, p. 84.

anacronismo social, de cotidiana fantasmagoria [...] preparou a matéria para o movimento tropicalista".³⁸

Às imagens de "deslocamento", "descompasso" e "desajuste", somam-se duas outras centrais para o pensamento do crítico: "anacronismo" e "fantasmagoria". Se ambas remetem a restos deslocados no tempo e fora do contexto do presente, em Schwarz ganham espessura histórica e atualizam o tempo da colônia, que deixa de ser mero arcaísmo regressivo a ser superado pelo progresso ou pela modernização, seja na direção do socialismo, seja na esperança das forças civilizatórias do capitalismo. A "fantasmagoria", nos termos de Lukács, de uma sociedade invertida pela reificação das consciências promovida pela lógica da mercadoria,³⁹ permite que se pense a colônia como "laboratório" da longa trajetória do capitalismo rumo à globalização (do mundo e de todas as dimensões da vida), afinal, não há precedentes históricos de uma sociedade organizada exclusivamente para a produção de mercadoria e acúmulo de capital (externo). Assim, no processo específico de modernização periférica, o que seria descartado de acordo com o ritmo do desenvolvimento dos centros hegemônicos do capitalismo, tem voz e função. (Não por acaso é num autor defunto, ou fantasma?, Brás Cubas, que Schwarz vai encontrar nova chave para a experiência social brasileira. Isso no livro de 1990, *Um mestre na periferia do capitalismo*.)

Voltando à construção de "Cultura e política, 1964-1969", se em sua primeira aparição, a cultura de esquerda sobrevive em ambiente hostil, em seguida são os costumes herdados da colônia que florescem em plena modernização do capital (e injetam força nas vanguardas artísticas). A cultura que se mantém hegemônica "chegou a refletir a situação dos que ela exclui", em seguida torna-se "um abcesso no interior das classes dominantes", e o intelectual, fechado em circuito próprio e presa fácil do regime que passa a encará-lo como inimigo a partir da promulgação do AI-5, "despe-se de sua profissão e posição social, à procura do povo, em cuja luta irá se integrar". Uma sequência dialética de tirar o fôlego e um esquema histórico para o período.

Exemplos da mesma fórmula podem ser localizados em outros ensaios. A Abolição que separa a sociedade construída pelo trabalho escravo colonial de seu arcabouço institucional, sem de fato superá-la.⁴⁰ A formação que se completa na literatura brasileira, atingindo organicidade, mas se mantém dependente na economia, revelando um tipo de progresso à

³⁸ Idem.

³⁹ O debate está em *História e consciência de classe* (São Paulo, Martins Fontes, 2003). Cf. principalmente p. 153-4, em que o autor cita os "os poderes fantasmagóricos" que serviram para encobrir as relações entre os homens sob o modo de produção capitalista.

⁴⁰ Roberto Schwarz, *Dois meninas*, cit., p. 59.

brasileira, ou questionando pela raiz a própria ideia de progresso.⁴¹ O Anchieta de Bosi, que para muito além do "apóstolo dos índios", expressa questões de relevo sobre a colonização em seu pensamento fraturado entre poemas líricos dependentes de modos modernos de devoção e os autos catequéticos adaptados de formas medievais.⁴² O mesmo livro de Bosi que revela um Anchieta mais complexo e abre possibilidades de avanço na matéria, sai diminuído pelo mesmo esquema: "caberia perguntar se a *Dialética da colonização* não estaria reagindo na década de 90, quando a modernização se encontra no impasse, a problemas colocados pelos anos 20 e 30, quando ela deslanchava [...]".⁴³ Sobre a atualidade de Brecht, reflete sobre a aplicação (repleta de desencontros históricos) de um método em espaço e tempo imprevisíveis pelo autor, a saber, o Brasil dos anos 1960 e a Alemanha do dramaturgo nos anos 1920.⁴⁴ A cultura tradicional no Brasil, que ao se ver deslocada para situações novas, "mais ou menos urbanas", configura "desajuste extravagante".⁴⁵ O capital globalizado com sua dinâmica avassaladora de "criação de desemprego" não revelava ainda as consequências para um país que nem sequer integrara sua população ao mercado e às suas garantias.⁴⁶ A tendência à americanização que nos anos 1950 imprime à atrasada e provinciana Santo Amaro, na Bahia, o "selo contemporâneo".⁴⁷

Uma possível palavra-chave para definir o "esquema Roberto Schwarz", construído pela análise dialética (da forma da arte e da sociedade, mas também das ideias do mundo e da forma objetiva de reprodução de uma sociedade periférica), e revelador do funcionamento da experiência brasileira, é "anacronismo". Trata-se da marca mais evidente localizada nos exemplos listados acima. Há sempre um elemento desencaixado, deslocado, estranho, mas que no entanto faz parte daquela dinâmica específica, não como enfeite ou resíduo, mas na forma de peça fundamental do processo. Assim, o anacronismo, que como sabemos, deve ser evitado pela pesquisa historiográfica, ganha relevância, torna-se ele próprio objeto de análise da história, dilata o tempo. Dito de outra maneira, passa para o lado do documento. Se inevitavelmente é preciso considerar a relação da constituição da nossa história com a do núcleo orgânico do capital, não é possível ignorar o amontoado de resíduos históricos que se apresentam como estruturantes e funcionais numa sociedade periférica. Após a ressalva de não compartilhar qualquer superioridade etnocêntrica, Hobsbawm afirma: "[...] permanece o

⁴¹ Idem, *Sequências brasileiras* (São Paulo, Companhia das Letras, 1999), p. 66.

⁴² Ibidem, p. 76.

⁴³ Ibidem, p. 84.

⁴⁴ Ibidem, p. 146

⁴⁵ Ibidem, 192.

⁴⁶ Ibidem, 216.

⁴⁷ Idem, *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 57.

fato de que a dinâmica da maior parte da história do mundo no Breve Século XX é derivada, não original. Consiste essencialmente das tentativas das elites das sociedades não burguesas de imitar o modelo em que o Ocidente foi pioneiro, visto como o de sociedades que geram progresso [...]. Não havia outro modelo operacional além da 'ocidentalização' ou 'modernização', ou o que queira chamá-lo".⁴⁸

O crítico literário britânico John Gledson vai falar em "*deceptive realism*" em Machado de Assis.⁴⁹ Algo próximo a um "realismo enganador". Schwarz obviamente não arma nenhum tipo de cilada aos seus leitores, como Machado armara através de seus narradores dos romances da segunda fase, mas a experiência brasileira, como proposta, inclui inevitavelmente o que fora deixado de fora, ao menos de acordo com o modelo historiográfico dos países hegemônicos (ou pelo ritmo de transformação do capitalismo), o que não deixa de ser traiçoeiro para visões cristalizadas da nossa realidade. Ou seja, a constituição do tecido social do país periférico, liberal e escravocrata, é enganadora se não for pensada com instrumentos teóricos ajustados à sua especificidade. Lição que Schwarz aprende com Machado de Assis, mas também com o "pensamento social uspiano", do qual faz parte.⁵⁰

Se o que podemos chamar de "anacronismo estruturante" coloca desafios à tarefa de investigação do passado, um segundo aspecto não é menos desafiador. Ao refletir *com* John Gledson sobre datas históricas na obra machadiana, Schwarz sugere que a permanência do nosso horror social, uma certa estabilidade calcada na injustiça, confere "alguma coisa irrisória às datas magnas que registram as mudanças em nossa política".⁵¹ Se na história francesa, por exemplo, datas históricas marcam inflexões fundamentais para o destino do país, Machado teria fixado a "irrelevância das datas políticas como sendo o dado decisivo de nosso ritmo histórico [...]".⁵² Portanto, enquanto volta à cena o que poderia ser descartado como deslocado no tempo, os supostos pontos de apoio históricos, os marcos organizadores e divisores de épocas e acontecimentos, estão enfraquecidos. O processo social brasileiro, mas também o periférico de uma maneira geral, uma vez que Schwarz reflete o local como parte de um sistema de produção mundial e desigual (e aqui a largueza de um esquema "apenas plausível" se presta à plasticidade de ser adaptado a outras condições históricas com traços

⁴⁸ *Era dos extremos*, cit., p. 199.

⁴⁹ John Gledson, *Machado de Assis: impostura e realismo* (São Paulo, Companhia das Letras, 1991).

⁵⁰ Quando falamos em "pensamento social uspiano" estamos nos referindo a um movimento específico, que teve seu momento forte inicial nos grupos de estudos de *O capital*. Cf. *Nós que amávamos tanto O capital* (São Paulo, Boitempo, 2017).

⁵¹ Roberto Schwarz, *Sequências brasileiras*, cit., p. 136.

⁵² *Idem*.

mínimos em comum), começa a se desenvolver, quando comparado aos modelos hegemônicos, como uma estranha criatura. Salvo melhor juízo, no interior do estilo schwarziano e na forma de seus esquemas constrói-se lentamente, desde o texto de 1970, aquilo que décadas depois seria classificado por Schwarz como "monstrengo social": o país-ornitorrinco de Francisco de Oliveira.⁵³

Ao "anacronismo estruturante" e às "datas fundadoras descartáveis", completa o "programa" de estudo da história brasileira em Schwarz, segundo nossa proposta, a "perspectiva [que] é sempre de dentro e de fora".⁵⁴ Afirma Schwarz: "muitas das coisas que são feitas aqui foram feitas antes em outro lugar mais prestigioso".⁵⁵ A frase pode soar como lugar-comum, mas desde a entrada em cena do desconstrucionismo, tendo na crítica literária brasileira Silviano Santiago com o seu *O entre-lugar do discurso latino-americano* como ponta de lança, e a tentativa de descartar sem mais os conceitos de "atraso" e "originalidade", é preciso especificar.⁵⁶ A vantagem da crítica literária (ao menos para a dialética) nessa seara, que não pode jamais ignorar que gêneros literários são sempre importados, e nunca fruto da própria formação ("galho secundário" de um "arbusto de segunda ordem")⁵⁷ do país, se incorporada ao estudo de sociologia ou história, que certas vezes apresentam a nossa sociedade como "se o Brasil se esgotasse nele mesmo", arma um país mais verossímil (e plausível) e a sociedade contemporânea constituída como um sistema complexo, atravessado por desequilíbrios e jogos internos, com o nacional ziguezagueando nesse embate. A argumentação sobre o que é "nosso" ganha relevo e é melhor qualificada. E a fantasmagoria colonial que não se esgota com a independência, passa a flutuar em uma temporalidade imprecisa.⁵⁸

O olhar bifronte implica que a escrita da história brasileira só se completa quando integra movimentos e forças externas ao processo interno. No caso de país que nasceu moderno (nos termos de Caio Prado e Fernando Novais da produção de mercadoria para o acúmulo de capital na Europa, que proporcionou o arranque em direção ao capitalismo

⁵³ Roberto Schwarz, "Prefácio a Francisco de Oliveira, com perguntas", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 152.

⁵⁴ Antonio Candido, "Sobre Roberto Schwarz", em *Um crítico na periferia do capitalismo* (São Paulo, Companhia das Letras, 2007), p. 16.

⁵⁵ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 190.

⁵⁶ Em 2019 Silviano teve antologia publicada de seus ensaios, incluso o citado, com seleção e introdução do crítico Ítalo Moriconi: *35 ensaios de Silviano Santiago* (São Paulo, Companhia das Letras, 2019).

⁵⁷ Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (São Paulo, Ouro Sobre Azul, 2007), p. 11.

⁵⁸ Nessa linha cabe a interpretação de Luiz Felipe de Alencastro que localiza a formação da colônia portuguesa que viria a ser o Brasil no Atlântico Sul – entre a América do Sul e Angola, *um espaço desterritorializado* a articular os dois pólos da produção. Cf. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul* (São Paulo, Companhia das Letras, 2000).

industrial),⁵⁹ trata-se de incorporar ao modelo explicativo as forças provenientes do núcleo orgânico do capitalismo. Sem o "externo no interno", tanto quanto datas vazias, temos sucessões frágeis de acontecimentos, uma vez que as alavancas do processo social e econômico, via de regra, estão fora da nação.⁶⁰

Nesse "programa" surge travejamento essencial do processo histórico nacional, articulado no interior das resenhas, e Schwarz se insere de forma aguda no debate historiográfico (mesmo que por meio da mera articulação de esquemas), sem que no entanto tenha sequer chegado a propor qualquer "história da literatura" (seja nos moldes mais tradicionais, como na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi; seja com algum tipo de problemática nova, como na *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido, para ficarmos em dois autores fundamentais na área e contemporâneos ao crítico).

A forma específica do ensaísmo de Schwarz ganharia sua melhor e mais conhecida elaboração em "As ideias fora do lugar", que tem na explicação materialista para a "comédia ideológica brasileira", a mesma fórmula do ensaio de 1970 ("Apesar da ditadura de direita, há relativa hegemonia cultural da esquerda no país"): "[...] a emancipação política do Brasil, embora integrasse a transição para a nova ordem do capital, teve caráter conservador. [...] o senhor e o escravo, o latifúndio e os dependentes, o tráfico negreiro e a monocultura de exportação *permaneciam iguais, em contexto local e mundial transformado*" [grifo nosso].⁶¹ A mesma fórmula com outras palavras: "[...] por um longo período a prosperidade material e os avanços culturais do país deveram-se ao florescimento de formas sociais que se haviam tornado a execução do mundo civilizado".⁶²

Mas antes de refletir sobre a forma de "As ideias fora do lugar", faltam termos decisivos para esse ponto de chegada (que será também de partida), entre eles: Joaquim Maria Machado de Assis.

⁵⁹ Cf. o clássico de Caio Prado *Formação do Brasil contemporâneo* e o desdobramento dos problemas ali colocados em Fernando Novais, *Brasil e Portugal na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)* (São Paulo, Editora 34, 2018). Novais salienta a importância inaugural de Caio Prado ao "tomar, como recorte do chamado período colonial da história brasileira, a colonização em seu conjunto" (Fernando Novais, *Aproximações*, São Paulo, Cosac Naify, 2005), p. 356.

⁶⁰ Quem melhor captou a natureza (e possibilidades) desse modelo histórico foi Trótski com o "desenvolvimento desigual e combinado". Cf. Michel Löwy, *A política do desenvolvimento combinado e desigual: a revolução permanente* (São Paulo, Sanderman, 1995). E para uma revisão atualizada do modelo, ver Neil Davidson, *Desenvolvimento desigual e combinado: modernidade, modernismo e revolução permanente* (São Paulo, Unifesp, 2021).

⁶¹ Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo, Duas Cidades/ Editora 34, 2000), p. 36.

⁶² Roberto Schwarz, *Sequências brasileiras*, cit., p. 188.

Diferente do que possa ter ficado sugerido até aqui, Schwarz está remoendo Machado de Assis *desde sempre*. A primeira referência que fomos capazes de localizar a Machado feita por Schwarz está na resenha de *Canaã*, de Graça Aranha, de 1961. Ao criticar o narrador que a todo instante interrompe a trama ficcional para expor seus pontos de vista sobre o desenvolvimento da história brasileira, Aranha entregaria um livro que "não se decide entre ser romance e peça brasileira, e não entrevê a possibilidade de ser um através do outro [...]. Os dois focos de interesse não encontram solução; coexistem com prejuízo mútuo".⁶³ Schwarz afirma que, se bem utilizado, o recurso tem valor: "Em Machado [...] a esfera das considerações do autor é ela mesma esteticamente organizada, enriquece as personagens em vez de anulá-las".⁶⁴ O comentário paralelo e aparentemente solto no corpo da resenha interessa, uma vez que nos informa sobre a atenção de Schwarz justamente para o narrador machadiano, ponto decisivo para a crítica subsequente, inaugurada com o *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, de Helen Caldwell, publicado em 1960 nos Estados Unidos.

Tudo começa com um movimento contra-intuitivo, anterior ao golpe de 64, que, sem exagero retórico, alteraria a feição da crítica machadiana: "[...] eu tinha a convicção de que a ironia dele [Machado] dizia coisas fortes sobre o Brasil, coisas duras sobre o Brasil, que valia a pena esmiuçar. E havia uma espécie de desígnio político secreto e dizer 'o depoimento de Machado de Assis, que em geral conta do lado conservador, na verdade é um depoimento crítico, quer dizer, é um depoimento que conta do lado da esquerda'".⁶⁵

Astrojildo Pereira já buscara trazer Machado de Assis para o campo da esquerda, mas, diferentemente de Schwarz, injetando nele o sentido de progresso da história caro aos marxistas ligados ao PCB. Os exemplos são muitos em seu ensaio mais conhecido sobre o autor, "Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado". Fiquemos com um. Astrojildo elege para análise justamente um conto chamado "Evolução", que trata de progresso e estradas de ferro. Afirma o crítico: "Como esses [personagens do conto], são muitos os personagens [de] Machado de Assis, políticos militantes, deputados, candidatos, publicistas, os quais expõem e debatem os problemas de mais agudo interesse para a opinião pública, em cada etapa do desenvolvimento geral do país [...]" [grifo nosso].⁶⁶

⁶³ Idem, "A estrutura de Chanaan", *Suplemento Literário*, 14 jan. 1961, p. 42. Depois, na reunião de ensaios de 1965, *A sereia e o desconfiado*, cit.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Schwarz apud Hélio de Seixas Guimarães, *Machado de Assis, o escritor que nos lê* (São Paulo, Editora Unesp, 2017), p. 227.

⁶⁶ "Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado", em *Interpretações* (São Paulo, Boitempo, 2022), p. 46-7.

No interior da disputa machadiana é possível localizar uma outra, mais ampla, envolvendo a esquerda dos anos 1950 e 1960 sobre o sentido da história (e portanto definidora das escolhas políticas daquele presente), entre o pensamento social uspiano gestado no grupo de estudos de Marx e a matriz carioca ligada ao PCB e o Iseb. De qualquer maneira, Astrojildo foi pioneiro no esforço de fundamentar um Machado de Assis brasileiro, atravessado pelo processo social do seu tempo e país. O impulso nessa linha se completaria na obra de Raymundo Faoro.⁶⁷ (Ambos ignoraram o principal traço da prosa madura, e do pensamento, de Machado: a ironia.)

À contra-intuição do jovem Schwarz soma-se "a ideia de que a organização formal das obras tem um depoimento social profundo, e esse depoimento é verdadeiro e, portanto, conta do lado da crítica".⁶⁸ Resumo sintético e preciso do centro de sua opção teórico-metodológica, que está, de forma ampla e geral, tanto em Benjamin quanto em Adorno, no primeiro Lukács e também em Antonio Candido.

Arriscamos no entanto afirmar que é a sociologia uspiana com sua leitura heterodoxa de Marx, caminhando em paralelo às descobertas na área da crítica literária por Antonio Candido, que está na base da formação intelectual de Schwarz, bem como de suas opções teórico-metodológicas. Porém, como dito, a página do destrinchamento das influências está fora do nosso escopo. Apenas uma nota histórica sobre as possibilidades de inserção direta no debate da teoria crítica internacional por Schwarz, sem a mediação da especificidade do processo brasileiro: se na década de 1950 era difícil encontrar textos dos autores da chamada Escola de Frankfurt em qualquer parte (com exceção de Marcuse nos Estados Unidos), que pensar de um jovem estudante ainda tateando seu caminho intelectual (entre as ciências sociais e a crítica literária) na provinciana cidade de São Paulo?⁶⁹ Voltamos assim à originalidade (e força de explicação) que nasce da escrita em si, o que obviamente não descarta o acúmulo intelectual realizado através de mapeamento e escolhas precisas dos autores que importavam na época para o seu projeto intelectual, mas apenas recoloca o debate com novo equilíbrio entre os termos.⁷⁰

A obra de Schwarz vai ser toda ela marcada principalmente pela presença de Antonio Candido, mais especificamente por um recorte próprio do discípulo feito na obra do mestre.

⁶⁷ Raymundo Faoro, *A pirâmide e o trapézio* (São Paulo, Globo, 2015).

⁶⁸ Schwarz apud Hélio de Seixas Guimarães, *Machado de Assis, o escritor que nos lê*, cit., p. 227.

⁶⁹ Sobre a dificuldade de acesso aos textos na própria Alemanha da década de 1950, cf. Martin Jay, *A imaginação dialética* (Rio de Janeiro, Contraponto, 2008), p. 30.

⁷⁰ A entrevista "Braço de ferro sobre Lukács" (*Seja como for*, cit., p. 117-54) oferece a ideia clara de que a obra de Schwarz vale mais pela inventividade do que por filiações teóricas rígidas, uma recusa quase absoluta dos pressupostos cristalizados do pensador húngaro.

As descobertas do crítico mais velho foram decisivas para abrir o caminho da leitura dialética em situação periférica, mas sempre isoladas e reconstruídas minuciosamente, e de acordo com agenda própria, por Schwarz. De uma produção volumosa, e variada, serão mencionados e debatidos quase exclusivamente o livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, e os ensaios "De cortiço a cortiço", "Dialética da malandragem" e "Literatura e subdesenvolvimento".

O aprendizado do país a partir da leitura inovadora de Machado pelo crítico é antecedido por um momento de *colaboração entre ambos*. Aqui, o Schwarz essencialmente escritor. Estamos falando de *A lata de lixo da história*, remix literário do conto *O alienista*. A peça teve sua primeira versão elaborada no apagar das luzes do ano de 1968. Ao enfatizar no texto clássico a luta social (que teria poder de explicar os quiprocós científicos e não o contrário), Schwarz descobre a intuição negativa profunda do senso de história para Machado (bem como sua atualidade no mundo de generais tão violentos quanto ridículos: "[...] a alternância de asneira e cinismo, fazem figura de história contemporânea"⁷¹). Revela também um grupo amplamente ausente na obra machadiana, mas tão central na vida brasileira do século XIX, que funciona como estrutura muda (e problemática) de seus livros: o negro escravizado. Na peça, Schwarz insere essa faixa da população na forma de bonecos disponíveis para apanhar dos proprietários frustrados pela fenda (sempre aberta) entre prestígio local e ridículo internacional, privilégio na iniquidade e embaraço democrático.

Se o conto de Machado ensinava o crítico a reconhecer um certo "senso do ridículo da história brasileira" (na expressão certa de Paulo Arantes), também funcionava na mão contrária: "O festival de desfaçatez armado por nossas elites logo em seguida ao golpe, com sua salada de modernização, truculência e provincianismo, ensinava a reconhecer aspectos até então recalcados da ironia machadiana".⁷²

Nos aproximamos de um ponto decisivo. A ironia (realista) machadiana variando sem parar de pontos de vista: o europeu através do proprietário brasileiro que sai ridicularizado ao mesmo tempo que aponta a artificialidade desse mesmo ponto de vista em seu terreno original; o do homem livre (dependente) que vaga pelo vazio social sem uma definição que resolva o seu status etc.

Antes de avançarmos, cabe uma reflexão sobre esse início da compreensão da dinâmica própria da experiência brasileira e do outro lado do romancista medalhão através da forma teatral. O teatro de Brecht é fundamental para a escrita da peça (desalienação com sentido

⁷¹ Roberto Schwarz, *A lata de lixo da história* (São Paulo, Companhia das Letras, 2014), p. 15.

⁷² *Ibidem*, p. 8.

histórico marcado com o socialismo, inclusive no final inverossímil) e também para as reflexões futuras do crítico. Além disso, o teatro em si, com sua abertura para variação constante de ponto de vista parece ir de encontro à citada ironia machadiana. Sobre o fechamento inverossímil da peça, Schwarz comenta se apoiando justamente na autoridade de Brecht: "É como a cena final d'*A Ópera dos três vinténs*, de Brecht, em que Mac Navalha está para ser enforcado quando chega o enviado da rainha, que não só o salva como ainda por cima lhe dá de presente um banco. Também não é muito verossímil, mas contribui para a alegria geral".⁷³ Num difícil momento para o jovem intelectual de esquerda, e para a esquerda e setores progressistas do país como um todo, com a frustração reiterada das esperanças de integração alimentadas pelo impulso terceiro-mundista e pela suposta abertura da brecha revolucionária do "desenvolvimento desigual e combinado" em Trótski, o fechamento da peça, com o revide dos "bonecos" negros, coloca um difuso traço utópico no horizonte, algo que raramente aparecerá na obra schwarziana. Talvez não seja forçar demais a interpretação, enxergar nessa reação final da peça, esperança (inverossímil) com a luta armada que se organizava no período.

A esse novo Machado, somam-se no ensaio de 1972 ao menos dois momentos pontuais do pensamento social produzido na Faculdade de Filosofia da USP. Primeiro, a descoberta de Fernando Henrique Cardoso de que a mão invisível do mercado tem cinco dedos, cada qual com desígnio próprio, e portanto, se o movimento geral do capitalismo no século XIX era o de varrer a escravidão para a lata de lixo da história, surpreendentemente varreu também para os confins da periferia (mais exatamente, o Rio Grande do Sul no século XIX),⁷⁴ onde ainda tinha função e valor, portanto atualidade. A pesquisa sociológica de campo revelou que tudo aquilo que até então fora considerado resíduo histórico através do olhar do centro, passava a fazer parte do tempo do mundo. ("Tratava-se de fazer explodir o localismo."⁷⁵)

Depois, Maria Sylvia de Carvalho Franco,⁷⁶ que encontra o padrão bifronte e volúvel no comportamento da classe dos proprietários, e portanto a especificidade do paternalismo à

⁷³ "A lata de lixo da história: chanchada política – conversa com Roberto Schwarz", *Revista Terceira Margem*, v. 18, n. 30, 2014.

⁷⁴ Cf. Fernando Henrique Cardoso, *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015). Ao identificar esse movimento surpreendente do capital, não deixa de denunciar a irracionalidade, a baixa produtividade e a pouca competitividade da produção baseada no trabalho escravo quando colocada em concorrência direta com a produção do trabalho assalariado. Algo que escapa a um crítico bem equipado como Franco Moretti, que insiste nas vantagens competitivas da mão de obra escravizada (cf. *O burguês: entre a história e a literatura*, São Paulo, Três Estrelas, 2014).

⁷⁵ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 226.

⁷⁶ Maria Sylvia de Carvalho Franco, *Homens livres na ordem escravocrata* (São Paulo, Editora Unesp, 2002).

brasileira. Conforme a necessidade, vestiam trajes burgueses e lançavam mão da racionalidade econômica, para no momento seguinte usar e abusar da dependência pessoal e do capricho. Vale mencionar que Maria Sylvia esteve entre as primeiras reações negativas ao ensaio "As ideias fora do lugar", fortemente influenciada pelo título (o de sua resposta não deixa dúvida, "As ideias estão no lugar")⁷⁷ e, salvo melhor juízo, procura acertar as contas muito mais com a teoria da dependência, que tem justamente Fernando Henrique como figura de ponta, do que com o ensaio de Schwarz. Cardoso nesse período já havia lançado *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, livro em que amplia as investigações da formação sui generis do capitalismo no Brasil para o conjunto da América Latina. Vale a ressalva de que apesar da disputa interna ao campo da sociologia sobre a especificidade de nossa formação em relação aos fluxos externos, e conseqüentemente de sua posição na arena política contemporânea, Schwarz irá desfazer as diferenças e colocar ambos num mesmo movimento de investigação dialética do país promovido pela Faculdade de Filosofia da USP, tendo como momento fundador os seminários de estudo de Marx, dos quais havia participado dos dois primeiros grupos.⁷⁸

Por diferentes razões (em Cardoso o impulso reiterado de construir saídas para o país e em Maria Sylvia pela própria limitação imposta pelo objeto de pesquisa, rural e restrito a um único tipo de documentação, processos-crime da comarca de Guaratinguetá), nenhum deles apresentou explicação possível de generalização para a experiência brasileira. Este seria o salto do ensaio de 1972 de autoria do jovem Schwarz. "O esquema das 'ideias fora do lugar' [...] estava pronto"⁷⁹; "cheguei à construção do meu esqueminha"⁸⁰.

O modelo crítico construído nas vinte páginas que levaram cerca de cinco anos para finalmente encontrarem seu lugar (primeiro capítulo de *Ao vencedor as batatas*) ultrapassa o âmbito da crítica literária. Para avaliar o acerto mimético do romance realista em sociedade periférica (partindo de José de Alencar e atravessando as duas fases do romance machadiano, isso já alcançando o segundo livro dedicado a Machado, *Um mestre na periferia do capitalismo*, de 1990), era necessário desenvolver o que ainda não fora construído pela historiografia: *um esquema da experiência social do Brasil independente e escravocrata*.⁸¹

⁷⁷ *Cadernos de Debate*, n. 1 (São Paulo, Brasiliense, 1976).

⁷⁸ A ideia infla o Seminário e estabelece um "projeto coletivo da dialética que estava em andamento, pautando as pesquisas". "Algumas pessoas não se bicavam e, se você dissesse que tinham feito trabalhos complementares, não ficariam satisfeitas. Mas a verdade é que daria para mostrar que tudo aquilo está interligado e se articula". (*Seja como for*, cit., p. 281)

⁷⁹ *Ibidem*, p. 290.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 99.

⁸¹ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 13.

Um olhar detido para as características formais do ensaio pode nos ajudar a compreender de que maneira Schwarz constrói seus modelos históricos, e, no sentido contrário, a própria coerência mimética dos seus textos. O principal elemento constitutivo do tecido narrativo de "As ideias fora do lugar" é a *importação de lugares-comuns da historiografia*, e também de resumos extremos de obras ou ideias alheias, muitas vezes na forma da paráfrase (irônica, quando necessário). Esses ready made são incorporados ao ritmo do texto com precisão, sem qualquer tipo de apresentação, exemplo ou justificativa de escolas e teóricas, o que pode levar o leitor a os considerar, precipitadamente, como se fossem de autoria do próprio autor do ensaio. Também é capaz de abrir uma nova explicação (para além do título irônico) para certos mal-entendidos de interpretação do ensaio. As ideias externas adquirem portanto feição de esquema (algumas vezes sem autoria definida). Nas brechas entre esse arranjo de esboços, Schwarz testa suas ideias contra-intuitivas e constrói modelo explicativo próprio.

Em entrevista sobre a utilização de ideias alheias, o crítico esclarece o próprio estilo, indo de encontro com o que propomos: "O ponto é que não sou contra a imitação, muito pelo contrário. Parece que isso não ficou claro no livro. Os alertas contra a imitação *eram irônicos, são paródia das preocupações conservadoras* com a integridade nacional. [grifo nosso]".⁸²

Para provar um ponto-chave do ensaio, a saber, "a impropriedade de nosso pensamento [...] presença assídua, atravessando e desequilibrando, até no detalhe, a vida ideológica do Segundo Reinado", Schwarz cita uma das passagens mais conhecidas da historiografia brasileira: "Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra".⁸³ O que poderia ser apontado como conhecimento superficial ou clichê, ganha potência no encaixe bem ajustado ao corpo do texto. Isso através da velocidade com que se articula à ideia seguinte. O que também pode explicar certa dificuldade dos leitores nos primeiros contatos com a obra schwarziana. É preciso alguma familiaridade com o estilo para extrair o significado envolvido na trama densa do texto, formada por todos esses difíceis encaixes, paráfrases e contra-intuições originais.

Segundo o crítico, os três parágrafos iniciais das "Ideias fora do lugar" tratam de lugar-comum na historiografia. A saber, o desajuste das ideias liberais no Brasil oitocentista escravocrata. Se é lugar-comum, está pressuposto que é de conhecimento geral. No entanto, no meio desse bloco, ocupando meras seis linhas, está a definição, bem como o nome dado

⁸² Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 125.

⁸³ Sérgio Buarque de Holanda apud Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 13.

por Schwarz ao fenômeno, da "comédia ideológica", que figuraria no centro de diversos debates subsequentes. Trata das grandes abstrações geradas pela burguesia europeia que não encontram ponto de contato com o andamento específico da realidade periférica; ideologias que "não descrevem sequer falsamente a realidade".

Alfredo Bosi investiria para desmontar este que é o centro do ensaio.⁸⁴ Sua investigação minuciosa das funções e aplicações do liberalismo (com variantes) na constituição de ideais e instituições da nação independente tem interesse evidente, no entanto desvia do assunto, uma vez que Schwarz jamais negara o papel dessa ideologia para a vida das ideias no país, dito textualmente no ensaio em questão, com peso inclusive de transformação radical: "[ideias liberais] foram revolucionárias quando pesaram no Abolicionismo".⁸⁵ A questão está em outra parte. O que Schwarz propõe é um funcionamento próprio para essas ideias, possibilitando a abertura para um novo entendimento da experiência brasileira, com implicações para os estudos do passado, do contemporâneo e, evidentemente, para a compreensão da obra machadiana (desdobramento imediato do ensaio).

No quarto parágrafo, o crítico propõe analisar aquilo que considera pouco estudado até então: razões e efeitos desse lugar-comum. Mesmo aqui, onde se espera originalidade, ela surge na articulação de novos modelos prontos. Frases superficiais armam o quadro histórico, no mesmo movimento que afastam Schwarz de qualquer mistificação do caráter nacional ou de explicações culturalistas. De Sérgio Buarque vamos ao não citado, mas presumido, "sentido da colonização" de Caio Prado Jr.: "*Como é sabido* [grifo nosso], éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro do mercado externo. [...] comércio internacional, para onde nossa economia era voltada".⁸⁶ Schwarz parte então da ideia mais conhecida de Caio Prado, e avança. Tudo ia para fora, o que não impedia a criação de conexões internas problemáticas e de difícil verificação, "escolava [...] uma pequena multidão" no "raciocínio econômico burguês". Do processo de independência também se fizeram sentir por aqui "ideias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais". A variedade desse fluxo, no entanto, não é especificada ou mesmo exemplificada. O que não é lugar-comum, e aliás, é de difícil interpretação documental, entra portanto nessa sequência de esquemas e fica aceito como sendo mais um dado "conhecido de todos".

⁸⁴ Cf. a análise minuciosa de Bosi sobre a função das ideias liberais no Brasil oitocentista em: "Entre dois liberalismos", em *Dialética da colonização* (São Paulo, Companhia das Letras, 1992).

⁸⁵ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 26.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 13.

A explicação de Schwarz para o desencaixe prático, além de moral, desse conjunto de ideias gerado num processo histórico diverso, com o dominante sistema de produção baseado na mão de obra escravizada, aciona a pesquisa de Fernando Henrique Cardoso sobre a escravidão tardia na produção de charque no sul do país e sua incapacidade de competir com a produção baseada no trabalho assalariado do outro lado da fronteira argentina.⁸⁷ As ideias, portanto, além de estarem no lugar certo, não flutuam sem eira nem beira, apesar de todo tipo de incompatibilidade entre elas e a ex-colônia. Do ritmo histórico irregular e global do capitalismo e a partir da pesquisa da característica específica da nação independente oitocentista em Fernando Henrique Cardoso, surge no ensaio algo tão novo quanto perturbador: o senhor de escravos como imagem do capitalista puro (mais consequente que um Adam Smith e sua consciência dividida entre lucro e liberdade), pelo menos enquanto a escravidão se mostrou mais rentável que o trabalho assalariado.⁸⁸ Esquemas curtos, lugares-comuns, paráfrases irônicas e o olhar contra-intuitivo começam a construir um esboço da feição do país novo, bem como do tempo da ex-colônia. O senhor de escravos como capitalista puro restabelece a relação entre a colônia supostamente atrasada e o futuro do capitalismo globalmente dominante (a fantasmagoria lukácsiana). O tempo passado reflui no presente do mundo. E a feição desse capitalista proprietário de escravos ganharia peso histórico concreto como tipo social na figura de Brás Cubas.

O argumento avança no parágrafo seguinte mobilizando novos autores e ideias. Uma pausa revela que o fluxo das ideias importadas é ainda mais complexo do que poderia parecer se "simplesmente" aceitássemos a "comédia ideológica", ou seja, se nos contentássemos em extrair conclusões a partir do contrasenso evidente entre liberalismo e escravidão. Surge questionamento original: apesar do desencaixe total entre ideologia e realidade, uma vez que no segundo termo está ausente o trabalho assalariado, base de funcionamento do liberalismo, por que essas "dificuldades permaneciam curiosamente inessenciais? *O teste da realidade não parecia importante*. É como se coerência e generalidade não pesassem muito, ou como se a esfera da cultura ocupasse posição alterada cujos critérios fossem outros — mas outros em relação a quê?" [grifo nosso].⁸⁹ O movimento ideológico da ex-colônia está portanto em outra relação. Schwarz inclui no debate o esquema do ensaio que formara sua plataforma de pesquisa: "Dialética da malandragem", de Antonio Candido.⁹⁰ Continua Schwarz. A

⁸⁷ *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*, cit.

⁸⁸ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 14-5.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 15.

⁹⁰ Cf. "Pressupostos, salvo engano, da 'Dialética da malandragem'", em *Que horas são?* (São Paulo, Companhia das Letras, 1987), p. 129-57.

colonização, "esquematizando", produzira "três classes de população: o latifundiário, o escravo e o 'homem livre', na verdade dependente". Se entre liberalismo e escravidão havia fosso intransponível, a solução para o funcionamento da trama ideológica da ex-colônia estava entre duas das três classes identificadas, a saber, proprietários e homens livres, que se articulam através do mecanismo do favor. "[...] com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressaltada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força."⁹¹

Os dois parágrafos seguintes entram na matéria da relação entre favor e liberalismo. De saída, e a partir dessa relação, esboça a original peculiaridade da experiência brasileira: "O escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular".⁹² O padrão particular depende do lugar do país novo na ordem global constituída pelo capital. Se na Europa a pessoalidade do favor havia sido derrubada pelos valores abstratos e universais da razão iluminista, no mesmo movimento em que a burguesia deixara para trás a ordem feudal, nós "não estávamos para a Europa como feudalismo para o capitalismo", éramos desde sempre uma invenção do capitalismo (no início, comercial). O desequilíbrio entre a posição rebaixada da ex-colônia importadora de ideias e o centro hegemônico do capital nos colocava em situação desconfortável: "no campo dos argumentos prevaleciam com facilidade, ou melhor, adotávamos sofregamente os que a burguesia europeia tinha elaborado contra arbítrio e escravidão; enquanto na prática, geralmente dos próprios debatedores, sustentado pelo latifúndio, o favor reafirmava sem descando os sentimentos e as noções em que implica".⁹³ O mecanismo do favor estabelecia relação entre pólos de poder violentamente desequilibrados, e o uso e abuso das ideias liberais penderia para o lado do proprietário: "adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificativa, nominalmente 'objetiva', para o momento de arbítrio que é da natureza do favor".⁹⁴ Assim, o que parecia inconciliável, encontra solução na desfaçatez (e nas relações desiguais) da classe proprietária do país.

Armado o esquema histórico, o crítico apresenta exemplos do funcionamento desse complexo de "ideologia de segundo grau", em que as ideias liberais eram num mesmo passo "impraticáveis" e "indescartáveis". Os exemplos levantados são variados, da mesma forma

⁹¹ Mesma força que fez com que até fins de 1968 os militares se abstivessem do debate ideológico. Cf. "Cultura e política, 1964-1969", cit., p. 85.

⁹² Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 17.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Ibidem, p. 18.

que Schwarz havia feito em "Cultura e política, 1964-1969", para demonstrar sua hipótese da cultura de esquerda hegemônica fechada em circuito burguês próprio, pós-golpe. A plausibilidade parece sugerir, pela variedade de exemplos, que toda a experiência brasileira no período respondia ao modelo. Que vai da imprensa até a arquitetura, passando pelo *Quincas Borba* de Machado e chegando à "letra de nosso hino à República, escrita em 1890, pelo poeta decadente Medeiros de Albuquerque",⁹⁵ ou seja, avançando para além do tempo do Império, e recobrando instâncias muito variadas da vida nacional. Os exemplos, além de conectarem o modelo à realidade, algo que de acordo com o argumento do ensaio falhava quando era realizado sem qualquer mediação local entre liberalismo e a dinâmica específica da nação, oferecem uma folga na trama cerrada do texto do ensaio.

A carga de falsidade da aplicação do complexo ideológico liberal diretamente no Brasil Império escravista, seria evidentemente de fácil denúncia. Schwarz tem consciência, mas se interessa pelo seu movimento (de inspiração claramente marxista), "de que ela, a falsidade, é parte verdadeira". Assim retornamos ao "programa" schwarziano de estudo da nota específica da dinâmica histórica brasileira (e periférica): "Conhecer o Brasil era saber destes deslocamentos, vividos e praticados por todos como uma espécie de fatalidade". Fatalidade que acanhava o nosso meio intelectual oitocentista e, a partir do ensaio em questão, coloca outra dimensão de problemas para as futuras interpretações do país, inclusive para o desdobramento do pensamento do próprio Schwarz.

"As ideias fora do lugar" passam a fazer parte desse longo fio histórico de nossos esforços de entendimento do país, libertando a pesquisa deste fim de mundo para voos mais altos. Se na Europa houve esforço intelectual de peso e coletivo para a formulação da "crítica da economia política", desmascarar a impossibilidade da plena realização das promessas de liberdade individual inauguradas pelo liberalismo, em franca contradição com a natureza geradora de desigualdades do capitalismo, era movimento intuitivo da vida do pensamento no Brasil oitocentista. Nesse passo, "nossas esquisitices nacionais" ganhavam força nos grandes debates do tempo.⁹⁶ Uma constelação histórica específica passava a medir o mundo. Ou como queria Fernando Pessoa no *Livro do Desassossego*, "O Ganges também passa pela Rua dos Douradores".

⁹⁵ Ibidem, p. 24.

⁹⁶ Exemplo de aproveitamento da abertura proporcionada pelo ensaio ao pensamento social brasileiro, está em Paulo Arantes, que em ensaio já clássico, não só mede o mundo através das nossas bizarrices, como as elege como padrão futuro desse mesmo mundo que um dia nos mediu. O texto ganhou edição em livro independente: *A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização* (São Paulo, Editora 34, 2023).

Em outras palavras, ao estudar o funcionamento das ideias de prestígio mundial na periferia do capitalismo, tornava-se não só possível, mas desejável, que se tratasse do seu funcionamento no núcleo orgânico do capital.

"[...] a própria desqualificação do pensamento entre nós [lugar-comum central do início do ensaio e novamente aqui no fechamento], que tão amargamente sentíamos, e que ainda hoje asfixia o estudioso do nosso século XIX, era uma ponta, um ponto nevrálgico por onde passa e se revela a história mundial." Ou ainda: "[...] embora lidando com o modesto tic-tac de nosso dia a dia, e sentado à escrivaninha num ponto qualquer do Brasil, o nosso romancista sempre teve como matéria, que ordena como pode, questões da história mundial [...]"

A novidade não foi pouca. E hoje se encontra no fio da navalha após a voga pós-moderna desqualificar o conhecimento crítico acumulado lentamente por essa via específica de interpretação do Brasil, que não começa com Schwarz, mas tem nele um ponto alto. "Ao que parece a crítica dialética pode ter sido um breve interregno. A não ser que as novas gerações, solicitadas pelos impasses de nosso tempo e pela necessidade de superá-los, a recuperem para a vida [...]", afirmou Schwarz durante cerimônia de outorga do título de Professor Emérito pela Unicamp em 20 de outubro de 2022.

Se nossa análise da forma literária em Schwarz funciona para explicar a especificidade do modelo teórico desenvolvido para compreensão da experiência brasileira, agora cabe acompanhar o desenvolvimento dessa trajetória, ou seja, sua fatura ao longo dos anos e ensaios. A "sondagem do contemporâneo", desafio e abertura estabelecidos por ele mesmo no texto de 1972, passa a nortear nossa leitura da obra schwarziana.

A expressão aparece mais de uma vez no texto que melhor sintetiza e organiza o que seria o seu "programa" para a crítica literária: "Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'". Sempre avesso a debates teórico-metodológicos áridos, o tal "programa" se estabelece a partir de uma leitura cerrada do ensaio de Antonio Candido, o que permite a aferição do método e não apenas a adesão em abstrato.⁹⁷ Contraditoriamente, o "programa" tem algo de justificativa, uma vez que é publicado em 1979 (analisando texto de Antonio Candido de 1970), portanto dois anos após o lançamento do primeiro volume de seus estudos

⁹⁷ Antonio Candido já discutira questões de método diversas vezes antes da publicação de "Dialética da malandragem". No mesmo ano de publicação do ensaio sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida, saía "Literatura e subdesenvolvimento". Anos antes, o volume *Literatura e sociedade*, reunindo textos de finais dos anos 1950 e início dos 1960, todo ele dedicado ao debate teórico sobre a relação entre literatura e sociedade/história.

sobre o ciclo de romances machadianos, que teve como introdução "As ideias fora do lugar", já operando largamente a dialética da forma artística e do processo social em condição periférica.

Se para a historiografia, ao menos desde *Apologia da história ou o ofício do historiador* de Marc Bloch, a figura do historiador está mais próxima do ogro que fareja a carne humana do que do erudito isolado na biblioteca, ou seja, o presente é o alvo e interesse principal da pesquisa, no âmbito da crítica literária esse tipo de afirmação mereceria algumas nuances. Não são poucas as escolas consagradas a se dedicar exclusivamente a investigar os mecanismos internos de funcionamento de um texto, abarcando do New Criticism norte-americano até a virada linguística francesa iniciada na década de 1960, e desde então hegemônica.⁹⁸ Assim, sondar a dinâmica social do seu próprio tempo como programa forte no interior da crítica literária (com todas as peculiaridades discutidas acima), é algo que merece ser sublinhado. E avaliado em seus resultados.

⁹⁸ Para uma pequena genealogia da virada linguística na crítica literária a partir do conceito de grau zero em Barthes, cf. Leda Tenório da Motta, "Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista: sobre *O grau zero da escritura*", *Alea* 12 (2), dez. 2010.

A sondagem do contemporâneo

Em 1965 é lançado *A sereia e o desconfiado*, primeira reunião da produção ensaística de Roberto Schwarz. Contém seis ensaios sobre literatura brasileira, oito sobre estrangeira e, encerrando o volume, a análise do *8 ½* de Fellini. Em termos de sondagem do contemporâneo, o livro tem interesse relativo. Talvez não seja exagero afirmar que hoje seja lido exclusivamente por estudiosos de sua obra, como talvez o próprio Schwarz tenha reconhecido, ao não estimular reedições nas editoras que passaram a acolher sua obra madura (editoras 34 e Companhia das Letras). O "tateamento do contemporâneo", no entanto, importa para a compreensão dos primórdios da busca pela formulação de um modelo próprio de interpretação da peculiar inserção do país no processo de modernização capitalista mundial, algo já identificável nessa produção inicial, mesmo que, como veremos, os resultados ainda fiquem aquém das ambições intelectuais do autor.

O livro gerou repercussão no campo da crítica literária brasileira. O jovem intelectual desfazia, em ensaios que já enfrentavam sem reverência nomes de peso da literatura nacional e mundial, qualquer formulação do caráter inefável da arte, desmanchava metafísicas arraigadas, se afastava da crítica impressionista e dava um primeiro passo em direção a um novo capítulo da teoria crítica, a saber, sua aplicação em sociedade que negava a sequência das etapas históricas que serviram de base para a formulação da crítica da economia política. O passo inicial no entanto conta como tentativa frustrada. E é justamente nessa falha, que tem início o esboço daquilo que no próximo livro de ensaios do autor se configuraria como um país-problema.

Três resenhas (todas elas publicadas no Suplemento Literário do *Estadão*), vindas de intelectuais com formação distinta, registraram a chegada do livro com entusiasmo. Luiz Costa Lima anotou justamente a maneira particular do crítico lidar com o processo social em literatura, ou, em seus termos, com o "dato histórico", que "não forma como que a atmosfera do texto. Ele se impregna no seu próprio tecido. Assim, a obra de R. Schwarz nos demonstra que a crítica brasileira já se faz capaz de dar um novo passo adiante". Já Boris Schnaiderman comenta a abrangência intelectual e de referências da análise dos textos literários: "a obra literária incorpora a um todo estético elementos de nosso mundo que podem ser analisados pela sociologia, pela psicologia, pela economia etc., o crítico utiliza um método que abrange elementos dessas diferentes ciências". E, por fim, José Guilherme Merquior, com quem Schwarz manteria diálogo ao longo do tempo, afastava o crítico de um modelo rígido de

influência luckasiano: "Schwarz supera as limitações de Lukács. Em sua inteligentíssima compreensão de estilos não realistas, como o de Kafka e de Fellini [...]".⁹⁹

No entanto, o debate sobre *A sereia e o desconfiado* seria quase inteiramente sequestrado pela resenha negativa do filósofo e amigo de Roberto Schwarz, Bento Prado Jr, com a publicação da crítica "A sereia desmistificada" (1968), que até hoje ecoa e faz o livro girar em falso.¹⁰⁰ Os questionamentos de Bento Prado aos ensaios de Schwarz seguem a linha geral das ideias sobre literatura inauguradas pelo Michel Foucault de *As palavras e as coisas*, que apresentou alguns capítulos do livro em primeira mão para uma plateia da USP, no mesmo ano do lançamento de *A sereia e o desconfiado*. Entre os ouvintes, alguns integrantes do seminário Marx: Giannotti, Ruy Fausto e Roberto Schwarz.¹⁰¹ Esquematisando, a literatura moderna seria marcada pelo completo rompimento entre arte e referente; o conceito de representação (e portanto de mimesis) pertenceria à episteme clássica (nos termos de Foucault e de suas perfurações arqueológicas verticais no tempo) e dessa forma estaria desautorizado (enquanto anacronismo) desde o advento da episteme moderna. Não faria portanto sentido algum a busca por qualquer transparência entre as palavras e as coisas do mundo. O que desqualificava o tipo de análise que Schwarz buscava fazer nos moldes do primeiro Lukács, da chamada Escola de Frankfurt e de Antonio Candido, ao buscar desvelar processos sociais supostamente cifrados pela forma artística, se distanciando das análises sociológicas que cercavam o objeto literário por meio de elementos externos, a saber, a própria sociedade conhecida (que confirmava ou negava o conteúdo das obras) e também por certo fetiche pelas biografias (que indicariam a gênese dos livros).

Ao seguir a linha aberta por Foucault, Bento Prado ignora em grande medida os achados de Schwarz no livro, que não foram poucos (basta pensar, por exemplo, nas contribuições sobre o narrador em *Grande sertão: veredas* e em *Perto do coração selvagem*; e também do estilo em Kafka), ao confrontá-lo com generalizações filosofantes da literatura. Apesar do filósofo ter reavaliado sua análise a favor do livro mais de trinta anos após a publicação da crítica,¹⁰² isso não impediu que o debate, datado devido o desenrolar futuro do pensamento de Schwarz, retornasse nos mesmos termos, como no último capítulo do livro de Vladimir

⁹⁹ Luiz Costa Lima, "Schwarz e a crítica nacional", Suplemento Literário, *O Estado de São Paulo*, 11 dez. 1965; Boris Schnaiderman, "A tímida sereia e o crítico desconfiado", Suplemento Literário, *O Estado de São Paulo*, 30 jul. 1966; José Guilherme Merquior, "A crítica de Roberto Schwarz", Suplemento Literário, *O Estado de São Paulo*, 5 fev. 1966.

¹⁰⁰ *Teoria e prática*, n. 2, 1968, pp. 58-73, reunido em *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise* (São Paulo, Paz e Terra, 2000), p. 201-17.

¹⁰¹ Cf. Caio Liudvik, "Foucault no Brasil", *Cult*, 16 jun. 2014.

¹⁰² Cf. Bento Prado Jr., "Retoques a uma sereia desmistificada", Caderno Mais, *Folha de S.Paulo*, 31 out. 2004. Acesso em: 3 mar. 2023.

Safatle, *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. "Há algo de embaraçoso nesta 'retomada' [de Safatle]", afirma Raphael F. Alvarenga em ensaio que apresenta importante síntese de *A sereia e o desconfiado* e do avanço do método schwarziano de crítica imanente em comparação com o da chamada French Theory, demonstrando por fim que sem adesões automáticas a escolas e preferências, o ensaio de Bento ainda pode ser desdobrado no debate contemporâneo informado.¹⁰³

Voltando ao livro, o bloco de ensaios sobre literatura brasileira fora anteriormente publicado no Suplemento Literário do *Estadão*. A colaboração de Schwarz com o caderno se inicia em 1958, quando o autor tinha cerca de vinte anos e ainda cursava a graduação em ciências sociais na Faculdade de Filosofia da USP, a convite de Antonio Candido, e termina em 1966. (No livro de 1965 estão presentes apenas ensaios publicados em 1960 e 1961.) Antonio Candido convida Schwarz a colaborar com o suplemento do *Estadão* após ler uma resenha sua do *O amanuense Belmiro*, publicada no suplemento literário do *Última Hora*. "Foi assim que começaram as nossas relações."¹⁰⁴ Esses ensaios também nos apresentam às suas primeiras tentativas de crítica dialética, já em parte influenciado pelo grupo de estudos do Seminário Marx, com sua leitura rigorosa (e coletiva) de *O capital*, afastada da ortodoxia (então dominante) do PCB e da influência soviética, mas no mesmo passo, alterando o roteiro do método para a agenda própria do país em fase de industrialização desenvolvimentista; pelo acompanhamento atento dos escritos de Antonio Candido (e também de suas intervenções públicas, como durante o Segundo Congresso de Crítica Literária de Assis de 1961); através da presença latente de Anatol Rosenfeld; e da camaradagem da intelectualidade boêmia da então provinciana São Paulo.¹⁰⁵ Muitas dessas forças presentes em sua obra serão tratadas reiteradamente com distanciamento temporal pelo crítico, o que coloca desafio extra a um caminho já naturalmente complexo: o das influências. Enfrentar o emaranhado de pensamento e afeto fortemente controlado por parte interessada, a saber, a do próprio Schwarz, pode por fim encontrar apenas o que fora estabelecido por ele mesmo.

Durante a chamada "república populista" no Brasil, que se inicia com o fim da Segunda Guerra Mundial e se encerra no golpe de 1964, a proliferação de revistas e jornais estimula, de um lado, o debate público (dando impulso ao aparente movimento integrador de enormes

¹⁰³ Raphael F. Alvarenga, "A sereia e o desavisado: ideologia francesa, crítica dialética e a 'matéria brasileira'", *sinaldemenos.org*, ano 11, n. 14, v. 2, 2020.

¹⁰⁴ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit. p. 274.

¹⁰⁵ Sobre os "adoradores da estátua", como era conhecido o grupo da intelectualidade boêmia que se reunia na Biblioteca Municipal de São Paulo, cf. depoimento de Manoel Carlos em "Biblioteca Mário de Andrade – Projeto Memória Oral", 20 nov. 2008.

faixas de excluídos da população que o país parecia prestes a realizar) e, do outro, oferece testemunho da temperatura social do período. "A efervescência político-cultural, religiosa e educacional é enorme, com figuras como [...] Niemeyer, Darcy, Ferreira Gullar, o pessoal do jornal *Pasquim*, e os suplementos literários dos jornais *O Estado de S. Paulo* [...]"¹⁰⁶ O Suplemento Literário do *Estadão*, idealizado por Antonio Candido e dirigido ao lado de Décio de Almeida Prado,¹⁰⁷ surgia como parte de mais uma investida do movimento anti-nacionalista (anti-getulista) da família Mesquita. Que buscava tirar a produção cultural da tutela do Estado forte e centralizador, herdado diretamente da ditadura do Estado Novo. O Suplemento funcionava como corpo independente ao jornal, espécie de revista de cultura, equilibrando a linguagem jornalística e o debate acadêmico (síntese precisa do movimento crítico iniciado em São Paulo pelo grupo da revista *Clima*).¹⁰⁸

No entanto, o jovem Schwarz ainda não se apresentava à altura do esforço intelectual de compreender, através de resenhas literárias, o andamento específico da sociedade na qual fora inserido graças ao exílio dos pais. Os ensaios de literatura brasileira são no todo apagados quanto à sondagem do contemporâneo. Sem um esquema histórico pré-estabelecido, o método patina, ou é frustrado antes mesmo de sua aplicação. Se foi dito que o ritmo específico da sociedade, até então desconhecido, pode ser encontrado na forma literária, parece razoável supor que esse tipo de achado não descarta o conhecimento prévio de aspectos do processo social a ser investigado, e que é no balanço entre as duas formas, a artística e a social, que novas camadas, até então impensadas, podem surgir. Portanto o que era insuficiência de acúmulo crítico do campo intelectual, aparece para Schwarz como obras realistas de baixa voltagem, que em larga medida desrespeitavam a autonomia literária necessária ao romance moderno, e assim não se abriam à interpretação almejada pela crítica dialética (a régua lukácsiana mede esses resultados exaustivamente em *A sereia*). De acordo com as resenhas de Schwarz, a mão inabilidosa de nossos autores impedia que o nexo entre a literatura e a forma objetiva de reprodução da sociedade burguesa periférica se revelasse ao intérprete.¹⁰⁹

Já no bloco dedicado à literatura estrangeira, produzido durante o mestrado em crítica literária em Yale, a despeito do estilo pouco resolvido (repleto de apresentações, justificativas

¹⁰⁶ Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil: uma interpretação*, cit., p. 762.

¹⁰⁷ Cf. Elizabeth Lorenzotti, *Suplemento Literário, que falta ele faz: 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural* (São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2007).

¹⁰⁸ Sobre essa primeira geração de "críticos puros" ligados à revista *Clima*, cf. Heloisa Pontes, *Destinos mistos* (São Paulo, Companhia das Letras, 1998).

¹⁰⁹ Essa problemática foi bem estudada em tese de doutorado de Maurício Reimberg, "A crítica de Roberto Schwarz (1958-1968): um percurso atravessado pelo golpe de 1964", FFLCH-USP, 2019.

e considerações finais articuladas com mão pesada no corpo dos ensaios, talvez exigência dos *papers* norte-americanos, ou questões mal resolvidas de tradução, já que foram escritos originalmente em inglês), os resultados são de outra natureza. Mas, salvo melhor juízo, também pecam pela ausência de modelos históricos anteriormente bem construídos que, neste caso, com nítida vantagem, são substituídos por esquemas abstratos. Entre a forma literária e o processo social, aparecem, por exemplo, o liberalismo (Dostoiévski), a crítica do valor (Balzac), o mito (Kafka). Schwarz não se furta a enfrentar os grandes autores da literatura mundial, o que nos faz questionar se seria possível para um único pesquisador realizar o mesmo trabalho que Schwarz viria a fazer com Machado de Assis para outros romancistas centrais do modernismo, cada qual ancorado em tempo e espaço distintos, cada qual com especificidades próprias, a gerar toda uma variedade de problemas à literatura e à sua interpretação. Basta formular o problema para conhecer a resposta.

Método ainda sendo calibrado, desconhecimento do necessário acúmulo histórico, dispersão de foco, tudo reunido e contando do lado das barreiras à sondagem do contemporâneo, não impediram que em diversas passagens do livro, antecipações preciosas da construção do modelo crítico das "Ideias fora do lugar" fossem articuladas e esboçadas de maneira original.

O funcionamento das ideias em país periférico, com força de desvelamento do processo social que escapava à regra dos países que se situavam à frente do desenvolvimento capitalista industrial, como visto, só aparecerá claramente na obra de Schwarz com "As ideias fora do lugar". No entanto, não nos parece acidental que uma das formas de validação do modelo tenha sido a comparação da adaptação da forma romance em Machado de Assis com processo semelhante na melhor literatura russa do século XIX. Onze anos antes da publicação das vinte e poucas páginas que formariam o ensaio de abertura de *Ao vencedor as batatas*, Schwarz escreve "Para uma fisionomia de *Os demônios*", e, mesmo desconhecendo as engrenagens da formação social russa, levantou insights preciosos (para uso futuro).

"Dostoiévski mostra um mundo em que as ideias não têm compromisso algum com a verdade",¹¹⁰ anota o crítico. O caricato (na comparação com o modelo europeu) Stepan Trofimovitch ilumina o caminho da peculiaridade da utilização das ideias liberais em solo social distinto ao do seu desenvolvimento. Schwarz irá extrair o essencial: "Nem falsas nem verdadeiras, as ideias tornam-se mais ou menos oportunas".¹¹¹ No texto de 1972, a respeito da malta que surge nos romances do russo, poderíamos muito bem estar lendo uma descrição

¹¹⁰ Roberto Schwarz, *A sereia e o desconfiado*, cit., p. 75.

¹¹¹ *Ibidem*, 76.

dos *demônios* do livro de Dostoiévski: "Estes homens esclarecidos mostram-se alternadamente lunáticos, ladrões, oportunistas, crudelíssimos, vaidosos, parasitas etc."¹¹² E por fim, o salto em direção à realidade brasileira (onze anos depois da temporada em Yale, já no exílio parisiense): "O sistema de ambiguidades assim ligadas ao uso local do ideário burguês — uma das chaves do romance russo — pode ser comparado àqueles que descrevemos para o Brasil".¹¹³ A constante alteração de pontos de vistas operada pelo romancista russo guarda relação direta com a volubilidade de Brás Cubas, e de maneira mais abrangente, com a ironia (realista) de Machado. O jovem crítico aprendia, provavelmente ainda sem muita clareza do uso que ainda faria dessas descobertas, sobre Machado de Assis e o Brasil, lendo Dostoiévski em New Haven.

Também não é acidental que, no mesmo livro, ao analisar um segundo romance de Dostoiévski, em "O mano capeta do liberalismo", a atenção de Schwarz recaia sobre o detalhamento do funcionamento dessa ideologia, uma vez mais em terreno estranho à sua elaboração teórica. De uma experiência periférica que inevitavelmente caminha para a autodestruição, os segredos totalitários do poder central são então revelados. Com o suicídio, ou a loucura, final do personagem de *O duplo*, o liberalismo se revela como sócia do totalitarismo, sem brecha, por mais estreita que seja, para redenções de qualquer natureza. (O que se aproxima a princípio com a linha histórica traçada por Losurdo, como visto anteriormente.)

Se o ritmo específico de uma experiência histórica não é desvelado pela crítica dialética colocada em prática por Schwarz no bloco de autores estrangeiros que, no geral, respeitam, segundo o crítico, a autonomia literária exigida pelo romance realista bem realizado, o debate sobre o funcionamento do liberalismo, com seus usos e abusos de diferentes escalas e interesses, em diferentes situações (principalmente as periféricas), representa um acúmulo para que Schwarz opere suas futuras sondagens do seu próprio tempo.

Como dito pelo próprio Schwarz,¹¹⁴ a política naquele início de anos 1960 ainda não tocara sua vida. O que não o impedia de, com os olhos fixos nas letras miúdas dos livros, enxergar certa peculiaridade da "atrasada" Rússia do Oitocentos a partir do prepotente império norte-americano do pós-Segunda Guerra,¹¹⁵ e notar o rendimento, ou no mínimo a

¹¹² Idem, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 28.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Após retornar de Yale "[...] veio a efervescência política, que me pôs outras ideias na cabeça" (*Seja como for*, cit., p. 286).

¹¹⁵ "[...] o principal [da estada em Yale] naturalmente foi ver os Estados Unidos de perto, a prepotência do império, o peso de uma grande universidade conservadora, inclusive algumas amostras de macartismo. O meu marxismo se consolidou lá, de birra" (*Seja como for*, cit., p. 287).

importância, dos ziguezagues ideológicos que atravessam as obras produzidas na periferia do sistema, bem como os desequilíbrios entre partes desiguais do mundo organizado por um modo único de produção.

Uma ressalva, se o capitalismo é um sistema dinâmico a atrair todos os aspectos da vida em sociedade com seu emaranhado de relações, e a se propagar pelo planeta num movimento dialético de criação de periferias, semi-periferias e centros relativos, adotamos aqui as categorias de centro e periferia da forma mais abrangente e esquemática possível, sem desconhecimento da complexidade da questão. Periferia diz respeito aqui a países que não controlam a dinâmica da reprodução de suas próprias sociedades, o que abrange boa parte do mundo, e permite a generalização de um modelo crítico; não, portanto, sem ressalvas.

De um lado, o país se movia com Celso Furtado à frente da Sudene, o reaparecimento público de Luís Carlos Prestes, greves, Ligas Camponesas, a poesia de João Cabral de Mello Neto etc., e a "de início não socialista mas libertária"¹¹⁶ revolução cubana; do outro, o desejo difuso do jovem que ainda não compreendia o país de adoção (por seus pais, judeus fugidos da perseguição nazista) como problema, e apenas desejava se "apropriar de uma realidade que não estava em [sua] casa, mas estava em toda parte",¹¹⁷ sentindo a história de seu tempo fluindo através dele de maneira truncada e confusa.

O próximo livro de ensaios de Schwarz, *O pai de família e outros estudos*, foi lançado em 1979 (com ensaios de 1966-1979). Assim, é possível afirmar que no interior de sua produção, trata-se do "livro da ditadura".¹¹⁸ A partir de então, lançando mão de uma divisão artificial mas produtiva, podemos dizer que cada uma de suas coletâneas de ensaios irá cobrir uma década: *Que horas são?* para a de 1980 (publicado em 1987, com ensaios de 1979-1986), *Sequências brasileiras* para os anos 1990 (publicado em 1999, com ensaios de 1988-1999), e, por fim, *Martinha versus Lucrécia* para os anos 2000 (publicado em 2012, com ensaios de 2001-2011).

Dois anos antes, em 1977, é publicada sua tese de doutorado defendida durante o exílio francês sobre os romances machadianos da primeira fase, *Ao vencedor as batatas*. Schwarz investiga a força, e também a fraqueza, desse conjunto de livros, que apesar de não apresentar

¹¹⁶ Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil: uma interpretação*, cit., p. 762.

¹¹⁷ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 44.

¹¹⁸ A periodização de Daniel Aarão Reis situa o fim da ditadura justamente em 1979, com a extinção dos atos institucionais – mesmo que o Estado de direito democrático só tenha se estabelecido em 1988. "Historiador mitos sobre o golpe de 64", em *Folha de S.Paulo*, 30 mar. 2019. Acesso: 15 mar. 2020.

solução formal satisfatória para a realidade do país independente, moderno e escravocrata, ainda assim esbarra no nervo exposto (ou nem tanto) da experiência brasileira: o paternalismo (e começa a notar sua complexidade e resiliência). São romances narrados em terceira pessoa, protagonizados por mulheres astutas que compreendem as armadilhas do tipo de sociedade em que vivem e tentam, a cada novo livro, encontrar nova saída para o abraço abafado do favor. Saídas portanto operacionalizadas pelo próprio Machado para a realidade que o circundava, postura que abandonará na chamada segunda fase. Se a forma era algo convencional, a investigação temática mostrava radar afiado do autor para as engrenagens da sociedade brasileira. Na obra crítica de Machado é possível identificar o movimento que vai do reformismo liberal-romântico ao que talvez possamos chamar de realismo (a acreditar no poder mimético das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como explicado em *Um mestre na periferia do capitalismo*). "Machado de Assis, que no início de sua carreira lançara mão dos ideais românticos principalmente ao tratar do teatro, na década de 1870 manifestava percepção aguda da inviabilidade do projeto de um romance nacional extensivo, ambicioso na abrangência da representação de todo o Brasil e no cálculo de suas possibilidades de circulação pelas diversas regiões e estratos do país".¹¹⁹ No ensaio "Instinto de nacionalidade", de 1873, e no "Ao leitor" das *Memórias póstumas*, a ideia do romance como missão de construção da brasilidade estaria abandonada; no primeiro caso pela busca de um "sentimento íntimo do país" distante do engajamento nacionalista romântico e da busca pelo pitoresco como marca da nacionalidade, no segundo, pela "devastadora sensação de Nada" que está localizada na ponta final da sucessiva e constante quebra das regras.¹²⁰

Voltando ao livro-tese, e os limites do reformismo machadiano segundo Schwarz (o que no entanto não deixava de esclarecer e sublinhar o nexos central da dinâmica daquela sociedade), vejamos o que é revelado sobre a peculiaridade nacional por exemplo no desejo por um bem importado em *A mão e a luva*, por parte da protagonista Guiomar, "que é cética em matéria de Romantismo, e crente quando se trata de vasos de Sévres". "[...] a hegemonia cultural não se limitava às ideias. Mais que nelas, repousava nos objetos de consumo, que importávamos, e que à sua maneira também são veículos de ideologia. [...] Sem descanso, a reprodução do sistema econômico internacional prendia os olhos e desejos da elite brasileira a coisas e ideias sem qualquer continuidade com as nossas relações sociais de base [...]".¹²¹ Da passagem é puxada uma nota de rodapé para abrir diálogo com Celso Furtado, que explica

¹¹⁹ Hélio Guimarães, *Os leitores de Machado de Assis*, cit., p. 99

¹²⁰ Roberto Schwarz, "A viravolta machadiana", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 249.

¹²¹ Idem, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 106.

de que maneira a industrialização voltada para os desejos de atualização da elite via consumo, é dependente de setores agrários e extrativistas da sociedade ("modernidade e desenvolvimento das forças produtivas são complementares da opressão e superexploração de grande parte da população"). O desejo de Guiomar pelo tal vaso, em um romance que busca indicar um convívio aceitável entre modernização e paternalismo, deságua inevitavelmente em hipocrisia, ou, na persistência da forma conservadora da modernização.¹²²

Ao analisar cada um dos romances de Machado em capítulo separado, Schwarz coloca em evidência as diferentes estratégias operadas pelo autor para reformar (ou civilizar) o paternalismo, via ajustes morais na própria classe proprietária. Em cada uma delas, diferentes soluções estilísticas entram em cena e, pelo contraste com o esquema das "ideias fora do lugar", avançam na direção do melhor encaixe entre a forma e o ritmo específico da sociedade. Não cabe aqui esmiuçá-las, mas notar que os pressupostos do decisivo capítulo de apresentação ganham dezenas de matizes nesse processo. Se a forma não atinge ainda a excelência mimética alcançada nas *Memórias póstumas*, a sofisticação analítica de Machado (já então superior aos seus contemporâneos brasileiros, de acordo com Schwarz, na esteira do Antonio Candido da *Formação da literatura brasileira*) amplia consideravelmente o campo de estudo da peculiaridade das relações sociais no Brasil, avançando pelo desenvolvimento psíquico em uma sociedade determinada: "Quem diria que observando o nosso atraso, de que não havia razão para se orgulhar, Machado apurava o sentimento da descontinuidade e da heterogeneidade do processo psíquico, e as suas imbricações com o poder social?"¹²³

Antes de tratar da sequência dos romances machadianos da primeira fase, Schwarz insere após o até então ensaio independente "As ideias fora do lugar", um capítulo sobre os romances realistas e urbanos de José de Alencar. "A importação do romance e suas contradições em Alencar" poderia ser lido como ensaio independente, uma espécie de história da forma romance pelo negativo, uma vez que o ajuste entre sociedade e literatura periférica importadora de gêneros é a régua da análise. A dificuldade e a desvantagem da conquista de um gênero "cujos estímulos vinham e vêm de fora", permite enxergar naquilo que seria falha, a antevisão da "bancarrota da tradição, a que duramente se acostuma o intelectual europeu",¹²⁴ e que sempre fez parte de nossa produção com sua variedade infinita de arbítrios

¹²² A especificidade da nossa modernização para os desejos da elite e seu beco sem saída ao perder a corrida tecnológica foi assunto de estudo de Celso Furtado (Cf. *O mito do desenvolvimento econômico*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974).

¹²³ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 195.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 38.

culturais. A abertura possibilitada pelo ensaio de 1972 explodia na análise da "epopeia burguesa do romance", para ficarmos nos termos de Lukács.

Ao trazer para o centro da dinâmica brasileira os grandes conflitos das sociedades burguesas avançadas atracados ao gênero romance, sem problematizar seu substrato escravocrata, Alencar reitera o velho "dilema de Nabuco", e produz livros realistas descosidos. Os grandes dramas das personagens da *Comédia humana* em relação ao dinheiro e ao interesse rodam no vácuo ao serem transportados para personagens de uma sociedade em que o favor é o mediador universal de conflitos (e também a força pura, no caso da grande faixa de escravizados). Para a crítica dialética, os pontos fracos, no entanto, contam. É neles que está "a melhor contribuição de Alencar à formação de nosso romance [...]". Ao virar as costas para problema que no entanto reconhece, o do "tamanho fluminense" a ser mimetizado por gênero importado com outra ordem de dilemas, revela sua própria posição na sociedade ("apreciava o progresso e as atualidades culturais, a que tinha direito, e apreciava as relações tradicionais, que lhe validaram a eminência"); posição de difícil sustentação lógica (ao menos segundo a lógica burguesa), mas bastante persistente (e naturalizada) em nosso processo social, isso avançando no século XX. Daí Alencar ser, ainda de acordo com Schwarz, a "figura inicial daquela modernização conservadora cuja história ainda hoje não acabou". Basta lembrarmos o desejo de atualização cultural da burguesia urbana atuando como sustentáculo da subida dos generais ao poder com o golpe de 64, como ainda veremos, para ficarmos no recorte histórico do período de produção do livro-tese.

Uma nota paralela ainda sobre a obra, que contraria as opções teórico-metodológicas de Schwarz, está na explicação para o início do que seria a segunda fase machadiana. A virada é justificada através do dado biográfico: a concretização da ascensão social de Muchacho, que passava a se sentir desimpedido para aprofundar a crítica à sociedade em que vivia. Argumento de difícil comprovação, que lançado no varejo das explicações psicológicas não apresenta vantagem que se possa comprovar. Afirma Schwarz: "Em seus romances maduros o arbitrário será encarado com a intimidade humorística de quem se confessa praticante e já não tem o que temer. O ponto de vista passou a ser o de cima".¹²⁵ Caberia perguntar o quão sólida era a posição então recém ocupada por um não proprietário. Ou se é possível esse nível de consciência da própria inserção para se sentir desobrigado e desimpedido das relações sociais, isso em sociedade atravessada de cima a baixo justamente pelo favor, como bem

¹²⁵ Ibidem, p. 231.

sabia o autor em questão. Se a explicação é frágil, fato é que a viravolta na obra de fato acontece.

Da *Sereia* ao *Pai de família*, o salto de qualidade da elaboração literária, e por conseguinte, analítico, é notável. Schwarz passa a avançar em matérias cabeludíssimas. Privilegia, mas não exclusivamente, objetos artísticos para estabelecer debates e inovar na linha interpretativa do país e, notando que ao menos no Brasil, a literatura perdia terreno no debate político e social para formas de arte mais públicas, não se furta a analisar filmes, canções e peças, além de entrevistas, artigos de jornal e o que mais achar necessário para entender a realidade daquele fim de mundo que da noite para o dia se revelava no centro da Guerra Fria (no centro do mundo). Em outros termos, lançaria a análise cerrada onde fosse necessário para enfrentar o então país-problema.

Os textos, muito significativamente, migram no pós-64 da publicação universitária de circuito fechado (*papers* de Yale) e do suplemento de um grande jornal (*Estadão*, que apoiara o golpe), para a imprensa mais combativa, ainda ligada à agitação transformadora do período anterior, com destaque para a revista *Civilização Brasileira* ("de caráter essencialmente nacionalista, terceiro-mundista, [defensora de] uma política externa independente")¹²⁶ e para a *Teoria e Prática* (da qual Schwarz com colegas oriundos do "Segundo Grupo do Seminário Marx" participou da criação e da edição dos quatro volumes elaborados, sendo que apenas três chegaram a ser publicados). Essa segunda edição do grupo de estudos de *O capital* nasce já inserido no movimento de resistência ao golpe, num verdadeiro espírito de pré-guerrilha, enquanto o grupo original havia sido marcado pela ideologia do planejamento e pelo desenvolvimentismo, ao ser iniciado em 1958. (Schwarz participa de ambos.)

De um lado, em *Civilização Brasileira*, a resistência ao golpe era organizada pelo "inevitável" sentido de mudança, ou seja, da suposta rápida superação da ditadura: "A História [o "h" maiúsculo sugerindo convicção no processo] é um processo contínuo de desafio e consequente vitória ou derrota, sendo que tanto as vitórias como as derrotas colocam novos desafios à capacidade criadora do homem"; por um empirismo crédulo no "estudo objetivo de todas as componentes da realidade nacional", que levaria à resolução dos "graves problemas"; e, não menos importante, pelo destaque nesse processo para a figura do intelectual, uma vez que são "eles [os intelectuais] os que, acima de injunções ou posições partidárias, poderão estudar em seus mínimos pormenores a complexidade da vida brasileira".

¹²⁶ Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil: uma interpretação*, cit., p. 823.

Com bastante peso nessa apresentação da primeira edição da revista, de março de 1965 (que trouxe na capa foto de Lênin e a chamada "A Revolução Russa, cinquenta anos de história"), aparece o anti-imperialismo, que no entanto não deveria descambar para o "nacionalismo sentimentalóide" (seja lá o que for isso). Numa rápida batida de olhos no sumário da edição de estreia (que trouxe o retardatário ensaio de fechamento de *A sereia e o desconfiado*, "8 ½ de Fellini", de Schwarz), é possível generalizar esse movimento de resistência nos moldes do que ainda não se entendia como um período superado, o da "república populista" – liberal-democrático, desenvolvimentista, reformista, anti-imperialista, urbano e fortemente baseado na "ideologia do planejamento"; ainda crente em fóruns de discussão internacional como Cepal e ONU (em ambos o brasileiro Celso Furtado teve posição de relevo) para a superação do "atraso" (subdesenvolvimento) do país. Estão lá figuras da envergadura do próprio Furtado e também de Otto Maria Carpeaux e Carlos Heitor Cony.

Do outro lado, *Teoria e Prática*. Inspirada na britânica *New Left Review*, tratou-se de publicação anti-capitalista, ou, se preferirmos, crítica ao capital. A apresentação da primeira edição, de 1967, escrita por Sérgio Ferro e por Schwarz, questiona de saída o alcance e poder de mobilização real de uma revista publicada para "uma fração da fração alfabetizada e bem posta do país"; crítica sem barateamento, alienação ou autoindulgência: "Entretanto, a miséria e o despreparo nacional não tornam mais simples as questões da prática ou teoria, cuja simplificação tem parte no que aconteceu em 64". Distante de qualquer confiança empirista, os excluídos são a referência da revista, "definem limite, situação e tarefa da palavra escrita, que se não sabe deles não sabe de si nem serve". Também distante da tão alardeada, mas pouco refletida, postura anti-*yankee*, a dialética alterava a dimensão do mesmo debate: "Nossa miséria é a verdade da economia, da política e dos valores eternos das nações capitalistas avançadas". E fechando, a síntese marxista: "Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas sim a sua existência social que determina a sua consciência". O que impõe desafio diverso da *Civilização Brasileira* à figura do intelectual. Nove fora, sabendo o que viria a seguir no país, e que integrantes diretamente ligados à *Teoria e Prática* (entre eles o próprio Sérgio Ferro) pegariam em armas, a luta armada está de certa forma pressuposta no texto como limite dos desafios auto impostos àquele grupo de jovens intelectuais produzindo coletivamente sua própria noção de vanguarda. Schwarz, como sabemos, optaria pelo exílio na hora mais sombria para a esquerda do país.

Passaram pela revista, entre outros, na edição de número um, Ferro e Schwarz, Ruy Fausto, Jean-Claude Bernardet, Boal e Guarnieri; na segunda, Bento Prado Jr. (com o ensaio sobre *A sereia e o desconfiado*), Gilda de Mello e Souza, Zulmira Ribeiro Tavares, Anatol

Rosenfeld, Emir Sader; e, finalmente, na última edição publicada, já em 1968, Giannotti, Michel Löwy, Isaac Deutscher e Adorno.

Se os veículos em que foram publicados os ensaios ajudam no entendimento da trajetória do crítico, e também na recepção da obra (ao menos para conhecermos em quais círculos ela era lida), a composição dos livros, algo vanguardista, merece atenção especial. Machado de Assis em *Páginas recolhidas* e *Relíquias de casa velha* foi a única referência de tamanha miscelânea que fomos capazes de localizar como modelo ao segundo livro de ensaios de Schwarz. Em *Páginas recolhidas* há contos, novelas, uma peça, crônicas e um discurso em homenagem a José de Alencar; em *Relíquias*, um poema para a mulher falecida abre o livro, seguido de contos, peças e crítica literária. No prefácio do primeiro, Machado cita Montaigne para justificar que, "por mais avulsas que possam parecer as folhas, elas têm algo que lhes permite 'formar uma salada'".

Se o próprio Schwarz encontrou explicação materialista para as diferentes influências da prosa machadiana da segunda fase, nos parece possível espelhar a hipótese para a montagem dessas antologias. A salada machadiana pode portanto confirmar que o elemento totalizante e organizador dessas folhas (não tão avulsas assim) era a dinâmica própria da sociedade na qual estava inserido. A "volubilidade" entre estilos e gêneros, convivendo lado a lado, tocava (e com Schwarz novamente toca) algo da realidade *sui generis* do país.¹²⁷

Se em *O pai de família* há diferenças formais de um ensaio ao outro, acompanhando uma enorme variedade de objetos (literatura, cinema, crônica de jornal, entrevista, história, biografia, artes plásticas), também aparece um conto ficcional, uma sátira do meio acadêmico na forma de receituário e a carta de Schwarz à editora que publicara *A lata de lixo da história*, com sua análise dialética das "correções" em sua peça, além de uma entrevista a inserir obliquamente o debate das "ideias fora do lugar" no livro.

A experimentação formal da montagem do segundo livro de ensaios de Schwarz, mesmo tendo como modelo o "realismo enganador" de Machado de Assis, encontra o momento do desbunde no país, fortemente presente e representado pela poesia marginal dos anos 1970, lida e comentada (e também produzida) pelo crítico.¹²⁸ Ao lado de Roberto Piva, Francisco Alvim, Ana Cristina César, entre outros, Schwarz teria seus poemas estampados na mítica

¹²⁷ Sem o substrato específico da história brasileira com suas relações próprias, as tentativas de explicar a miscelânea machadiana encontram dificuldades. Como por exemplo em Thiago Salla e Lara Cammarota Salgado, "Machado de Assis editor e as suas *Páginas recolhidas*", *Machado de Assis em Linha*, v. 13, n. 29, 2020.

¹²⁸ A respeito do desbunde sob a ditadura brasileira, cf. Heloisa Buarque de Hollanda, *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960-1970)* (Rio de Janeiro, Rocco, 1980).

antologia *26 poetas hoje*, de 1976,¹²⁹ portanto da mesma época de *Ao vencedor as batatas* e *O pai de família*. Alguns dos poetas presentes no livro se estabeleceram numa espécie de "cânone alternativo", entre eles Ana C. (homenageada na Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, de 2016). Apesar de a poesia de Schwarz ocupar cada vez menos espaço em sua produção dali em diante, ele ajudaria através de resenhas a validar essa geração de poetas, que em grande medida foi recebida com desconfiança pelo establishment literário. Escreveria sobre Cacaso, Francisco Alvim e Zulmira Ribeiro Tavares, além de ter os desenhos de Zuca Sardan ilustrando três de seus livros: *A lata de lixo da história* (2014), *Seja como for* (2019), *Rainha Lira* (2022).

É importante nos determos em um ou dois poemas seus:

Ulisses

A esperança posta num bonito salário
corações veteranos

Este vale de lágrimas. Estes píncaros de merda.¹³⁰

Corações precocemente veteranos, a vida administrada, o horizonte de expectativas encurtado, a descida melancólica e a subida escatológica; a cultura elevada (Ulisses) e o coloquialismo do baixo corporal (merda) ao lado de termo exclusivista (píncaros). O sufocamento causado pelo estreitamento do espaço social aparece nessas brechas linguísticas apertadíssimas, e as dúvidas a respeito de projetos coletivos que começam a se organizar durante a lenta abertura então em marcha, encontram "válvula de escape"¹³¹ na produção poética de Schwarz; enquanto (como veremos) serão amplamente ignorados em seus ensaios. No entanto, uma produção alimenta a outra.

O coloquialismo desses herdeiros marginais do modernismo de 22¹³² atravessa os ensaios de Schwarz num mesmo passo que o pensamento crítico dialético é transposto para a

¹²⁹ *26 poetas hoje* (introdução e seleção de Heloísa Buarque de Hollanda, Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976). O livro ganhou edição em e-book pela e-galáxia em 2016.

¹³⁰ Ibidem, p. 69. O poema havia sido publicado anteriormente em livro de poesia exclusivo de Schwarz: *Corações veteranos* (Rio de Janeiro, Coleção Frenesi, 1974). Seu outro livro de poesia é de 1959: *Pássaro na gaveta* (São Paulo, Massao Ohno). Ambos (até 2023) não foram reeditados. Sobre a poesia de Schwarz, cf. Francisco Alambert, "Para uso do próximo", em *Um crítico na periferia do capitalismo*, cit.

¹³¹ A ideia da produção poética como "válvula de escape" foi ouvida de José Antonio Pasta Júnior, durante a defesa do doutorado de Maurício Reimberg (cit.).

¹³² "Num recuo estratégico, os novos poetas voltam-se agora para o modernismo de 22 [...]" (Heloísa Buarque de Hollanda, *26 poetas hoje*, cit., p. 8-9).

poesia. Essa tomada de posição política e crítica no interior de suas experimentações poéticas desloca Schwarz dentro do grupo daquela geração de escritores, deixando transbordar a violência que o estudo acadêmico não comporta, como nesse poema em prosa de 1974, em que o tecido urbano, democratizado pela mercadoria (no caso, o então onipresente automóvel), se apresenta ameaçador:

Passeio

Os automóveis da burguesia cortam as ruas da cidade asfaltadas em seu benefício. A impaciência do motorista é um gesto de classe, a cara esportiva e a cara composta da motorista são gestos de classe. Já a fúria do motorista de praça é fratricida. Perto de 40.000 automóveis engolem as avenidas, levam para o centro a burguesia, de 80 a 100.000 imbecis passando na frente e sendo passados. Com 800 ônibus iam todos para o fogo. FILHO DA PUTA de quem buzinou. Ele e os outros.¹³³

Lembrando que, além do deslocamento político no interior do grupo, Schwarz está em Paris quando a poesia marginal estoura no Brasil em circuito alternativo, do qual participa portanto à distância.¹³⁴

Outro momento de sua produção poética se dá em 1985, quando publica no caderno Folhetim da *Folha de S.Paulo* (1ª dez. 1985) o poema "Mão no pau" (com a grafia errada do sobrenome do autor: "Scharwz"), que teria repercussão no próprio jornal. Um abaixo-assinado reunindo moradores dos bairros de "Perdizes, Pinheiros e Lapa" (São Paulo), indignados com a pornografia do poema ganha as páginas do jornal. Schwarz responde na mesma seção: "Se o poema chocou, é justamente por não ser nem um pouco pronográfico. Trata-se de um exercício de lógica sobre dados elementares da sexualidade. O fato é que as pessoas não reclamam da pornografia, à qual estão habituadas e da qual gostam. Reclamam muito quando o sexo é tratado de maneira limpa, clara e reflexiva" (5 dez. 1985). Em 12 de dezembro do mesmo ano, no Painel do Leitor da mesma *Folha*, mais comentários de leitores sobre a repercussão: "Se aquela coisa escrota é poema, já não entendo mais nada"; "Melhor seria, para os pobres leitores da Folha, que o sr. Roberto Schwarz tivesse, efetivamente, permanecido com a mão no pau, ao invés de usá-la para perpetrar aquele 'poema' estúpido"; vieram também elogios bastante informados: "Se Schwarz é imoral e Jorge Amado picante, o

¹³³ Roberto Schwarz, *Corações veteranos* (Rio de Janeiro, Coleção Frenesi, 1974).

¹³⁴ "Curiosamente, hoje, o artigo do dia é poesia. Nos bares da moda, nas portas de teatro, nos lançamentos, livrinhos circulam e se esgotam com rapidez" (Heloísa Buarque de Hollanda, *26 poetas hoje*, cit., p. 7).

que é, entnao, Comind, mortalidade infantil, foem, Jânio Quadros e tudo mais que está aí ferindo a moral de quem realmente tem?".

Se as vanguardas estavam mortas, o escândalo causado por elas (ao menos em situação periférica) seguia vivo e atuante.¹³⁵

As tensões no interior dos poemas bem como a montagem vanguardista do livro de ensaios do período, com a inclusão de textos provocativos, estranhos, entre o desafio e a ofensa ao leitor, se formalmente partem de estratégia realista cara a Machado de Assis, que assim buscava o tecido social do país (ou do "sentimento íntimo" da nação), ao serem atualizados para a década de 1970, dão testemunho de período histórico repleto de indefinições. Se ao voltar do mestrado nos Estados Unidos em 1963 Schwarz ficara de queixo caído com a virulência política do país, seria mais difícil entender o tempo do Brasil no mundo ao voltar do exílio parisiense em 1978.

Tudo somado, Schwarz calibra em seu segundo livro um olhar irreverente para a realidade brasileira, abarcando seus símbolos, instituições e grandes projetos (à esquerda ou à direita), bem como a vida acadêmica, refletido não só na montagem, mas na inclusão de textos no mínimo heterodoxos para o livro de um crítico literário acadêmico.

Voltemos a *O pai de família*. No conto "Utopia", numa festinha de intelectuais, enquanto se discute aqui um concerto de B. Bartók e ali o preço da soja, o narrador está mais interessado em escorregar "a mão para dentro das saias dela", a quem "eu havia sugerido, baixando viva e indicativamente os olhos, que pusesse a mão em meu pinto".¹³⁶ A utopia fica reduzida a um plano de relação sexual casual (no caso, frustrado). A vida do intelectual encontra bifurcação histórica: cuidar dos próprios interesses ou se engajar em assuntos (projetos) coletivos?¹³⁷ O erótico escancarado do conto, comprimido entre páginas e mais páginas de análise cerrada da realidade brasileira, com enfrentamento de objetos e figuras decisivas do período, pode ser colocado na conta de uma já bem afiada "visão de chanchada" da realidade do país (novamente o mencionado "senso do ridículo da história brasileira"). O humor aparece naturalmente dos contrastes descobertos por Schwarz (a "imundície de contrastes que somos",¹³⁸ segundo Mário de Andrade), e atravessa seus livros.

¹³⁵ Cf. Peter Bürger, *Teoria da vanguarda* (São Paulo, Ubu, 2017), que assina a certidão de óbito das vanguardas artísticas no pós-Segunda Guerra Mundial, ou ao menos sua desconexão com possíveis transformações da sociedade.

¹³⁶ Roberto Schwarz, "Utopia", em *O pai de família*, cit., p. 117.

¹³⁷ Dois exemplos desse mesmo sentimento de divisão interior na década de 1980: a canção "Pelas tabelas", de Chico Buarque; e o filme *O declínio do império americano*, do diretor canadense Denys Arcand.

¹³⁸ Mário de Andrade, *Aspectos da literatura brasileira* (São Paulo, Martins/INL, 1974), p. 8.

É preciso mencionar também o inclassificável, e humorístico, "19 princípios para a crítica literária". Texto de 1970 em que Roberto mira certo espírito bacharelesco em seu próprio meio. Ao recomendar o que ninguém duvida ser justamente o errado, mas que parece funcionar para que se alcance postos melhores na carreira (seria então o certo?), não podemos deixar de lembrar a conversa entre pai e filho em "A teoria do medalhão", de Machado de Assis. Afinal, onde está a verdade nesses dois casos, se a desfaçatez exacerbada tem comprovação e eficácia concreta? Questões caras ao modelo das "ideias fora do lugar" aparecem: o teste da realidade importa pouco; conceitos patinam enquanto fornecem roupagem para privilégios de toda ordem. Ao medalhão da crítica literária recomenda-se que se mantenha distante de polêmicas, cite muito, use e abuse de referências estrangeiras, ou seja, a cultura de fora sem atrito com a realidade local. Típica solução da classe dos proprietários do século XIX para a acomodação vantajosa de ideias importadas.

Se aprofundarmos a análise, seria possível especular que o texto, inclassificável na mesma medida que desabusado, não deixa de ser uma recusa em compactuar com a marcha histórica do período que, como veremos em detalhe, abria para intelectuais de esquerda as portas para uma série de vantagens pessoais, desde que qualquer radicalismo fosse deixado para trás. Schwarz se manterá distante desse novo engajamento, e segundo nossa linha de interpretação através do texto, o humor agressivo dos dezenove princípios se desdobra como crítica velada a colegas que seguiram o caminho do ganho privado em detrimento da coerência com a própria trajetória intelectual de compromisso coletivo com as classes menos favorecidas, ou no mínimo de forma abstrata a esse caminho em si. Novamente, lançando mão de uma invenção formal a ecoar a poesia marginal, que nas palavras de Heloisa Buarque de Holanda, "a incorporação poética do coloquial" funcionava como inovação e "ruptura com o discurso nobre acadêmico".¹³⁹ O estilo do texto bem como sua forma específica rompia com todo tipo de organização que se articulava no país, como por exemplo, a "anistia ampla e irrestrita".

Ainda no pacote dos trabalhos heterodoxos do livro, está a carta ao editor de *A lata de lixo da história*, em "Revisão e autoria". Grato pela publicação da peça, em tom irônico, entre a simpatia e a estocada Schwarz nos permite entrever uma indústria amadora (a dos livros), que por sua vez está construída sobre (e sustentada por) aquela "fração da fração alfabetizada" do país mencionada no editorial de *Teoria e Prática*. "Onde procurei puxar pela inteligência e vivacidade do leitor, o meu revisor procurou facilitar e entregar mastigado."¹⁴⁰

¹³⁹ Heloísa Buarque de Holanda, *26 poetas hoje*, cit., p. 8-9.

¹⁴⁰ Roberto Schwarz, "Revisão e autoria", em *O pai de família*, cit., p. 148.

A boa vontade do revisor em ajudar revela mais que amadorismo: "O resultado acaba sendo uma censura pouco estrita, exercida em nome da facilidade e da escrita costumeira".¹⁴¹ A mistura de precariedade com prestígio na indústria do livro aponta permanências do modelo das "ideias fora do lugar", e revela a crise que atravessa o segundo livro de ensaios de Schwarz.

Há espelhamento com a crise de Machado de Assis que antecipou um entendimento mais aprofundado do país, bem como o fim das ilusões romântico-liberais de construção da nação, com a publicação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Conhecemos o impacto do primeiro recenseamento geral do Império ("apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever"), em 1872, e da Guerra do Paraguai nas consciências de artistas e intelectuais brasileiros, especificamente em Machado, que comentou os dados na imprensa. A análise de Sílvio Romero acerta "ao considerar a obra da segunda fase de Machado de Assis como documento da crise causada pela constatação do estado de miséria intelectual do país".¹⁴² De lá até os anos 1960-1970 o país mudara, mas nem tanto. O mal estar expresso por Schwarz no fechamento de "Cultura e política, 1964-1969" (rebatido por Darcy Ribeiro) e no já mencionado editorial da primeira *Teoria e Prática*, aponta para certa duração do "estado de miséria intelectual do país" e também limite dos grandes projetos de modernização do período (que davam a tônica da administração dos gerais e também alimentavam os sonhos para a abertura democrática), sugerindo novos acordos por cima.

Para fechar o bloco das experimentações (vanguardistas tardias) na composição do livro, cabe mencionar estratégia que se repetirá no futuro: a inclusão de entrevista entre os ensaios. Tratando principalmente de "As ideias fora do lugar", mais exatamente de sua repercussão, Schwarz arma o próprio palco para a defesa ao dar à entrevista o mesmo peso dos ensaios (originais ou não), eliminando a efemeridade das publicações sazonais (revistas e jornais) para "imortalizá-la" em livro. Parte então dos questionamentos (principalmente de Mari Sylvania de Carvalho Franco) para avançar com suas hipóteses e alcance do modelo crítico desenvolvido no ensaio de 1972. Também busca dessa maneira algum controle mais forte sobre a recepção da própria obra, estratégia que, se não estamos equivocados, se repetirá diversas vezes, encontrando seu ponto de chegada no tardio *Seja como for*.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Hélio de Seixas Guimarães, *Os leitores de Machado de Assis*, cit., p. 82.

O primeiro texto de Schwarz sobre literatura nacional a se aproximar da matéria brasileira é o ensaio de abertura de *O pai de família*, originalmente publicado em 1966 na *Civilização Brasileira*, com o título “Sobre *O amanuense Belmiro*”. Vale se atentar mais longamente a ele. Schwarz já havia resenhado outro romance de Cyro dos Anjos em 1959.¹⁴³ Na falta de explicação melhor para o que poderia soar como atenção excessiva ao autor, Cyro foi um ilustre representante do período em que estávamos “irreconhecivelmente inteligentes”, o da república populista. Sua própria trajetória flagra a superação da província e de todo o tipo de relação implicada por ela (ao menos em parte, já que o ingresso na burocracia mineira ocorre graças à intervenção do amigo e conterrâneo Carlos Drummond de Andrade)¹⁴⁴ — décimo terceiro de quatorze irmãos, de Montes Claros a Brasília, da fatalidade da posse de terras aos postos internacionais a convite do Itamaraty, passando por Lisboa e Cidade do México; literato, intelectual com atuação internacional e homem público com passagens de relevo pela política brasileira (entre elas, subchefe do gabinete civil da Presidência de Kubitschek), em 1960 participa da comissão, ao lado de Darcy Ribeiro e Niemeyer, que idealizou e criou a Universidade de Brasília.¹⁴⁵ Ora, um percurso desses sugeria o caminho que o país deveria percorrer para se tornar “justo e integrado” (para utilizarmos o jargão da época), e romper, no caso do engajamento intelectual, com a avaliação de Mário de Andrade de que “uma coisa não ajudamos verdadeiramente, dum coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem”.¹⁴⁶ Grandes expectativas animavam Cyro (e o país), que escreve em carta a Drummond: “Vejo que o nosso Brasil, com todos os seus defeitos, leva grande vantagem: é um país voltado para o mundo”.¹⁴⁷

Algo de vanguardista nas pegadas brasileiras de Cyro dos Anjos pode ter atraído o jovem intelectual para os romances do autor, que em si interessam, como prova a resenha de Schwarz.

Acreditamos ser possível afirmar que é o país revelado pelo golpe que permite o ajuste estilístico da prosa de Schwarz. Ou seja, o estilo muda não por maneirismo ou capricho (traços a princípio ligados à psicologia do autor ou a prestígio no interior de um grupo qualquer), mas por uma contingência social. Ou seja, tanto quando a sociedade molda a

¹⁴³ “Tempo de ficar velho”, Suplemento Literário, *O Estado de São Paulo*, 31 jan. 1959, p. 39. Resenha do romance *Abdias*, de Cyro dos Anjos.

¹⁴⁴ *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade* (São Paulo, Biblioteca Azul, 2012), p. 7.

¹⁴⁵ Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil: uma interpretação*, cit., p. 764.

¹⁴⁶ Mário de Andrade apud *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*, cit., p. 12.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 152. Dados biográficos em “Cyro dos Anjos”, site da Academia Brasileira de Letras. Acesso: 11 mar. 2023.

forma artística, em alguma medida se dá o mesmo com a forma ensaística. A escrita ganha clareza na complexidade. Os parágrafos são melhor organizados, o texto segue num crescente de inteligibilidade do início ao fim, sem qualquer barateamento. Em cada parágrafo há comentário e interpretação, e a dialética entre teoria e experiência revela aspectos do todo a partir do detalhe, o que exige linguagem extremamente condensada e uma afiada técnica de close reading.

"O autor fareja uma verdade, sem contudo tê-la em mãos."¹⁴⁸ Lentamente surge um Brasil, que já é um país-problema, mas ainda disforme, inescrutável ao crítico em toda a sua dimensão. Surge sem aviso prévio. É de dentro do objeto que a realidade começa a ganhar forma, ainda parece difícil domá-la, e só ao final de cada ensaio é possível avaliar a fatura, que tampouco faz sistema. A surpresa dessas descobertas, a experiência da leitura dos ensaios a partir deste ponto, pode ter sua forma na seguinte imagem: *é como espiar pelas costas do crítico o seu próprio momento de descoberta, o momento da escrita.*

Em *O amanuense Belmiro*, o detalhe revelador é o da descoberta da burocracia que opera segundo a chave do favor e une as pontas de tempos históricos supostamente inconciliáveis (naturalizados pela melancolia do narrador): rural e urbano, arcaico e moderno etc. Algo que obviamente escapa às etapas históricas europeias que um país dual deveria seguir para superar suas dimensões consideradas atrasadas. O tempo contraditório, específico e aparentemente ilógico da periferia está aí, mas o crítico, apesar de formular suas linhas de força, ainda não o enxerga: "[...] O irremediável não está na perda, está na continuidade; os traços não variam, varia apenas a sua acentuação. Em consequência, o tempo não chega a se articular, é subjetivado, governado pelo movimento atmosférico da memória e da divagação".¹⁴⁹ A urbanização que não transforma e o tempo que não passa seriam consequências do lirismo do amanuense que a tudo encharca, solução solipsista para uma crise individual real. A crise, como ainda Schwarz viria a saber, era de fato concreta e histórica.

"Em Belmiro convivem os inconciliáveis: o democratismo e o privilégio, o racionalismo e o apego à tradição, o impulso confessional, que exige veracidade, e o temor à luz clara. Ora, para estar dos dois lados é preciso que Belmiro esteja, de algum modo, a salvo destes conflitos. A pedra seca do amanuense é a burocracia. Por ser uma extensão do privilégio rural, a sinecura é o posto menos urbano da cidade".¹⁵⁰ O privilégio se revela no

¹⁴⁸ Max Bense, "O ensaio e sua prosa", em *Doze ensaios sobre o ensaio*, cit., p. 115.

¹⁴⁹ Roberto Schwarz, "Sobre *O amanuense Belmiro*", em *O pai de família e outros estudos*, cit., p. 20.

¹⁵⁰ Idem.

destemor diante do braço armado do Estado, quando a polícia bate à porta, quase se desculpando, atrás de provas de envolvimento com o levante comunista de 1935. Em seguida Belmiro reflete: "Fiquei melancólico e cívico, pensando neste Brasil, onde a civilização poderia ter, certamente, um sentido mais cordial, sem os cruentos conflitos que andam pelo mundo".¹⁵¹ Reflexão cínica diante da realidade que em ambiente urbano (de qualquer natureza) não se esconde, mas que no entanto toca as utopias do primeiro modernismo literário brasileiro, com suas promessas de saltos de etapas a evitar a dureza das revoluções burguesas.

"Por que hão de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? O grande erro é pretender prendê-los a um sistema rígido. Socialismo, individualismo, isso, aquilo. As ideias de um homem podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. Não é possível ser-se tudo, ao mesmo tempo?".¹⁵² Para Schwarz, "a mistura belmiriana de perspicácia, cultura, banalidade e lirismo fixa, em profundidade uma personagem frequente na literatura brasileira".¹⁵³ E ainda: "A prosa culta e ponderada, que deve a sua autoridade ao gesto de clareza, confunde falência e sabedoria, conformismo e sensibilidade, imprudência e veracidade, o praticável e o certo, meia-luz e liberdade. A postura de fino desencanto nobilita o obscurantismo".¹⁵⁴ O "caráter belmiriano" sugere um país rodando em marcha própria (ao menos no campo das ideias). O fundo do desencanto que se move de lá pra cá e de cá pra lá com o amanuense, sempre desembocando no Nada, só ganhará contornos nítidos na análise de Schwarz do capricho de Brás Cubas, quando a crítica alcança a sociedade.

Temos portanto um crítico maduro, seguro das questões teórico-metodológicas, extraíndo o processo social da forma literária, mas incapaz de engatá-lo a um esquema histórico mais amplo.

No mesmo *O pai de família*, Schwarz promove uma virada em seu entendimento anterior de Kafka.¹⁵⁵ O mundo do mito, da análise de *A metamorfose*, é deixado de lado pelo "realismo capitalista".¹⁵⁶ O pequeno Odradek, feito de restos, "*Lupenproletariat*", sem fome e sem medo da polícia",¹⁵⁷ atormenta o pai de família, para extrair dele o segredo mais bem guardado de sua classe: "Respeitável por todos os títulos, o pai de família é partidário

¹⁵¹ Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro*, p. 70.

¹⁵² *Ibidem*, p. 109.

¹⁵³ Roberto Schwarz, "Sobre *O amanuense Belmiro*", cit., p. 13.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 16.

¹⁵⁵ Roberto Schwarz, "Uma barata é uma barata é uma barata", em *A sereia e o desconfiado*, cit., p. 59-72.

¹⁵⁶ Sobre a atualização do debate, cf. Mark Fisher, *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* (São Paulo, Autonomia Literária, 2020).

¹⁵⁷ Roberto Schwarz, "Atribuições de um pai de família", em *O pai de família e outros estudos*, cit., p. 26.

inconfessado da destruição".¹⁵⁸ Se a mão do crítico pesou ou não no conto de Kafka, o achado nos interessa em si. Ao trocarmos "pai de família" por "cidadão de bem", nos deparamos com uma figura familiar dos nossos tempos, com sua paixão inconfessa (ao menos até os ataques aos prédios dos três poderes no dia 8 de janeiro de 2023 em Brasília) pela destruição, decifrada no textinho de 1966, a partir de uma leitura de conto até então inédito em português de Franz Kafka.¹⁵⁹

Esse "pai de família" que saía às ruas durante as famosas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, com rosário em punho e orando ao mesmo tempo a Deus e aos generais, tomou as capitais brasileiras a partir de 2016 em reação aos projetos de superação da pobreza postos em prática pelo "reformismo fraco" do lulismo.¹⁶⁰ As conexões ficam evidentes a partir do apoio à violência no pré e pós-64 e durante o mandato de Bolsonaro à frente do governo federal. Contra a corrupção (e também contra comunistas, "petralhas", jovens que saíram às ruas durante as Jornadas de Junho de 2013, negros, gays, indígenas e todos os outros Odradeks identificáveis pelos setores neoconservadores) num sentido alargado, "pais de família" sempre embalados pela "tríade Deus, Pátria e Família". Na pesquisa "Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro", coordenada por Isabela Kalil, surge com destaque na tipificação desses apoiadores, o retorno do "cidadão de bem", ou, do "pai de família".¹⁶¹

Talvez Schwarz tenha tocado aqui a verdade de uma sociedade amplamente bem pouco disposta a superar sua herança colonial (na verdade determinada a ir até as últimas consequências para reter privilégios, mesmo que muitas vezes já simbólicos). A intuição forte sobre o tamanho da contrarrevolução de 64, com seu amplo e engajado apoio de "cidadãos de bem", não revela ainda ao crítico a superação das forças abertas pelo populismo nacionalista durante os anos que antecederam o golpe, como ocorreria em breve.

Schwarz parece estar com Machado de Assis na mente enquanto escreve o ensaio "O cinema e *Os fuzis*" (ou, na contra-mão dessa hipótese, pensava na tomada de consciência brechtiana através do estranhamento, e por aí chegaria anos mais tarde ao narrador dos romances da segunda fase machadiana). Ao se debruçar sobre esses narradores, nota que o

¹⁵⁸ Ibidem, p. 28.

¹⁵⁹ O conto seria novamente traduzido por Modesto Carone com o título "A preocupação de um pai de família" (em *Um médico rural*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999) no lugar de "A tribulação de um pai de família".

¹⁶⁰ Sobre a feição do chamado lulismo, cf. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador* (São Paulo, Companhia das Letras, 2012).

¹⁶¹ Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, out. 2018, p. 8-11.

romancista arma sucessivas e sofisticadas arapucas ao leitor, ao forçar sua identificação (e solidariedade) com a face mais brutal da sociedade brasileira oitocentista: os proprietários.

Trata-se do segundo ensaio de Schwarz sobre cinema. A análise apurada pelo *close reading* vai encontrar o *close* cinematográfico para a extração de sentido. Na crítica ao 8 ½ de Fellini, "A mãe de Guido, uma santa senhora, é limpinha, magra e virtuosa. Implora ao filho que se comporte. Vista em *close*, entretanto, tem o olho rancoroso. Enquanto enxuga as lágrimas sentidas da pálpebra esquerda, o seu olho direito espia, duro e acusador".¹⁶² Já em *Os fuzis*, "Na mobilidade facial dos que não passavam fome, dos atores, há desejo, medo, tédio, há propósito individual, há a liberdade que não há no rosto opaco dos retirantes".¹⁶³

Por meio de análise formal perspicaz (e imanente), que incorpora o caráter industrial do cinema à crítica, conforme aprendido com Benjamin, Schwarz propõe que no filme de Ruy Guerra, entre o polo da repressão e o dos reprimidos, separado na película entre um "filme de enredo" e um "documentário", que se alternam o tempo todo, estamos inevitavelmente ligados aos repressores. "Os soldados são como nós. Mais, são os nossos emissários no local, e gostemos ou não, a sua prática e a realização da nossa política. É nela que estamos em jogo, muito mais que no sofrimento e na credence dos flagelados."¹⁶⁴ A posição de classe seria portanto mais decisiva do que qualquer adesão ideológica ou discurso (o que de certa forma foi confirmado, salvo exceções, entre poupados e perseguidos pelo regime, ao menos até o AI-5, quando os padrões são alterados), e entra em assunto espinhoso.

No clássico sobre a luta armada de Jacob Gorender, o autor afirma: "Em primeiro lugar, cessaram os privilégios da classe média nos meandros do aparelho repressor. Até 1968, policiais e juízes eram muito mais severos com trabalhadores do que com estudantes, os quais raramente sofriam torturas. O pistolão e o suborno continuavam eficientes, de acordo com a praxe nacional. [...] São numerosos os casos de pessoas de status elevado: diretores de importantes empresas, filhos de famílias prestigiosas pela tradição ou pela riqueza etc. [...] Nem mesmo relações familiares de alto nível no meio militar conseguiam aliviar a situação dos suspeitos de subversão".¹⁶⁵ Há uma ironia histórica perversa que o favor como mediação universal brasileira tenha sido parcialmente desativado justamente para encobrir um Estado agindo fora da lei.

¹⁶² Roberto Schwarz, "O 8 1/2 de Fellini", em *A sereia e o desconfiado*, cit., p. 194.

¹⁶³ Idem, "O cinema e *Os fuzis*", em *O pai de família e outros estudos*, cit., p. 30.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 32.

¹⁶⁵ *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada* (São Paulo, Ática, 1987, edição kindle), posição 391-92.

Sobre a entrada dos estudantes na cena insurrecional, Hobsbawm comenta na mesma linha: "[...] sendo membros das classes educadas, muitas vezes filhos da classe média estabelecida, e — quase em toda parte, mas sobretudo no Terceiro Mundo — base de recrutamento para a elite dominante de suas sociedades, *não eram tão fáceis de metralhar quanto às classes mais baixas*".¹⁶⁶

A cena da perseguição e fuzilamento do chofer que tenta impedir que o alimento fosse levado embora dos famintos, causa incômodo, uma vez que nossa solidariedade ganha sinal invertido. Ao "pai de família" soma-se à massa de apoio ao golpe esse (inadvertido) "nós" (não completamente definido), mas facilmente adivinhando, já que Schwarz se refere concretamente à experiência de quem assiste aos filmes na sala de cinema (e para quem um leão, tanto quanto a fome do Nordeste, é feito de "luz"). Quem assistia afinal a *Os fuzis* de Ruy Guerra?

O problema continua. O conflito se dá internamente ao grupo de soldados, "por sangrenta que seja a luta, [...] não empolga a massa faminta, que seria o seu sujeito verdadeiro".¹⁶⁷ O tiroteio não coloca em movimento o "mundo da inércia", mas o excita. "O grupo dos retirantes é explosivo, e a posição moral dos soldados é insustentável." O espectador sente o quanto inflamável pode ser essa agitação, apesar da ausência de enredo e ação no lado dos miseráveis. O fechamento do ensaio no entanto perde potência ao colocar em termos universais as tomadas de posição: "o nosso Ocidente civilizado entrevê com medo, e horror de si mesmo, o eventual acesso dos esbulhados à razão".¹⁶⁸ A dialética salta por cima da especificidade da miséria e da luta de classes brasileiras para chegar a um vago "Ocidente".

Seja como for, o quadro está montado, e o que seria falha para o realismo no encadeamento das ações de *Os fuzis* (a descontinuidade entre dois filmes dentro de um só), para o crítico contém algo da verdade do tempo na periferia. O que até aqui era limite para Schwarz, começa a se configurar como ajuste da técnica, ou do gênero, a uma outra realidade.

Oliveiros S. Ferreira entra para a Faculdade de Filosofia da USP em 1953, como auxiliar de ensino de Lourival Gomes Machado, para se aposentar como livre docente trinta anos depois. No mesmo ano de 1953, inicia sua colaboração como repórter de *O Estado de*

¹⁶⁶ *Era dos extremos*, cit., p. 431.

¹⁶⁷ Roberto Schwarz, "O cinema e *Os fuzis*", cit., p. 34-5.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 36.

São Paulo, onde permaneceria até o ano 2000, tendo assumido diversas funções, entre elas a de secretário de redação, editor de política nacional e também da seção internacional. Ainda jovem, em 1951, exerce função ligada à imprensa para a I Bienal de Arte de São Paulo.

É o raciocínio político de figura de relevo em ambientes (supostamente) contraditórios (ao menos no pós-golpe de 1964 e na área de análise política) que vai interessar a Schwarz. O nervo a ser exposto passa portanto em casa.

A "mistura belmiriana" do raciocínio de Oliveiros está diretamente ligada ao momento político vivido por Schwarz, e não numa distante Minas Gerais da primeira metade do século XX, de difícil decifração na ausência de um esquema histórico sólido. Os textos de Oliveiros no *Estadão*, "valem-se com frequência da lição de Lênin, Trótski, Gramsci e Rosa de Luxemburgo";¹⁶⁹ mas se a tradição é marxista, a esperança está nas Forças Armadas. O amanuense perguntaria: "Não é possível ser-se tudo ao mesmo tempo?". Nem tudo. A revolução propagandeada por Oliveiros aos leitores do *Estadão* não toca nas relações de produção. Mas a confusão tem propósito. Parte do esquema da luta de classes e desemboca na união nacional. A lógica abstrusa lembra o grupo de demônios de Dostoiévski, e sugere de maneira ainda difusa a desfaçatez de classe e livre manipulação de ideologias de prestígio em "As ideias fora do lugar". Essa enorme liberdade de manejar a cultura estrangeira, detectada por Schwarz em Oliveiros, como queria Jorge Luis Borges em famoso ensaio, nem sempre resultava portanto em resultados lisonjeiros. "Acredito que os argentinos, os sul-americanos em geral, [...] podemos manejar todos os temas europeus, manejá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas."¹⁷⁰

Através de paráfrase irônica, afinal, a "mistura de Oliveiros" é em si cômica ao colocar lado a lado peças que não se encaixam de modo algum e ao levar o raciocínio com tintas revolucionárias a saídas de baixa voltagem, como uma reforma fiscal, Schwarz expõe no pensamento do uspiano o ovo da serpente: "[...] vamos reconhecer o que é verdade, o Hitler sabia mobilizar; juntando isso com a força organizadora do Trótski e a força produtiva dos Estados Unidos, que paisão não dava!"¹⁷¹

O que era de difícil compreensão para a esquerda naquele momento, o crítico revela um pouco às apalpadelas através da análise textual. O consolo de que "a história estava do

¹⁶⁹ Roberto Schwarz, "Sobre o raciocínio político de Oliveiros S. Ferreira", em *O pai de família*, cit., p. 37.

¹⁷⁰ Jorge Luis Borges, "O escritor argentino e a tradição", em *Obras completas* (Buenos Aires, Emecé, 1957), p. 151-62.

¹⁷¹ Roberto Schwarz, "Sobre o raciocínio político de Oliveiros S. Ferreira", cit., p. 45.

nosso lado",¹⁷² em grande medida inflada pela hegemonia cultural da esquerda no pós-golpe de 64, conforme Schwarz escreveria no ensaio de 1970, cobrava seu preço no entendimento do processo histórico em marcha. Em linhas gerais o movimento no campo que detinha o poder seguia o seguinte roteiro: mesmo após o golpe de 1964 a direita precisa se organizar de forma revolucionária; não se tratava apenas de um bloco imóvel e homogêneo interrompendo temporariamente o processo reformista que desembocaria no socialismo, como supunha parte da esquerda; ou seja, jamais tratou-se de mera interrupção do processo histórico, mas sim de outro grupo capaz de conduzir a sociedade (e desenvolvê-la)¹⁷³ por etapas não previstas pelo PCB; a direita também era atravessada por toda a sorte de interesses e disputas internas.

O próprio aparelho repressivo crescia para acomodar interesses escusos. "Fleury garantiu seu lugar na disputa do butim da repressão através da ligação com o CENIMAR, órgão de inteligência da Marinha. Colocada em plano subordinado pelo Exército após a criação da OBAN e dos DOI-Codi, interessava à Marinha dispor de um canal autônomo de luta contrarrevolucionária e, por isso, deu cobertura ao chefe do Esquadrão da Morte implantado no DEOPS paulista."¹⁷⁴ Cabe lembrar ainda que, a respeito do AI-5, segundo o homem forte do "milagre econômico brasileiro", Delfim Neto, "o Ato, a *Revolução* [...] foi produto da vontade do povo mesmo [...]. O que houve foi uma guerra" [grifo nosso].¹⁷⁵ O lado de lá seria portanto tão revolucionário quanto o de cá (ou assim era sua autoimagem), popular e também contava com seus heróis: "No fundo, Fleury é um mito da classe média brasileira, um herói pequeno-burguês [...]",¹⁷⁶ afirmou o jornalista Mino Carta em 1978.

Para Oliveiros, era preciso mobilizar o "pequeno-burguês, que seria arrancado à sua mediocridade ressentida e teria, finalmente [...] um destino: Pátria! Movimento! Etc.!"¹⁷⁷

"Porque é patriota, anticomunista, de arregimentação nacional no interior do capitalismo, e centrada nas Forças Armadas, a conspiração de Oliveiros pode ser pública, e publicada por um jornal conservador." Schwarz não exita em afirmar que o aprofundamento do golpe poderia se encaminhar na direção a algo próximo ao fascismo, tendo como ideólogo e animador do processo, professor da Faculdade de Filosofia da USP. O que espanta Schwarz

¹⁷² A minuciosa análise de Paulo Arantes da filosofia da história iluminista, encontra pelo caminho reflexão sobre a esquerda brasileira em relação à marcha dos acontecimentos. Cf. Paulo Arantes, *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*, cit., p. 79.

¹⁷³ Fernando Henrique Cardoso afirmou que estava havendo desenvolvimento mesmo com ditadura e imperialismo. O argumento vai ser desenvolvido em *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Cf. Fernando H. Cardoso, *Retrato de grupo: 40 anos do Cebrap* (São Paulo, Cosac Naify, 2009), p. 35.

¹⁷⁴ Jacob Gorender, *Combate nas trevas*, cit., posição 437.

¹⁷⁵ Delfim Netto apud Carlos Guilherme Mota, *História do Brasil*, cit., p. 836.

¹⁷⁶ Mino Carta apud *Ibidem*, p. 837. No futuro, o "combativo jornalista Mino Carta" (nas palavras de Carlos Guilherme Mota) teria Delfim Neto como colunista fixo de sua revista semanal, a *Carta Capital*.

¹⁷⁷ Roberto Schwarz, "Sobre o raciocínio político de Oliveiros S. Ferreira", cit., p. 45.

não é exatamente a lógica dessa doutrina, "mas a falta de lógica de seus leitores, que pode bem não ser pequena. [...] Esperamos que a bomba faça pfff; Oliveiros, naturalmente, espera que ela faça *putsch*". Uma direita popular e insurrecional ainda demoraria a surgir no país.¹⁷⁸

A questão das vanguardas e da indústria cultural, ambas em realidade periférica, está presente em diversos momentos de *O pai de família*. A busca por fontes alternativas para entender onde estava e para onde ia a produção cultural (e o que afinal ela tinha a dizer), força uma enorme abertura de perspectiva em Schwarz, deslocando sua produção dentro do grupo mais diretamente ligado a Antonio Candido, entre eles, por exemplo, Davi Arrigucci Jr e Walnice Galvão Nogueira. Filmes, peças, MPB, entrevistas, arquitetura, passam a ser objeto da análise do crítico.

Um texto em particular pertence à ante-sala de "Cultura e política, 1964-1969". "Nota sobre vanguarda e conformismo", originalmente de 1967, investiga o papel, ou a função, da arte em meio à indústria cultural e à comunicação de massa. Tem como fio condutor entrevista conduzida por Júlio Medaglia com quatro compositores brasileiros e vanguardistas do período: Damiano Cozzella, Rogério Duprat, Willy Correa de Oliveira e Gilberto Mendes. Alguns deles diretamente ligados ao Tropicalismo, um dos pontos centrais do ensaio de 1970.

Schwarz escolhe fonte instável, a entrevista. O que permite ao autor compartilhar a dúvida com os entrevistados (estariam sendo irônicos? sinceros? há desencanto real ou oportunismo de toda sorte? apoiam a indústria ou foram tragados por ela?) e manter a tensão do princípio ao fim. Novamente uma estratégia estilística de alcance longo. A frase meio *slogan* publicitário, portanto bem encaixada, que fecha o ensaio, deixa o problema sem solução: "Vendeu-se, está criticando, ou vendeu-se criticando?". No limite, a pergunta de Schwarz não pode ser respondida, já que não há mais um fora do mercado, nem mesmo no momento de concepção da obra. Como de costume, mais que buscar respostas, interessa investigar razões e efeitos. Estava aberto o caminho para sua leitura original da montagem tropicalista.

Em nota de 1977 sobre o ensaio de 1968, "Didatismo e literatura: um folheto de Bertha Dunkel", Schwarz passa a limpo os próprios equívocos. Bitolamento, esquematismo, desconsideração das condições históricas específicas. A leitura imanente via de regra

¹⁷⁸ Não por acaso, Oliveiros declarou que "Olavo [de Carvalho, guru da extrema direita e da família Bolsonaro] era a única pessoa que ele lia com interesse na imprensa daquela época [2002]" (Bruno Paes Manso, *República das milícias*, São Paulo, todavia, 2020, edição Kindle, posição 3905).

protegeria (quase sempre) o crítico contra esse tipo de derrapagem.¹⁷⁹ Daí ele mesmo comentar ter ficado "abismado" ao reler o material para a preparação de *O pai de família*. Mas como afirma no fechamento da nota, "De uma perspectiva dialética um descaminho publicado é melhor que nada".¹⁸⁰

A segunda nota distanciada da publicação original abre "Cultura e política, 1964-1969". Com genuíno humor autoderrisório machadiano, digno da nota de abertura do autor-defunto, Schwarz coloca em dúvida o valor do próprio ensaio, uma forma de compartilhar com o leitor a responsabilidade pela leitura, dimensão ética decisiva na literatura contemporânea e, é claro, em Brecht. Sobre passagens equivocadas, "para que substituir os equívocos daquela época pelas opiniões de hoje, que podem não estar menos equivocadas?". O risco da sondagem do contemporâneo no calor dos acontecimentos é evidente: "a análise social no caso tinha menos intenção de ciência que de reter e explicar uma experiência feita, entre pessoal e de geração, do momento histórico. Era antes a tentativa de assumir literariamente, na medida de minhas forças, a *atualidade* de então". E fecha tão enigmático quanto às advertências machadianas (com direito ao famoso recurso de incluir um leitor ideal, hipotético, no tecido da obra): "O leitor verá que o tempo passou e não passou".¹⁸¹

Entre as notas e a publicação original dos ensaios, passaram-se meros dez anos. Se levarmos a sério as advertências, é preciso considerar que nesse curto período houve virada na sensibilidade histórica do crítico, que de acordo com o nosso caminho, implica a sociedade. No ensaio de 1970, que nos interessa em particular, há três tempos em jogo: a nota de 1978, a publicação do texto em 1970, e o período analisado, que se inicia nos momentos finais da "república populista" e alcança os desdobramentos do AI-5 (ou seja, do início da produção do jovem intelectual até o exílio).

Em 1970 Schwarz reflete sobre os impasses do populismo (pré-64) e da cultura (inicialmente afirmativa) de esquerda (1964-1969). Olhando à distância de dois anos da promulgação do AI-5, enxerga duas opções para intelectuais anti-capitalistas e contrários à ditadura: "dedicar-se à revolução" ou fechar a boca e esperar por "tempos melhores". A luta armada estava em marcha. Schwarz, talvez não completamente convencido da opção (ele próprio parte para o exílio), encerra o ensaio com um chamado (latente) à luta. Esse "não dito" do texto e da nota tem valor: a sondagem também acontece através de desvios e lacunas.

¹⁷⁹ Franco Moretti sobre a capacidade analítica de Schwarz no corpo a corpo com o objeto literário: "Most of us open a book, and see words on a page; Schwarz sees forms" (*New Left Review*, n. 131, set.-out. 2021).

¹⁸⁰ Roberto Schwarz, "Didatismo e literatura: um folheto de Bertha Dunkel", em *O pai de família*, cit., p. 56.

¹⁸¹ Idem, "Cultura e política, 1964-1969", em *O pai de família*, cit., p. 70.

Nossa hipótese é frágil, mas tem voz: a luta armada fora derrotada, assim, a esperança na ação direta do final do artigo (a mesma da última cena de *Terra em transe*) não se realiza. No entanto, o crítico não estava disposto a rifar aquela experiência (muito próxima a ele) em nome de algum projeto de união nacional que começava a ser desenhado desde a subida de Geisel ao poder¹⁸² (anistia para os dois lados, Diretas Já negociada por cima etc., acontecimentos que significativamente não aparecem na obra de Schwarz), afinal, "o tempo passou e não passou".

O golpe de 64 trouxe para a cena "o cortejo dos preteridos do capital".¹⁸³ Reforma agrária, dependência e desenvolvimento foram substituídos pelo *Febeapá* da província. No entanto, "[...] apesar de vitoriosa, esta liga dos vencidos não pôde se impor."¹⁸⁴ Os militares, alçados ao poder por uma burguesia antipopular mas "que guardava padrões internacionais de gosto",¹⁸⁵ sem muito preparo ideológico (ao menos até 68, quando esse aspecto ganha relevo), eram modernizadores e aliados dos Estados Unidos. O *american way of life* com seus longos braços não casava "bem com Deus, pátria e família, ao menos em sua acepção latino-americana".¹⁸⁶ As marchas deveriam voltar para casa.

Há uma espécie de movimento de balança nesse esquema histórico das páginas iniciais de "Cultura e política, 1964-1968". "[...] o que se repete nestas idas e vindas é a combinação, em momentos de crise, do moderno e do antigo; mais precisamente, das manifestações mais avançadas da integração imperialista internacional e da ideologia burguesa mais antiga — e obsoleta — centrada no indivíduo, na unidade familiar e em suas tradições. Superficialmente esta combinação indica apenas a coexistência de manifestações ligadas a diferentes fases do mesmo sistema."¹⁸⁷ Trocando em miúdos, aí está a lógica e a base de uma experiência própria da periferia do capitalismo, em que "modernidade" e "progresso" passam a ser conceitos no mínimo dúbios (mas não dispensáveis). "De obstáculo e resíduo, o arcaísmo passa a instrumento intencional da opressão mais moderna, como aliás a modernização, de libertador e nacional passa a forma de submissão."¹⁸⁸ Ou seja, a modernização é alterada de sentido o tempo todo quando as molas da sociedade são externas. Se durante a "república populista" modernização passava "pelas relações propriedade e poder, e pela ideologia", o golpe permite

¹⁸² "Revolução, Revolução, Revolução, bom, mas qual é a ideia nova que nós trazemos? O que nós realmente queremos?" (Ernesto Geisel apud Elio Gaspari, *A ditadura encurralada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004, p. 32.

¹⁸³ Roberto Schwarz, "Cultura e política, 1964-1969", em *O pai de família*, cit., 84.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 84.

¹⁸⁵ *Ibidem*, 85.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 86.

¹⁸⁷ *Idem*.

¹⁸⁸ *Ibidem*, 87.

que o imperialismo modernize o país de acordo com interesses próprios, invertendo, sempre que necessário, o sinal daquilo que até então era "obstáculo e resíduo", a saber, o Brasil arcaico.

Está presente claramente a ideia de "desenvolvimento desigual e combinado" como travejamento histórico fundamental de toda essa dinâmica. "Sob o açoitamento de necessidades exteriores, a vida retardatária é constringida a avançar por saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre uma outra lei que, na falta de uma denominação mais apropriada, chamaremos lei do desenvolvimento combinado, no sentido de reaproximação de diversas etapas, da combinação de fases distintas, do amálgama de formas arcaicas com as mais moderna", nas palavras do próprio Trótski, reproduzido em texto de colega de USP de Schwarz, Michel Löwy.¹⁸⁹ Em 1979, Schwarz caminha sobre essas pegadas ao pensar o Brasil: "[...] o processo brasileiro constantemente está sendo ressubordinado a novas dinâmicas do capitalismo internacional e também da vida ideológica internacional. [...] Subitamente, há uma ressubordinação do país a um novo ciclo do capital ou a uma nova moda ideológica, e todas essas contradições que se já tinham cristalizado, que estavam tomando corpo e que já permitiam uma ação relativamente nacional, se embaralham, tudo se confunde [...]".¹⁹⁰

No entanto, o bloco seguinte do ensaio surpreende. Mostra que a experiência, "com sua lógica própria, deu a matéria-prima a um estilo artístico importante, o Tropicalismo [...]".¹⁹¹ A fórmula da Tropicália ajuda a desembaralhar o tempo específico do país para Schwarz, o afasta das abstrações e suas armadilhas de bitolamento, e prova que Caetano e cia enxergaram (e deram forma) antes do que ele às esquisitices da formação brasileira. O sentido dessa descoberta seria uma contenda aberta no interior da obra do crítico.

Em *Ao vencedor as batatas*, o capítulo de abertura arma um esquema histórico para balizar a análise literária (e verificar as soluções do romance realista a partir da importação de gêneros para realidade diferente daquela onde o estilo havia sido desenvolvido). Aqui se dá algo na mesma direção. A partir da esquematização do movimento histórico da entrada na ditadura, Schwarz enfrenta a cultura do seu tempo. O movimento, evidentemente dialético, a fixar esses esquemas históricos em sua especificidade depende do vai e vem contínuo entre sociedade e arte.

¹⁸⁹ Primeira menção explícita do fenômeno por Trótski, em *Histoire de la révolution russe*, Paris, Seuil, 1962, p. 20-1, apud Michel Löwy, "A teoria do desenvolvimento desigual e combinado", *Actuel Marx*, n. 18, 1995.

¹⁹⁰ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 40.

¹⁹¹ Idem, "Cultura e política, 1964-1969", cit., p. 87.

Schwarz inova. A crítica dialética, a leitura cerrada, sem concessões, elege a cultura pop (e não mais a popular, como havia sido regra entre boa parte da cultura de esquerda do período populista) como objeto. A recepção do ensaio em grande medida é sequestrada por esse mal compreendido "ataque" ao que havia de melhor na produção do período (com qualidade surpreendente para a indústria cultural em qualquer parte do mundo e em qualquer tempo). De acordo com o crítico, "o efeito básico do Tropicalismo está justamente na submissão de anacronismos desse tipo [os do esquema histórico], grotescos à primeira vista, inevitáveis à segunda, à luz branca do ultramoderno, transformando-se o resultado em alegoria do Brasil".¹⁹² A imagem disparatada do país seria, na fórmula tropicalista, (se podemos utilizar o termo) realista: "É literalmente um disparate [...] em cujo desacerto está figurado um abismo histórico real, a conjugação de etapas diferentes do desenvolvimento capitalista".¹⁹³ Influenciado pelas leituras críticas à indústria cultural, Schwarz recua frente ao achado. Caetano seria sensível ou oportunista? A resposta é buscada no "lugar social" do Tropicalismo. O que explica pouco, deslocando a análise do objeto em si. A variação de pontos de vista (tão valorizada em Machado e muito utilizada por Schwarz) empurra o Tropicalismo para o conformismo: "registra, do ponto de vista da vanguarda e da moda internacionais, com seus pressupostos econômicos, como coisa aberrante, o atraso do país".¹⁹⁴ A construção da alegoria Brasil-horror para ser vivida confortavelmente traía portanto privilégio de classe. A justeza da crítica passa para segundo plano se trouxermos para o primeiro plano a insistência do crítico na permanência do impulso histórico (frustrado) do pré-golpe de 64. "A imagem tropicalista encerra o passado na forma de males ativos ou ressuscitáveis, e sugere que são nosso destino, razão pela qual não cansamos de olhá-la".¹⁹⁵ Como veremos, aí está o nó central e mais bem apertado da obra schwarziana.

O tempo contraditório, imprevisível e violento, desconcerta. Não por acaso seu próximo livro será intitulado *Que horas são?*. São ensaios que muitas vezes giram em círculo no esforço de sondar o contemporâneo. O que era aquele país saído (não completamente) da ditadura? Que tipo de lógica sustentava num mesmo processo anistia, eleições, habeas corpus e generais? Como nomeá-lo: terceiro-mundista, subdesenvolvido, atrasado? Para onde o movimento do capital nos levara (e levaria)? Como sondar os próximos passos de uma lógica implicada em grande medida num exterior mergulhado em crise? Se a experiência anterior à

¹⁹² Ibidem, p. 87.

¹⁹³ Ibidem, p. 88.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 90.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 92.

ditadura era objeto de estudo, de onde o pensamento de esquerda poderia partir? Sem o piso seguro do populismo nacionalista, com seus equívocos muito bem alinhavados por Schwarz, de onde criticar? A falta e a dúvida no entanto importam. São lacunas significativas, recusas conscientes, ausência de objetos à altura do período com seus impasses próprios.

Já distante da frustrada virada socialista do início da década de 1960, mas ao que tudo indica fechado naqueles mesmos pressupostos sociais, Florestan Fernandes afirmaria em 1981: "Estamos na época das revoluções proletárias e pouco importa que elas só tenham aparecido nos 'elos débeis' do capitalismo. O que se configurava como um processo que iria dos países centrais para a periferia, de fato caminhará da periferia para o centro!".¹⁹⁶ O desvio de Schwarz portanto tem seu papel no período, ecoando o poema-memória do colega alemão Hans Magnus Enzensberger, e o afastando de um bloco ilusório de esperanças pretéritas: "Não sabíamos que a festa já havia terminado/ e que todo o resto era assunto/ dos diretores do Banco Mundial/ e dos camaradas da segurança do Estado".¹⁹⁷

Ensaio decisivos do livro aprofundam conhecimentos adquiridos previamente: a função e o funcionamento das ideias estrangeiras ("Nacional por subtração"), o desenvolvimento desigual e combinado como força (e fraqueza) revelador de dimensões insuspeitas de certas produções artísticas ("A carroça, o bonde e o poeta modernista"), as disputas no interior do campo da crítica ("Marco histórico"), a afirmação teórico-metodológica e de filiação intelectual ("Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'" e "Primeiros tempos de Anatol Rosenfeld no Brasil"), a transcrição de uma palestra na Universidade de Princeton com a síntese do que viria a ser *Um mestre na periferia do capitalismo* ("Complexo, modernos, nacional, e negativo").¹⁹⁸

Entre os livros de ensaios pós-*A sereia e o desconfiado*, é o mais conservador em termos de variedade de gêneros e montagem.

Do "Cultura e política, 1964-1969" de 1970 até o "Política e cultura" de 1982, a perda de potência é evidente. A inversão do título, significativa. Se no primeiro, a cultura, nas duas fases analisadas (pré-64 e 64-68), é capaz de mover a política (ou ao menos influenciá-la de maneira decisiva); no segundo, é a política que dá as cartas, e tudo se resume à orientação dos meios de comunicação de massa por parte da aliança entre Estado e capital privado. "Como

¹⁹⁶ Florestan Fernandes, "O que é revolução", em *Clássicos sobre a revolução brasileira*, p. 61.

¹⁹⁷ Hans Magnus Enzensberger, *Tumulto* (São Paulo, todavia, 2019), p. 205.

¹⁹⁸ Ensaio publicado na *Novas Estudos Cebrap*, fora anteriormente lido no Instituto de Estudos Avançados de Princeton (após Yale, novamente uma grande universidade norte-americana). Indicação da internacionalização da produção schwarziana. O pôster de divulgação de nova palestra de Schwarz, dez anos depois na mesma universidade, trai o lugar rebaixado do português nos circuitos internacionais com a grafia indicando a pronúncia de *hispanohablantes*: "Profundidade literária e histórica de Machado de Assis, Dom Casmurro" [grifo nosso] (foto do cartaz fornecida pelo professor de Princeton Pedro Meira Monteiro).

seria uma TV sem manipulação?",¹⁹⁹ pergunta o crítico numa direção que dificilmente ele acreditava ou até mesmo se interessava. Amarrando esse esquema frágil de uma "invenção de uma política democrática em relação aos meios de comunicação de massa",²⁰⁰ a um alerta para que a liberdade de criação esteja garantida num futuro em que a produção rode sob uma "política cultural democrática", confere síntese de um texto sem ossatura. Ou seja, caso o recém criado Partido dos Trabalhadores (ao qual se filiara e para quem dirige as palavras do texto) chegue ao poder, a cultura deve ser tratada com a atenção que lhe cabe segundo o enquadramento modernista, sem dirigismos de nenhuma espécie em relação à criação artística. Em suma, verba sem tutela (uma fórmula sempre frágil).

O golpe de 1964 mudara o país definitivamente ("é inviável a volta atrás — contrariamente ao que pensam os saudosistas, ou os puristas da vida popular").²⁰¹ Nesse novo mundo completamente administrado pelo capital, com todos inseridos no consumo (como ainda veremos mesmo que sem renda e capacidade real de consumir), a tentativa de intervenção direta do crítico (uma imposição à tradição crítica periférica sempre a variar entre alguma participação concreta e a herança frankfurtiana mais fechada) oferece informação sobre sua posição política no período, mas trai falta de traquejo para esse tipo de debate.

Se Schwarz nunca cultivou a figura do intelectual público, a escrita tampouco foi sua forma exclusiva de intervenção. A partir de 1981, estará diretamente ligado à concepção e edição da nova revista do Cebrap, a *Novos Estudos*. Além de redigir o primeiro editorial e contribuir com textos próprios, vai também organizar dossiês temáticos, traduzir e convidar.

"Filial da Maria Antonia", "franquia do grupo do Seminário Marx", seja lá qual for a imagem mais precisa, fato é que o Cebrap nasce atravessado pelo pensamento social uspiano, encontrando Schwarz pelo caminho. "Entender de maneira abrangente a complexidade brasileira e conservar-se em fina sintonia com as questões relevantes debatidas no cenário mundial"²⁰² era uma disposição central do instituto. Que tem nos impasses do desenvolvimentismo (e da modernidade) o seu horizonte. E ainda: "A disposição para pensar o país e a vontade de mudá-lo caracterizam bem o que foi o Cebrap [...]".²⁰³ No entanto, as mudanças passavam por compromissos institucionais (futuramente a política dividiria o

¹⁹⁹ Roberto Schwarz, "Política e cultura: subsídios para uma plataforma do PT em 82", em *Que horas são?*, cit., p. 84.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Ibidem, p. 83.

²⁰² Paula Montero, "Apresentação", em *Mão e contramão e outros ensaios contemporâneos* (São Paulo, Globo, 2009), p. 7.

²⁰³ Idem, *Retrato de grupo: 40 anos do Cebrap*, cit., s.n.

centro)²⁰⁴ que deslocam a posição de Schwarz no grupo, ainda ligado ao desejo de soluções vanguardistas, algo que ele ajuda a forçar a nota (dissonante) na revista. Na posição inicial de agregado do centro,²⁰⁵ procura extrair tudo o que pode daquela experiência: por lá "passavam estrangeiros informados, coisas que fazem muita falta".²⁰⁶

O editorial da revista número um, "Amor sem uso", interessa. Espécie de retomada do esquema histórico de "Cultura e política, 1964-1969", que passa a implicar uma experiência histórica avançada no tempo.

A frase de fechamento dava o tom do período: "A situação é péssima, excelente para fazer uma revista",²⁰⁷ apontando, talvez, para o "consolo na compreensão",²⁰⁸ encontrado por Schwarz no Machado de Assis maduro. A mesma linha de amadurecimento do crítico aponta para os ensaios da década seguinte, provavelmente o ponto mais alto da "sondagem do contemporâneo" em sua obra.

No primeiro parágrafo do editorial de 1981, Schwarz retoma uma das ideias fortes de sua análise sobre a cultura pós-golpe de 1964 em "Cultura e política, 1964-1969": a produção cultural passa a funcionar dentro de limites rígidos de classe após o dismantelamento dos movimentos sociais organizados. "O esforço de estudar e entender a atualidade é grande no Brasil hoje. [...] É só ver o volume do que se fala, canta, pinta, pesquisa, escreve etc., de olho sempre voltado para as contradições sociais."²⁰⁹ Apesar da qualidade e da quantidade, o "conjunto não soma, ou soma pouco" (amor sem uso?). A mesma conclusão: "Faltaram talvez iniciativas e espaços em que estes saberes, que são consideráveis, pudessem cruzar, atravessar barreiras de classe e profissão, influir uns nos outros, e produzir a indispensável densidade de referências recíprocas".²¹⁰ A insistência nos marcos do período anterior o afasta das ingenuidades da bandeira acadêmica sempre erguida da interdisciplinaridade (então já rota pela própria especialização dos departamentos nos moldes norte-americanos). O que intuímos na abertura do texto é em seguida explicitado: "a causa desse isolamento social dos estudos esteve na ditadura. Ao desbaratar os trabalhadores em 1964, e separá-los da vida social pelo

²⁰⁴ Cf. entrevista com Francisco de Oliveira, em *Ibidem*, p. 172. Muito antes do racha, Fernando Henrique Cardoso, figura central do Cebrap, sai candidato ao Senado em 1978, mesmo ano da volta de Schwarz ao Brasil.

²⁰⁵ "Quando cheguei [do exílio], o Fernando Henrique gentilmente me ofereceu uma salinha no CEBRAP, para que eu tivesse onde estacionar" (Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 292).

²⁰⁶ *Idem*.

²⁰⁷ Roberto Schwarz, "Amor sem uso" [editorial da *Novos Estudos*, n. 1, dez. 1981], em *Seja como for*, cit., p. 339.

²⁰⁸ Sobre Machado, Schwarz afirma: "a compreensão da mecânica social é como que uma consolação para a falta de sentido desta e para os seus horrores" ("Duas notas sobre Machado de Assis, em *Que horas são?*, cit., p. 178).

²⁰⁹ Roberto Schwarz, "Amor sem uso", cit., p. 337.

²¹⁰ *Idem*.

medo, ela rasgou o tecido interclasse de assuntos, de ideologias, de retórica e de experiência comum que se havia elaborado antes [...].²¹¹ Em seguida é esticada uma longa linha do pós-64 até aquele momento: "As ligações do processo intelectual foram cortadas naquela data. Contudo, e contrariamente ao que seria de esperar, a massa e o valor da reflexão social de lá para cá não pararam de crescer",²¹² o que retifica as opções dualistas do famoso ensaio, entre armas e bico calado. A floração tardia seguiu portanto se expandindo em ambiente abafado (agora com ênfase na produção acadêmica).

Se a reciclagem do modelo convence, há também novidade. Não só a política mas o próprio desenvolvimento do capitalismo (dependente-associado) injetou regras de mercado por toda parte. "Onde a ditadura 'apenas' cortava e interrompia, a expansão capitalista alterava as perspectivas."²¹³ Cabe lembrar que ditadura e desenvolvimento capitalista corriam na mesma pista.

Ou seja, a precarização da sociedade atinge também intelectuais, que (queiram ou não) passam a fazer parte da massa trabalhadora insatisfeita. E assim, aponta "para a luta social como a única — não há nenhuma outra — chance de regeneração". O vanguardismo da revista sai um tanto comprometido desse quadro histórico geral, muito mais ligado ao pragmatismo.²¹⁴ "Nós queríamos ser vanguarda em política e em estética, menos interessados no grande público do que na qualidade de ponta, na aposta no futuro", afirma Schwarz sobre o desejo dele e de seu grupo na orientação da *Novos Estudos*, 28 anos depois do lançamento, em seguida matizado: "[...] era uma ilusão, porque o momento era outro e as vanguardas estavam acabando em estética e em política: o início dos anos 1980 era o tempo de Ronald Reagan, Margaret Thatcher e da derrota mundial da esquerda, que começava".

Se colocarmos lado a lado o editorial de estreia de *Teoria e Prática* e da *Novos Estudos*, veremos que "o tempo passou e não passou".

O intelectual que deveria pegar em armas ou se recolher, é agora um descontente no interior das disputas do mercado por melhores salários e cargos, e só ajuda na transformação da sociedade ao se engajar na luta social. Está dada uma das possíveis razões (pouco

²¹¹ Ibidem, p. 338.

²¹² Idem.

²¹³ Idem.

²¹⁴ "Nós queríamos ser vanguarda em política e em estética, menos interessados no grande público do que na qualidade de ponta, na aposta no futuro", Schwarz sobre o desejo dele e de seu grupo na orientação da *Novos Estudos*, 28 depois de seu lançamento, em seguida matizado: "[...] era uma ilusão, porque o momento era outro e as vanguardas estavam acabando em estética e em política: o início dos anos 1980 era o tempo de Ronald Reagan, Margaret Thatcher e da derrota mundial da esquerda, que começava" (*Seja como for*, cit., p. 294). Se colocarmos lado a lado o editorial de estreia de *Teoria e Prática* e da *Novos Estudos*, veremos que "o tempo passou e não passou". Não passou: os problemas ainda eram graves; passou: as soluções da esquerda eram derrotadas.

lisonjeira) da adesão de tantos intelectuais ao projeto de um partido dos trabalhadores, o que ocorreria no ano seguinte à publicação da *Novos Estudos* número um. Se insistirmos um pouco mais por esse caminho, também revela os interesses de intelectuais de esquerda numa mera melhora de sua própria condição dentro dos limites do capitalismo, e nada mais (o que ficaria evidente na adesão passiva ao primeiro governo Lula).²¹⁵

A crítica ao movimento operário ao longo do século XX como força de apoio ao capitalismo está em Anselm Jappe (que ao lado de Robert Kurz, influência central no pensamento de Schwarz pós-Queda do Muro, foi um dos principais teóricos da crítica do valor): "[...] o conflito entre trabalho e o capital, por importante que tenha sido historicamente, é um conflito no interior do capitalismo". "O movimento operário não entrou em falência. Pelo contrário, desempenhou bem a sua verdadeira tarefa: a de assegurar a integração dos operários na sociedade burguesa." "O que o movimento operário conduziu realmente, e com inteiro sucesso, foi a luta pelo reconhecimento dos trabalhadores, o 'quarto estado', como proprietários de mercadorias a par de todos os outros proprietários de mercadorias".²¹⁶ Se desde Karl Mannheim, o intelectual deixara de flutuar independente e livre das determinações da sociedade, por que estaria fora do campo de força da mercadoria com seus mil fetiches?

É preciso cautela para investigar o pensamento do crítico em relação ao contemporâneo a partir das traduções de Schwarz de textos de terceiros. Até que ponto ele concorda com o teor do que está traduzindo? Difícil saber. (Traduções podem ser realizadas por motivos muito mais prosaicos do que gostaríamos de acreditar: um favor, necessidade financeira etc.)

Já na *Novos Estudos* número um, aparece a primeira colaboração de Schwarz como tradutor da publicação. Trata-se do ensaio "A moralidade e as ciências sociais", de Albert Hirschman.²¹⁷ De um lado a força contra-intuitiva das ciências sociais derrubando o senso comum ao revelar "consequências inadvertidas e surpreendentes da ação humana";²¹⁸ do outro, a necessidade de abandonar o cientificismo duro que anda de mãos dadas com o funcionamento puramente calculista das sociedades modernas, por uma abordagem mais

²¹⁵ Sobre o esfriamento do pensamento crítico a partir de adesão à subida do PT à Presidência, cf. Paulo Arantes, "A atualidade do pensamento de Roberto Schwarz", *Revista Campo Aberto*, Youtube.

²¹⁶ Anselm Jappe, *As aventuras da mercadoria* (Portugal, Antígona, 2006), p. 94, 101.

²¹⁷ Em 2013 foi lido em Princeton homenagem escrita por Schwarz ao recém-falecido Albert Hirschman. Nele, Schwarz comenta a "habilidade diabólica [de Hirschman] para imaginar possibilidades imprevistas, mais verossímeis do que as certezas do consenso" (Roberto Schwarz, "Albert Hirschman", em *Seja como for*, cit., p. 422), ou seja, a força da contra-intuição.

²¹⁸ Albert Hirschman, "A moralidade e as ciências sociais", *Novos Estudos*, n. 1, dez. 1981, p. 27.

humana e subjetiva, que possa apontar a construção de realidades tão funcionais quanto acolhedoras.

Se a contra-intuição marcou os momentos fortes da produção schwarziana, aspectos não tabuláveis sempre estiveram em jogo, mas relativizando as apostas de Hirschman. O favor, por exemplo, um dos traços positivos e desinteressados da convivência humana, portanto completamente desligado de cálculo (ao menos em seu esquema geral e abstrato), esteve no centro das preocupações de Schwarz, com valor de mediador histórico. No entanto, no Brasil funcionou como instrumento de sujeição e vantagem. Ou seja, a inclusão de aspectos não científicos não necessariamente apontam uma saída do aperto egoísta da mão invisível do mercado.

O segundo ensaio traduzido por Schwarz e impresso nas páginas da *Novos Estudos* é do chileno Ariel Dorfman,²¹⁹ que em duas crônicas curtas, retrata de forma cortante e sintética aspectos da sociedade norte-americana. Antecipa aspectos do mundo globalizado (e homogeneizado) pelo capital, que seria oficialmente inaugurado anos depois com o fim da União Soviética.

Se nos Estados Unidos uma série de recursos infantilizantes mantém a sociedade em permanente busca por diversão enquanto é impelida a consumir diuturnamente, uma certa infraestrutura de trabalho braçal a sustentar o aparato dos onipresentes cupons de descontos ocorre em local de mão de obra mais barata, o Haiti. Na segunda crônica, sobre um festival folclórico na capital do país, a simulação de velhos comerciantes de rua com sua interação calorosa com o público, assusta norte-americanos acostumados com a vida asséptica dos subúrbios e deslocamentos dentro da proteção do automóvel. Dorfman conclui ao se consolar que felizmente isso não se dá dessa maneira em toda parte do mundo, "Por agora. Ainda". A vida no centro do capitalismo interessava de perto a Schwarz. Talvez desde a experiência em Yale. Não é difícil supor que acompanhando essa bibliografia crítica ele já buscasse, com o outro olho no Brasil, qual seria a nossa parte nessa futura divisão do trabalho no mundo do capitalismo total: a fantasia dos cupons norte-americanos ou a violência da exploração da mão de obra empobrecida e sem especialização (mesmo que recoberta por algum tipo de compensação cultural autêntica)?

Ainda para a *Novos Estudos*, Schwarz organiza dois dossiês temáticos: "Pontos de vista sobre a ficção"²²⁰ e "Literatura e pobreza" (que se desdobraria no livro *Os pobres na*

²¹⁹ Ariel Dorfman, "Duas crônicas norte-americanas", *Novos Estudos*, n. 3, jul. 1982, p. 68-70.

²²⁰ *Novos Estudos*, n. 3, nov. 1983, p. 39-48.

literatura brasileira).²²¹ No primeiro, autores convidados procuram responder à provocação inicial de que a ficção estaria emparedada entre o próprio "sentimento de irrelevância" e seu apogeu, em "escala colossal", através dos meios de comunicação de massa. Entre os participantes do dossiê, Jean-Claude Bernardet (colaborador de *Teoria e Prática*), Zulmira Ribeiro Tavares (colega de *26 poetas hoje*), Modesto Carone (principal tradutor de Kafka no Brasil), o parceiro de poesia marginal Francisco Alvim e o futuro desafeto Haroldo de Campos.

O texto deste último,²²² por seu caráter extremamente autorreferente, certamente lido por Schwarz, já que edita a revista, provavelmente ajuda a lhe fornecer alguns traços para o polêmico ensaio "Marco histórico", em que o crítico ataca frontalmente a produção artística e teórica (justamente acusada de autorreferente) dos artistas concretos, em particular Augusto de Campos e seu poema "Póstudo". Na réplica do poeta, ele menciona que Schwarz havia enviado a crítica a Haroldo para que ele pudesse ler o material antes, o que no mínimo indica que, apesar de cortante, estava no campo das ideias, e não da agressão pessoal.

A réplica de Augusto é violenta, assim como a resposta de Schwarz após menção indireta de Augusto de Campos em prefácio de seu próprio livro, no qual se refere à Schwarz como "vermina pestilente", "os que desviam a atenção dos melhores". A expressão, pinçada do direitista e antissemita, poeta e crítico, Ezra Pound, não escapa a Schwarz em sua insinuação abjeta: "Até onde entendo, fantasias de extermínio. Quem diz *vermina* sugere liquidação por meio de esmagamento ou desinfetantes". Nesse caso, quando Schwarz reage chamando Augusto de "Afanásio de Campos", acerta ao sugerir (com humor) a tendência fascista do rival, e retroilumina seu antigo texto "Uma barata é uma barata é uma barata", tornando possível dar vida à dinâmica (ou falta de dinâmica) compreendida anteriormente em Kafka como mera imagem de barata tonta sem direção histórica.

Todo o embate se deu nas páginas da *Folha de S.Paulo*, onde foi publicada a maioria dos ensaios de *Que horas são?*. Humberto Werneck passa a limpo a história da contenda em reportagem de cinco páginas, na qual Schwarz fora eleito "Homem de Ideias de 1990" por sua pesquisa machadiana, por um júri formado por, entre outros, João Cabral de Mello Neto, Antonio Candido e Jurandir Freire Costa. Os outros indicados eram: Cesar Maia, Zélia Cardoso de Mello e David Arrigucci Jr.²²³

²²¹ Assim como *A sereia e o desconfiado, Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo, Brasiliense, 1983) jamais seria reeditado (ao menos até 2023). "Como era a época do espontaneísmo, decidi que não ia me meter nos artigos, e isso foi um erro da minha parte, porque o livro – à parte os trabalhos excelentes, que viraram obrigatórios – traz também artigos fracos" (*Seja como for*, cit., p. 295).

²²² "Lixo: arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos", *Novos Estudos*, n. 3, jul. 1982.

²²³ "Roberto Schwarz, um intelectual com as ideias no lugar", *Jornal do Brasil*, 29 dez. 1990, p. 5-10.

Na apresentação de *Os pobres na literatura brasileira*, Schwarz estabelece o objetivo do livro (e do dossiê): "como se define e representa a pobreza nas letras brasileiras".²²⁴ O desvio conteudista é evidente, e o crítico trata de ajustar a falta teórico-metodológica, para reafirmar "a dimensão de conhecimento que ela [a literatura] evidentemente tem".²²⁵ Basta não confundir arte com ciência, para "dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza".²²⁶ Interessa a força que Schwarz parece deter no interior das decisões editoriais da *Novos Estudos*, ao emplacar dossiê com 21 páginas de crítica literária. O que provavelmente deu o tom a alguns dos ensaios, que ao buscar os pobres na literatura, encontram o malandro, ou em seus próprios termos, o vadio. No século anterior ao de *Memórias de um sargento de milícias*, os malandros estão no centro das preocupações de dois autores, Antonil e Teixeira Coelho, sendo que o segundo, com a perversa racionalidade burguesa já bastante afiada, compreende que essa "escumalha" pode ter utilidade: bucha de canhão para projetos arriscados, mal pagos e inadequados para a lógica da mão de obra escravizada.²²⁷ Segundo a autora, despontava aí uma "mentalidade capitalista". Ou seja, em vez dos malandros que floresceriam livres impondo um padrão de convivência mais aberto como sonhara Antonio Candido em "Dialética da malandragem", os vadios serão constrangidos ao mundo do trabalho em nome de um projeto nacional qualquer, ou algo que o valha (ou dê lucro).

O ensaio do próprio Schwarz no dossiê, "A velha pobre e o retratista", trata da forma como Brás Cubas descreve Dona Plácida nas *Memórias*. Após retomar sumariamente "As ideias fora do lugar", agora acrescidas do narrador volúvel descoberto em Brás Cubas, o crítico entra no debate sobre o valor do trabalho em sociedade escravista. Se o que era defasagem ao não alcançar a ética do trabalho, avançando no século XX "foi retomado com sinal positivo". Essa futura euforia modernista contrasta com a reflexão machadiana: "em plena era burguesa, o trabalho sem mérito ou valor é um ápice de frustração histórica".²²⁸ Num bloco do ensaio significativamente nomeado "Trabalho e tristeza", Schwarz avança. "O trabalho indiferente à finalidade concreta (costurar, cozinhar ou ensinar) [exemplos de passagens da narrativa de Brás Cubas], e sem objetivo além do salário, pertence ao universo do capitalismo. Ao passo que a nenhuma estima pelo esforço é do trabalho escravista".²²⁹ Entre os homens pobres livres estaria "sintetizado o pior de dois mundos: trabalho abstrato,

²²⁴ Roberto Schwarz (org.), *Os pobres na literatura brasileira*, cit., p. 7.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Idem.

²²⁷ Cf. Laura Vergueiro, "Os vadios do séc. XVIII", *Novos Estudos*, abr. 82.

²²⁸ *Novos Estudos*, n. 2, abr. 1982, p. 35-8.

²²⁹ Idem.

mas sem direito a reconhecimento social".²³⁰ Esse trabalho esvaziado leva a "uma noção radicalmente desideologizada do esforço, o qual é despido de mérito intrínseco".²³¹ E por fim, o salto ao contemporâneo: "[...] um sentimento materialista do trabalho [...], cuja atualidade transcende a ordem burguesa, já que o socialismo contemporâneo é, por sua vez, *produtivista*".²³² (O debate com Robert Kurz ainda estava distante, porém mais uma vez Schwarz apreendia o contemporâneo com Machado de Assis.)

Voltando ao *Que horas são?*, surge o terceiro ensaio sobre cinema de Schwarz, "O fio da meada", a respeito do filme *Cabra marcado para morrer*, lançado em 1984 e dirigido por Eduardo Coutinho. Quem puxa o fio é Coutinho, que ao ter a filmagem interrompida pelo golpe de 64, trata de terminá-la vinte anos depois. O diretor retoma sua obra, assim como a militante camponesa, Elizabeth Teixeira, que se manteve incógnita até o contato com o diretor, retoma sua verdadeira identidade e história de vida. Mas ao reatar o fio da meada, o que ficara pelo caminho?

Schwarz oscila entre duas avaliações da passagem do tempo no período: "Metaforicamente, a heroína enfim reconhecida e o filme enfim realizado restabelecem a continuidade com o movimento popular anterior a 64, e desmentem a eternidade da ditadura, que não será o capítulo final". Ou: "Acontece que os fiéis quando se reencontram depois da provação, não são os mesmos do começo. [...] Sob as aparências do reencontro o que existe são os enigmas da situação nova, e os da antiga, que pedem reconsideração".²³³ A dúvida tem força histórica, ilumina momento de impasse no país, e mostra o quando afeta o juízo histórico de Schwarz.

Em "O mestre de Apipucos e o turista aprendiz", Gilda de Mello e Souza comenta traço muitas vezes negligenciado em Macunaíma: "a irresolução dramática do brasileiro em face do próprio destino".²³⁴ Esse traço de *não solucionar solucionando*, tem força histórica no tempo brasileiro. E sob a aparente irresolução, está o país como brinquedo do capital, ou, a inserção do nosso atraso na cena contemporânea.

O país como "outra coisa", ainda sem nome, como matéria brasileira (sempre) problemática, fim de mundo por onde passa o mundo, ainda ganharia especificidade nos ensaios da década de 1990.

²³⁰ Idem.

²³¹ *Novos Estudos*, n. 2, abr. 1982, p. 35-8.

²³² *Novos Estudos*, n. 2, abr. 1982, p. 35-8.

²³³ Roberto Schwarz, "O fio da meada", em *Que horas são?*, cit., p. 72.

²³⁴ Gilda de Mello e Souza, "O mestre de Apipucos e o turista aprendiz", em *A ideia e o figurado* (São Paulo, Editora 34, 2005), p. 52.

No textinho de duas páginas "Existe uma estética do terceiro mundo?",²³⁵ nessa mesma linha de reconhecimento da ausência de nome (e destino) das sociedades cada vez mais distantes do núcleo orgânico do capitalismo, Schwarz passa a limpo aquilo que chama de "mística terceiro-mundista",²³⁶ que encobriria "conflitos de classes" de toda ordem. Animadas num primeiro momento pelas então já solucionadas, praticamente por toda parte, lutas de emancipação nacional, na área artística a situação não melhora, onde é "herdeira dos aspectos retrógrados do nacionalismo". Se "em países cuja realidade é bem mais aceitável" a melhor arte é negativa, "não vejo porque logo nós iríamos dar sinal positivo, de identidade nacional, a relações de opressão, exploração e confinamento". No jogo de imitação político-estético entre diferentes fases do capital em conflito pelo mundo, o mito do Terceiro Mundo redentor parece não resolver mais nada.

Voltando ao texto sobre Coutinho, já no final do ensaio, ao enumerar as qualidades do filme, que dariam a impressão de "vitalidade e esperança" à obra, a última delas tem arranque independente e interessa: "Talvez contribua também o fato de as classes dominantes estarem ausentes". Retirada a burguesia de cena, surge um clima especial entre "populares e intelectuais", e brilha uma utopia (melancólica) na obra de Schwarz, no entanto sem força de tração na realidade, uma vez que não se desenvolve. A ideia está presente não como assunto, mas "pela [...] própria concepção estética e sem nenhuma deliberação".

A operação de Coutinho, involuntária ou não, de excluir uma classe, detectada por Schwarz, tem seu exemplo (brasileiro) mais ilustre no alferes do conto "O espelho", de Machado de Assis, e também na leitura de Antonio Candido das *Memórias de um sargento de milícias*, em "Dialética da malandragem". Se em Machado, o isolamento do alferes desemboca em dissociação da personalidade, em Schwarz em melancolia, em Antonio Candido, a "utopia do atraso" recebe contorno realista e projeta-se no futuro. Do "mundo sem culpa" de Antonio Candido ao "mundo sem burguesia" de Schwarz, a nota é de esgotamento de imagem cara ao modernismo brasileiro (ou ao menos à utopia de Oswald de Andrade): a da queima de etapas históricas. Se via de regra o comunismo foi etapista, e assim se afastava da heterodoxia dos modernistas, a regra teve lacunas decisivas: "Em sua correspondência com a exilada russa de 1872 e em outros lugares, Marx começou a sugerir que as aldeias comunais agrárias da Rússia pudessem ser um ponto de partida para uma transformação

²³⁵ Roberto Schwarz, "Existe uma estética do terceiro mundo?", em *Que horas são?*, cit., p. 127-8.

²³⁶ Antecipa o debate sobre o pós-colonialismo (cultural). Para uma visão crítica, além de histórica, da formulação contraditória do debate, cf. Arif Dirlik, "A aura pós-colonial: a crítica terceiro-mundista na era do capitalismo global", *Novos Estudos*, n. 49, nov. 1997.

socialista, capaz de evitar o processo brutal de acumulação primitiva de capital".²³⁷ (Lacunas essas que abriram as portas para o que Trótski chamará de "desenvolvimento desigual e combinado".)

Outra utopia de baixa voltagem na obra de Schwarz está na Diamantina pós-Abolição, onde vive a pequena Helena Morley. Intocada (ainda) pelo fluxo do progresso econômico, os laços de convivência e o universo do trabalho apresentam soluções aceitáveis e infinitamente menos conflagradas do que em qualquer outra parte do país.²³⁸ Novamente Schwarz não adere ao impulso utópico descoberto, apesar de reconhecer sua beleza. Outra visão utópica está na análise do *8 ½* de Fellini, em que a "imagem feliz é o germe imaginário de outra ordem de coisas".²³⁹

Num texto menos comentado da bibliografia schwarziana, "Duas notas sobre Machado de Assis",²⁴⁰ no qual apresenta o autor a um público estrangeiro, leitores da edição venezuelana de *Quincas Borba*, Schwarz enfrenta questões espinhosas sobre o rebaixamento de expectativas da sociedade na qual vive (e provavelmente deixa desorientados os leitores daquele país do romance, a não ser pela ótima nota biográfica a situar Machado no universo dos agregados do Brasil oitocentista e não como genérico *self made man*). O que nos interessa é o resumo do caminho rumo ao negativo da aposta dialética entre nós. O ensaio fecha o "livro da década de 80".

Acompanhando a crítica machadiana, chega-se à corrente que "vê Machado sob o signo da dialética do local e do universal".²⁴¹ Que variando entre a "originalidade do Brasil" e o "caráter ocidental de sua civilização", promete no horizonte a liquidação definitiva do complexo colonial. (Resumo do fio condutor da *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido.) Porém, antes de nos integrarmos ao grupo das nações civilizadas, o grupo "caiu em descrédito". A imagem de "civilizados e retardatários" foi substituída pela "história mundial do Capital", a amalgamar defasagens, violências, explorações e o próprio imperialismo num mesmo capítulo. Na América Latina, eterna importadora de ideias, a dialética ainda tem voz. Desaparece no entanto a "promessa de harmonização".

A conclusão é dramática em sua escolha de palavras e novamente traz ao primeiro plano o Schwarz escritor: "A esta *luz*, que vem dos anos 30, mas se impôs a uma parte maior

²³⁷ Kevin Anderson, *Marx nas margens* (São Paulo, Boitempo, 2019), p. 292.

²³⁸ Roberto Schwarz, *Duas meninas: uma leitura comparada de Machado de Assis e Helena Morley*, cit..

²³⁹ Idem, *A sereia e o desconfiado*, cit., p. 198.

²⁴⁰ Idem, "Duas notas sobre Machado de Assis", em *Que horas são?*, cit., p. 165-78.

²⁴¹ *Ibidem*, 168.

dos brasileiros a partir de 1964, e que não será também a última, o passado ficou mais sombrio".²⁴² Luz e sombra, esclarecimento sem mudança, razão que reproduz desigualdade e alienações. Estariam condenados ao fracasso, antes mesmo do nascimento, os grandes projetos (Diretas Já, Constituição Cidadã, Plano Real, Bolsa Família, Brazil is Back) de uma sociedade minimamente mais justa?

Ouçamos o colega de Schwarz dos tempos do grupo de estudos de Marx, Fernando Henrique Cardoso (FHC, na sigla partidária) sobre a atualização de sua postura de esquerda em depoimento de 1996: "[pertenc]o a nova esquerda, que percebeu que a mudança do modo de produzir — do capitalismo para o socialismo, por exemplo — não é a solução. A palavra da nova esquerda é universalização — do acesso aos bens e direitos. *Se, quando e como for possível*" [grifo nosso].²⁴³ Mais uma rodada no (sombrio) tempo do mundo do capital nos aguardava.

Ainda na década de 1980, na *Novos Estudos* de julho de 1984, um textinho de uma página, de autoria de Schwarz, (nunca reunido em livro), "Ausências",²⁴⁴ remete à transcrição de um discurso, publicado na mesma edição da revista, de Fidel Castro, proferido na praça da Revolução, em Havana, em novembro de 1983.²⁴⁵ Fidel rebate ponto por ponto a versão norte-americana da invasão ordenada por Regan à pequena e socialista Granada. Dessa longa hermenêutica em que mais de uma vez as táticas de desinformação dos norte-americanos são comparadas às de Hitler, o que é preciso reter para voltarmos ao ensaio de Schwarz, é a necessidade de não se descartar ideias e conceitos que, a despeito de sua baixa credibilidade no período, ainda tinham voz.

Os dois primeiros parágrafos têm tom de reportagem jornalística investigativa. Schwarz relata diálogo ouvido por ele próprio em voo de Caracas ao Brasil, entre deputados do direitista (e sucessor da Arena) PDS. A capacidade de escutar a conversa é justificada pelo tom espalhafatoso dos tais políticos que, segundo o crítico, "eram do tipo que divulga as irregularidades que pratica, sem o que talvez estas ficassem incompletas".²⁴⁶ Uma justificativa necessária para a verossimilhança do texto. (Importa saber se essa introdução é mais uma investida de Schwarz pela ficção?) Ao que tudo indica, os deputados vinham de Cuba,

²⁴² Ibidem, 169.

²⁴³ Fernando Henrique Cardoso, "FHC Exclusivo", entrevista a Vinicius Torres Freire, *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais!, 13 out. 1996. Apud Pedro Rocha de Oliveira, "As razões do negacionismo: guerra civil e imaginário político moderno", *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 9, n. 3, dez. 2021, p. 206.

²⁴⁴ Na página da revista o título tem solução concretista: AUSÊN IAS. *Novos Estudos*, n. 9, jul. 1984.

²⁴⁵ Fidel Castro, "Uma vitória militar de Pirro e uma profunda derrota moral", *Novos Estudos*, n. 9, jul. 1984.

²⁴⁶ Roberto Schwarz, "Ausências", cit.

impressionados com a ausência de miséria e desigualdade naquele país, e com a austeridade de Fidel (que no Brasil não funcionaria, ainda segundo eles mesmos). Apesar de apoiadores da ditadura e de terem votado (na sequência do tal voo) contra o restabelecimento das eleições diretas, não aceitavam o "regime de partido único" cubano. Até aí, tudo um pouco previsível.

O centro do texto, que antecipa o mais bem estruturado "Nacional por subtração", de 1986, e também a mudança de patamar da crítica estabelecida nos ensaios da década seguinte, vem após a "novela do avião". Curiosamente, trata de algo não dito: os deputados não se referem ao "socialismo", uma presença ideológica forte, juntamente com o "anti-imperialismo" (ambos afirmados e reafirmados no discurso do líder cubano), segundo Schwarz, até o AI-5, quando são "empurradas para a clandestinidade". Após o seu esgarçamento por falta de contato com as ideias do tempo, durante a abertura não fora possível ressuscitá-los. E aqui o avanço contra-intuitivo: "Entretanto, não se pode dizer que o fundamento real daquelas noções tenha desaparecido: a visibilidade popular do imperialismo é maior que nunca, e hoje até os desavisados sabem que o capitalismo não tem solução próxima para a parte mais prejudicada da população".²⁴⁷

Esquematizando, no ensaio maior "Nacional por subtração", ao retomar essas ausências (e outras, como as noções de original e cópia, ou, centro e periferia), Schwarz, entre a história e a filosofia, se coloca do lado da primeira, e cobra lastro social das soluções filosóficas da moda de então (leia-se French Theory) para o nosso eterno mal estar com a importação de ideias e subsequente sensação de vida postiça.

A globalização do capital batia à porta àquela altura da década, mas a outra, operada pelos circuitos de comunicação de massa, já era realidade. Se Schwarz não compactua com o nacionalismo (então atrasado), que tem na subtração do importado (leia-se imperialismo) sua meta, tampouco adere ao lado que vencia a disputa. Os "globalistas" da época faziam crer que o "reinado da comunicação de massa [era] libertário ou aceitável do ponto de vista estético. Uma posição crítica e moderna, conformista no fundo".²⁴⁸ A tomada de posição um pouco sem lugar, faz com que ele jamais se alinhe "com o poder como quem faz uma revolução",²⁴⁹ enquanto tampouco se prende às velhas soluções do pré-golpe de 64. O caminho próprio, que insiste no acúmulo crítico e que não desconhece os debates estrangeiros do próprio tempo, no mesmo passo que, principalmente, parte de problemas reais colocados pela história, está no

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ Roberto Schwarz, "Nacional por subtração", em *Que horas são?*, cit., p. 34.

²⁴⁹ Idem.

esquema histórico das "Ideias fora do lugar", que é revisto no ensaio e, com o perdão do trocadilho, coloca as ideias no lugar histórico correto. O crítico dialético busca justamente no "anacronismo formado pela justaposição de formas da civilização moderna e realidades originadas na Colônia",²⁵⁰ uma imagem da atualidade, com andamento próprio, seja ele "promissor, grotesco ou catastrófico".²⁵¹ Não busca se livrar, para proveito e alívio próprio, daquilo que o processo histórico nos legara.

Voltando ao "Ausências", a baixa moral do socialismo seria consequência "das barbaridades cometidas em nome dele", e, entre outras causas, a desmoralização do marxismo no circuito acadêmico de prestígio mundial (de onde ainda importamos conceitos e métodos). Por aqui, além das derrotas sucessivas da esquerda, em 64 e na luta clandestina, o avanço do capital impôs padrões numa escala até então impensada, o que tornou qualquer debate sobre transformações profundas, estrambólico. Apesar das causas sólidas para o silenciamento, "não há razões para não falar dele, que, até segunda ordem, é parte da realidade".²⁵² A reflexão aguda vem em seguida, quando Schwarz afirma, na contracorrente, que a ausência "deste debate nos provincianiza e isola mais do que parece".²⁵³ Uma prova? Volta à conversa entre os deputados, e fecha com um convite ao leitor da *Novos Estudos* para que, com incômodo ou emoção, leia o discurso de Fidel e assim respire um clima que, apesar de ausente nos discursos de nossos políticos, tem "muito a ver com *o real*" [grifo nosso].²⁵⁴

O "real", é claro, estava em baixa no período de hegemonia pós-moderna, graças aos mesmos circuitos que procuravam jogar o marxismo na lata de lixo da história e esticavam seus braços invisíveis e desconstrucionistas por todo o globo.

O lançamento de *Um mestre da periferia do capitalismo* em 1990 aparentemente interrompe a sondagem do contemporâneo acompanhada até aqui. O livro aparece algo deslocado na cronologia da obra schwarziana, uma vez que os estudos das *Memórias póstumas* desde o início estavam previstos para ocupar o centro de sua tese de doutorado, publicada em livro de 1977 (*Ao vencedor as batatas*). O próprio Schwarz em entrevista de lançamento do volume, confirma a sensação de desencaixe: "De fato, meu assunto não foi definido em resposta à discussão atual: ele vem de mais ou menos 1964 [...]. Como trabalhei muito devagar, só agora estou publicando o livro, num momento em que as suas questões deixaram de ser

²⁵⁰ Ibidem, p. 48.

²⁵¹ Idem.

²⁵² Idem, "Ausências", cit.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ Idem.

debatidas".²⁵⁵ No entanto, o livro consolida uma visão de país, que, salvo melhor juízo, depende daquele momento histórico mundial que refluí sobre o país e que será objeto de estudo em *Sequências brasileiras*.

Se Schwarz procura em Machado a mesma intuição de Benjamin em Baudelaire, sobre o qual o crítico alemão acreditava não ter ainda se estabelecido o "sossego da distância histórica",²⁵⁶ no caso brasileiro o estudo tem implicações dilatadas, uma vez que a própria história social, ou econômica, (para ficarmos nas grandes molduras explicativas) estava longe de algum consenso sossegado. Tome-se como exemplo a contenda decisiva para tomada de posições políticas contemporâneas, e não apenas disputa entre diferentes grupos, entre o trabalho clássico de Fernando Novais (*Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial, 1777-1808*) e os estudos desenvolvidos por João Fragoso e Manolo Florentino, sobre a existência, dimensão e dinâmica de mercado interno na colônia e o sentido da acumulação de capital no período.²⁵⁷

É no estudo das *Memórias póstumas* que Schwarz acerta os ponteiros do nosso relógio histórico, ao propor uma reflexão mais elaborada do tempo contraditório na periferia. Já é bem conhecida a tese schwarziana da volubilidade do narrador machadiano das *Memórias*, que é também princípio formal do romance e mimese do comportamento das elites locais. Essa volubilidade infringe as regras de composição do romance realista sem parar e coloca o complexo cultural iluminista de joelhos ("O escândalo das *Memórias* está em sujeitar a civilização moderna à volubilidade"). Cria também no interior do seu movimento uma regularidade na desagregação absoluta ("a dimensão não burguesa da experiência burguesa no Brasil"):²⁵⁸ "[...] importa assinalar o nexó entre esta desagregação, causada pelas muitas idas e vindas, e uma extraordinária rearticulação produzida noutra plano, complementarmente. A volubilidade desmancha a vigência do relógio, dos esquemas sequenciais convencionados, da ordenação indispensável à vida ativa, mas em vão, pois o tempo ressurgue no interior dos movimentos da volubilidade ela mesma, impregnados de uma temporalidade diferenciada e complexa [...]. O foco da mimese e da apreensão do *quid* histórico se desloca do narrado para o ritmo específico do narrador, cujas implicações no tempo, ou para o tempo, são a quintessência do livro".²⁵⁹ Diferentemente de Sterne, inspiração formal para a "desagregação"

²⁵⁵ Idem, *Seja como for*, cit., p. 62.

²⁵⁶ Idem, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, cit., p. 12.

²⁵⁷ Fernando Novais (*Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial, 1777-1808*, São Paulo, Editora 34, 2019); João Fragoso e Manolo Florentino (por ex.: *O arcaísmo como projeto*, Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2001; *Homens de grossa aventura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998).

²⁵⁸ Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, cit., p. 174.

²⁵⁹ Ibidem, p. 203.

literária, em Machado, a "contravenção sistemática reproduz um dado estrutural da situação de nossa elite".²⁶⁰ Assim, os supostos (porque ironizados pela matéria brasileira que os desqualifica antes mesmo de serem produzidos) grandes temas universais em Machado (melancolia, tédio etc), são o "desdobramento involuntário, no próprio ser do narrador",²⁶¹ da sequência de arbitrariedades com lastro social. A vida que passa em branco conecta-se, segundo Schwarz, ao famoso aforismo de Paulo Emílio Salles Gomes, transcrito no livro pelo crítico: "A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro".²⁶²

Ligando as pontas entre os dois livros sobre Machado, e conseqüentemente sobre a primeira e a segunda fase dos romances machadianos, Schwarz encontra a visão do romancista para o sentido próprio de progresso no país: "Nalguma altura anterior às *Memórias* e posterior a *Iaiá*, faltando um decênio para a Abolição, o romancista se terá compenetrado deste movimento decepcionante do capital. O arranjo civilizado das relações entre proprietários e pobres, que estivera no foco do trabalho literário da primeira fase, ficava adiado *sine die*. De agora em diante Machado insistiria nas virtualidades retrógradas da modernização como sendo traço dominante e grotesco do progresso na sua configuração brasileira".²⁶³

Assim, Machado não apostara suas fichas em reviravoltas decisivas com a Abolição, na mesma linha que Schwarz desconfiaria dos grandes projetos nacionais a partir da redemocratização (ao menos de acordo com nossa leitura de busca principal de sentido histórico no texto, em que esses projetos não aparecem nem como problema). Porém, mais importante, ao encontrar no século XIX a "improdutividade do tempo, que passa em vão e deixa tudo como está", Schwarz foi capaz de aprofundar a sondagem do contemporâneo em seu "livro da década de 1990". O estudo do narrador machadiano da segunda fase promove uma pausa no caminho do encontro com o próprio tempo do crítico, de reavaliação da especificidade do processo histórico brasileiro como alavanca para a compreensão do capitalismo tardio (e da economia pós-industrial ou baseada na informação), com seu ritmo próprio. "Modernização conservadora" deixa de ser o feitiço de uma certa vertente de políticas públicas que buscam se atualizar mantendo privilégios arraigados na matéria brasileira, para implicar feição histórica própria (e forjar identidade). Para pesquisadores dessa forma

²⁶⁰ Ibidem, 227.

Schwarz propõe lastro histórico na sociedade brasileira escravocrata para as influências descobertas por Alfredo Bosi em *O enigma do olhar* (São Paulo, Ática, 1999).

²⁶¹ Ibidem, p. 203.

²⁶² Ibidem, p. 206.

²⁶³ Ibidem, p. 226.

específica de modernização, como Wanderley Guilherme dos Santos, o interesse do movimento passa principalmente pela política e suas negociações (portanto deixando caminho aberto para mudanças de rota): "Em outras palavras, a essência da crise institucional contemporânea define-se pelo fato de que o processo político real deixou para trás, e muito longe, as instituições criadas há cinquenta anos. O corporativismo subdesenvolvido está em crise porque não consegue conter mais encapsulado o processo nominal de competição entre os diversos segmentos sociais. Ao mesmo tempo, ainda não se desenham com clareza os marcos institucionais que irão balizar a evolução histórica futura".²⁶⁴ Já em Schwarz, algo como uma imagem a se arrastar pelo tempo começa a ganhar força. Como veremos, um novo encontro com a Tropicália se desenha.

O passado de fato era sacudido (para muito além do que Benjamin supusera em Baudelaire) e o futuro repousava no Nada²⁶⁵ (distante do mal-estar metafísico e colado ao chão histórico da periferia do capital) dos projetos frustrados do narrador volúvel ("— Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria", a negativa final de Brás como "único saldo que conta").²⁶⁶ O horizonte vazio "é a organização social brasileira",²⁶⁷ a respeito da qual o golpe de 1964 jogara luz e Machado ensinara Schwarz do eterno sinal fechado do presentismo.²⁶⁸

Outro crítico a se debruçar sobre a obra machadiana, distante da análise de Schwarz ao ignorar a forma específica da prosa do autor, em seu livro maior de interpretação do Brasil, chega a imagem que se aproxima do mesmo nada do narrador defunto, citando justamente o romancista do século XIX do país moderno e escravocrata, burguês e paternalista, em uma passagem de extrema força e beleza estilística: "Deitou-se remendo de pano novo em vestido velho, vinho novo em odres velhos, sem que o vestido se rompesse nem o odre rebentasse. O fermento contido, a rasgadura evitada gerou uma civilização marcada pela veleidade, a fada que presidiu ao nascimento de certa personagem de Machado de Assis, claridade opaca, luz coada por um vidro fosco, figura vaga e transparente, trajada de névoas, toucada de reflexos, sem contornos, sombra que ambula entre as sombras, ser e não ser, ir e não ir, a indefinição das formas e da vontade criadora. Cobrindo-a, sobre o esqueleto de ar, a túnica

²⁶⁴ Cf. Wanderley Guilherme dos Santos, *Razões da desordem* (Rio de Janeiro, Rocco, 1993), p. 37.

²⁶⁵ Schwarz cogitou para o livro sobre a segunda fase da obra machadiana o título "O nada na acepção brasileira do termo". Cf. Felipe Catalani, "O nada na acepção brasileira do termo: Roberto Schwarz e o chão social do niilismo", *Margem Esquerda*, n. 40, abr. 2023, p. 49-54.

²⁶⁶ Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, cit., p. 205.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 100.

²⁶⁸ Reflexões decisivas sobre o presentismo estão em François Hartog, *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo* (Belo Horizonte, Autêntica, 2013).

rígida do passado inexaurível, pesado sufocante."²⁶⁹ Trata-se de *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro. No caso de Faoro, o nada era a permanência de uma enorme estrutura administrativa e burocrática herdada de Portugal: o Estado patrimonialista. O nada, ou nos termos do jurista gaúcho, nossa "viagem circular", ainda teria solução: a destruição desse mesmo Estado. A saída utópica melancólica (como se vê pelo tom rebaixado do fechamento do livro citado), encontra curiosamente o "Minimanual do guerrilheiro urbano", de Marighella, e sua utopia combativa no interior da luta armada contra a ditadura do pós-golpe de 64: "o guerrilheiro deve viver dentro de uma sociedade que ele busca destruir".

A nota do contra sobre o livro fica em sua composição. Enquanto em *Ao vencedor as batatas* há a vantagem de organização de livro longo na compartimentação de cada romance da primeira fase de Machado em capítulo próprio (sem abdicar do fio dialético forma-sociedade a atravessá-los), em *Um mestre da periferia do capitalismo* a estrutura é mais problemática. Antecipação de conclusões, reiteração do centro do argumento, pausas histórico-sociais, parecem duvidar do andamento seguro da análise. Os blocos temáticos contrariam a sequência do romance, desorientando a leitura. Após a prosa curta e condensada ser cuidadosamente desenvolvida desde os ensaios produzidos a partir do pós-golpe de 64, a retomada de um livro extenso, projeto de mais de dez anos, "ideia fixa" da juventude do crítico de trazer Machado para o "outro lado", parece exigir de Schwarz a apropriação de um estilo de composição que, salvo melhor juízo, já não lhe interessava mais.

É importante não perdermos de vista que enquanto finaliza seu longo estudo sobre Machado de Assis, Schwarz assistiu à grande transformação histórica do século XX terminar num melancólico e lento "nada": o inesperado fim do "socialismo realmente existente". Curiosamente, a "catástrofe em câmera lenta", na expressão de Hobsbawm, da União Soviética somada ao "nada brasileiro machadiano", injeta força nas análises do crítico. Numa verdadeira negociação por cima, sem golpe, revolução ou levante do povo, "pois a população de Moscou permaneceu quieta", juntamente com o bloco socialista, desapareceu de um dia para o outro "uma versão simplista do marxismo-leninismo". "Reformistas em desespero [com o colapso soviético], sobretudo entre os acadêmicos que tinham sido os tão óbvios beneficiários da *glasnost*, foram empurrados para um extremismo apocalíptico: nada se podia

²⁶⁹ Raymundo Faoro, *Os donos do poder* (São Paulo, Globo, 2009), p. 837-8. As diferenças de método de análise entre Faoro e Schwarz estão em Leopoldo Waizbort, *A passagem do três ao um* (São Paulo, Cosac Naify, 2007); e sobre o Estado patrimonialista no autor e sua superação, cf. Fernando Novais, *Aproximações* (São Paulo, Cosac Naify, 2005), p. 394.

fazer enquanto o velho sistema, e tudo nele, não fossem absolutamente destruídos. Em termos econômicos, o sistema devia ser completamente pulverizado [...]"²⁷⁰

Em suma, a crise que abalou grande parte da intelectualidade de esquerda mundial, que de um lado se fechou em posições insustentáveis (apostando em velhas teleologias) e do outro se aventurou em viradas ideológicas radicais (muitas vezes vantajosas em termos privados), para não falar nos apocalípticos que via de regra ou perderam contato com o desenrolar do processo social ou migraram para o campo de especialistas técnicos valorizados pelo Estado do bem-estar social, que surgia como via única para a esquerda e para a construção de sociedades mais aceitáveis; tudo isso somado parece ter sido amparado em Schwarz pelo Machado de Assis da segunda fase. Surge seu livro mais radical de interpretação do país: *Sequências brasileiras*.

Firme no marxismo arejado desenvolvido na USP (mas não sem críticas, como veremos) pelo grupo de estudos que reuniu jovens professores e alguns alunos em fins da década de 1950, Schwarz encontra o heterodoxo *O colapso da modernização* de Robert Kurz publicado em 1991, o que lhe permite um passo à frente em relação aos seus antigos mestres; retoma Antonio Candido em quatro ensaios vigorosos, estabelecendo raízes definitivas para o seu projeto; responde às críticas de Alfredo Bosi; revê a atualidade de Brecht para o Brasil do período; descobre objetos artísticos decisivos para o entendimento dos efeitos da nova rodada de modernização capitalista na periferia (os romances de Chico Buarque e de Paulo Lins, então dois estreantes); revê o desenvolvimentismo; e, claro, continua a buscar novos aspectos em Machado de Assis para a compreensão do capitalismo tardio.

O livro é dividido em três partes, identificadas apenas com I, II e III. No entanto, cada uma delas tem andamento próprio, ritmo e característica, o que não impede articulações entre elas. A primeira reúne quatro textos de fôlego dedicados à obra de Antonio Candido, o que representa quase um quarto do livro (64 páginas). A parte II apresenta quatro ensaios longos (totalizando 112 páginas) que, salvo melhor juízo, trata-se de respostas decisivas a temas caros à sua produção (ideias fora do lugar, seminário de Marx, crítica machadiana, Brecht) nessa (nova) fase histórica de onde fala o crítico. E, por fim, uma miscelânea com nada menos que quinze textos ocupando 120 páginas (entre resenhas, prefácio, orelha de livro, arguição de tese, entrevista e um conto ficcional).

²⁷⁰ Eric Hobsbawm, *Era dos extremos*, cit., p. 476.

Enquanto nos ensaios da década de 1980 não encontramos qualquer debate de peso sobre os projetos políticos coletivos que dominavam a imaginação política e prometiam compensar o "tempo perdido" da ditadura e nos colocar de volta ao eixo de desenvolvimento com democracia (ainda a velha superação do país atrasado), na década de 1990 Schwarz altera os parâmetros da crítica e de entendimento do tempo histórico contemporâneo para o país, ou seja, o lugar da nação nas disputas internacionais no interior do sistema capitalista. Sem nenhum tipo de guinada teórico-metodológica rumo à discussão abstrata de filosofias da história, o crítico encontra uma vez mais o *lugar do Brasil no tempo do mundo*.

Se, como visto, a voga da crítica literária não soprava a favor da dialética, Schwarz não se mostrava disposto a abrir mão do adensamento acumulado por certa tradição crítica brasileira em nome de um suposto relógio epistemológico mundial. Mais uma ausência (a dialética) na coleção de apagamentos promovidos pela força do capital desde o início dos anos 1980 (a lista é longa, com destaque para socialismo, imperialismo ou anti-imperialismo, revolução, dialética e até mesmo sociedade)²⁷¹ resgatada pelo crítico.

Se "a cada geração a vida intelectual no Brasil parece recomeçar do zero",²⁷² Schwarz vai unir as pontas de seu trabalho ao da geração anterior na figura de Antonio Candido. (Algo que já vinha sendo feito no interior de seus ensaios, não só com Antonio Candido, mas também com Paulo Emílio Sales Gomes, Mário e Oswald de Andrade. Paulo Emílio e Oswald receberam estudos individuais de suas obras, Mário também, nos primórdios ainda confusos da produção do crítico em *A sereia e o desconfiado*. No entanto, os três estão presentes em comentários e comparações, citações e a título de exemplo via de regra positivo, espalhados em boa parte da produção schwarziana. Paulo Emílio, por exemplo, fornece o caminho inicial ao ensaio "Fim de século", enquanto Mário de Andrade aparece nas importantes reflexões finais de Schwarz em "Outra Capitu". Já a utopia antropofágica de Oswald surge, não sem críticas, em "Cultura e política, 1964-1969".) Essa retomada organizada e publicada das análises da obra de Antonio Candido, desloca Roberto Schwarz da posição de discípulo para a de um dos principais intérpretes da obra do mestre, o que, consciente ou não, cria autonomia para sua posição no campo da crítica. Em outras palavras, num movimento aparentemente contraditório, ao elevar Antonio Candido a principal figura intelectual de seu tempo, se conecta à sua produção e se descola da sombra do crítico mais velho.

²⁷¹ Os apagamentos promovidos pelo capitalismo na luta contra seus adversários têm a ver com planos, estratégia e investimento de grupos e agentes específicos. Sobre essa "batalha", cf. Grégoire Chamayou, *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário* (São Paulo, Ubu, 2018).

²⁷² Roberto Schwarz, "Nacional por subtração", cit., p. 30.

Com esforço de análise redobrado, Schwarz lê Antonio Candido para sondar o contemporâneo, nesse caso, tratar daquilo que entende como nossa ilusória participação no mundo globalizado. O debate passa pelo interior da crítica literária, levanta problemas de peso para o debate especializado, mas o alcance é mais amplo. Tem a ver com perguntas decisivas para o período, como por exemplo: Quem somos nós no mundo de então? Qual o significado de progresso ou de modernização quando a integração nacional desaparece do horizonte? E como desdobramento, como pensar o país sem esse ponto de apoio? Para que serve a crítica ideológica uma vez que passamos da desfaçatez de classe para o jogo aberto das iniquidades sem justificativas?

Novamente Schwarz não procura reconstituir acontecimentos históricos a partir de documentação exaustiva. Seu esquema para a década de 1990 está espalhado por diferentes ensaios, e de natureza diversa, o que exige do leitor o esforço de dar sentido e buscar relações entre textos de natureza distinta.

Já avançados cinco anos na década seguinte, o sociólogo Francisco de Oliveira vai caracterizar o ciclo neoliberal brasileiro, ou a nova rodada mundial de atualização do capital, como o "grande salto para trás", em evidente boutade do salto para frente chinês. Escrevendo em pleno lulopetismo, Oliveira não vê diferenciação política de relevo no interior do ciclo, mas sim um grande bloco: "Collor-Itamar-FHC-Lula", situando Fernando Henrique Cardoso como grade condutor do processo, uma vez que antes da Presidência ocupara o Ministério da Fazenda no governo Itamar. Além da política econômica conservadora, o ciclo seria assim caracterizado pelo sociólogo: "De fato, é a política antirreformas sociais, antirregulacionistas, antidireitos do trabalho e direitos sociais em geral que marca o neoliberalismo. De resto, completamente dentro do paradigma neoliberal *urbi et orbi*".²⁷³ Se no período da chamada "república populista", as reformas progressivamente incendiavam a consciência da luta de classes e apontavam para um processo com ares de pré-revolução, dessa vez, cada reforma vai apontar um passo adiante na construção de monopólios privados acima de interesses públicos, como no caso das reformas da previdência, primeiro com FHC, depois com Lula. "Os planos de previdência privada experimentaram, então, um enorme crescimento e seguem em ascensão."²⁷⁴ Vejamos como essa visão catastrófica pelo retrovisor no caso de Oliveira, é construída por Schwarz enquanto vive e pensa os duros anos 1990.

²⁷³ Francisco de Oliveira, "Brasil", em *Enciclopédia Latino-americana* (São Paulo, Boitempo, 2005), disponível online: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/b/brasil>. Acesso: 30 maio 2023.

²⁷⁴ Idem.

Para o nosso interesse, um ensaio central do livro está na parte I do livro: "Os sete fôlegos de um livro" (sobre *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido). Publicado em 1999 em volume dedicado ao seminário "Antonio Candido: pensamento e militância", mesmo ano da publicação do livro, juntamente com o então inédito "Altos e baixos da atualidade de Brecht", é o ensaio mais adiantado no tempo nessa antologia de ensaios da década marcada pela globalização, ou seja, pela hegemonia global do sistema capitalista. Também funciona como catalisador dos principais temas espalhados por *Sequências brasileiras*, além de esticar até mais longe no tempo a força das explicações que atravessam o conjunto dos demais ensaios do volume. De certa forma confirma os pressupostos da crítica engajada sem barateamento de Antonio Candido, ao encontrar o lugar do país naquele estágio já avançado da globalização. Se a tomada de posição enviesada durante os anos 1980 parecia deixar Schwarz num lugar deslocado no interior do debate público do país, uma vez que a corrente filosófica hegemônica pós-moderna era atacada por ele como renúncia de se enfrentar problemas reais e o passado com potencial de transformação estava definitivamente encerrado, Schwarz vai acertar as contas com um ponto sensível das projeções futuras do país: o conceito de formação. Desse embate, contraditoriamente, surge a *não formação* como nosso lugar no interior do tempo do mundo.

O movimento delicado do ensaio está em descartar a carga positivadora da ideia de formação (a ocorrer em algum lugar do futuro), sem no entanto perder sua potência explicativa justamente onde ela falhara. Ou seja, não é possível abandonar o conceito e a tradição que a pensou sem antes retirar as consequências de sua aparente inutilidade (colocava em prática o próprio modelo encontrado por Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira*). Para isso, historiciza o conceito ao analisar o livro que, menos popular que os demais que trataram da formação do país (Sérgio Buarque, Caio Prado e Furtado),²⁷⁵ confirma a boa realização de um aspecto do processo formativo nacional: o da literatura brasileira.

Schwarz abre o texto afirmando que "a ideia central de Antonio Candido mal começou a ser discutida".²⁷⁶ No entanto, como veremos, a ideia central do ensaio de Schwarz está num desdobramento interpretativo (no mínimo bastante criativo) operado por sua leitura, que só se apresenta quando colocado em relação a outros livros, críticos anteriores e posteriores, e,

²⁷⁵ A lista dos "clássicos da formação" é conhecida: *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr.; *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado; *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, de Raymundo Faoro; e, é claro, *Formação de literatura brasileira*, de Antonio Candido. *Raízes do Brasil* não tem "formação" no título, mas poderia entrar na lista.

²⁷⁶ Roberto Schwarz, "Os sete fôlegos de um livro", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 54.

principalmente, aos problemas da contemporaneidade (muitas casas distantes da publicação da obra em questão).

Num primeiro momento, Schwarz expõe a relação de Antonio Candido com seus predecessores, seguindo assim os passos do autor, e também os de Machado de Assis, apontados na *Formação*. Aqui, novamente a insistência do crítico nas vantagens da análise que não perde de vista o "chão social cotidiano e extrauniversitário da elaboração intelectual, pautado por suas contradições específicas", em relação à adesão cega aos pacotes teórico-metodológicos embarcados de tempos em tempos diretamente dos centros hegemônicos de elaboração acadêmica, àquela altura "na maior parte norte-americanos, com brechas para franceses, alemães e ingleses".²⁷⁷ A crítica à produção acadêmica brasileira da época é dura: "O universalismo infuso da Teoria Literária, que em parte nem decorre dela, mas de sua adoção acrítica nestas e noutras plagas, cancela a construção intelectual da experiência histórica em curso".²⁷⁸ Leitor atento de Antonio Candido e de Machado, Schwarz portanto não desconhecia os descaminhos desse tipo de "adoção acrítica". E, como veremos, coloca uma dimensão ética ao crítico, que mesmo compreendendo o baixo prestígio de suas opções, não adere às vantagens pessoais que exigiriam certas renúncias.

Em seguida Schwarz passa a limpo a periodização escolhida por Antonio Candido, consciente dos anacronismos (esses de fato indesejados) "Brasil Colônia" ou "período colonial da história do Brasil", e aponta os ganhos do estudo que descompartmenta a história dos grandes movimentos artísticos, no caso, Arcadismo e Romantismo. Acompanhando os anseios de escritores pela independência do país, "a formação da literatura brasileira é identificada como uma estrutura histórica em sentido próprio [...] com atributos e dinamismos específicos [...]".

O que para alguns, e aqui Schwarz entra no debate com os críticos do livro (acertando contas novamente com os poetas concretos, dessa vez Haroldo de Campos e seu *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*), poderia parecer estreitamento, bitolamento ou nacionalismo rebaixado, na verdade é Antonio Candido ajustando o passo com o movimento teórico mais avançado da sua época (a voga francesa do estruturalismo), por caminho próprio, ligado a problemas reais e concretos de uma estrutura histórica específica. "[...] note-se ainda que a combinação de estrutura e história [...] estava no

²⁷⁷ Ibidem, p. 56.

²⁷⁸ Idem.

foco do debate teórico da época. A *Crítica da razão dialética*, de Sartre [...] fazia dessa combinação a pedra de toque da compreensão do mundo pela esquerda".²⁷⁹

Em seguida é resumido o significado de "formação" na obra em questão, a ideia de sistema literário e o ponto de chegada (e de partida) desse processo no Machado de Assis maduro. Sem provincianismo de qualquer tipo e também imitação desqualificada, concluía-se a formação. Seria então possível elaborar mentalmente a dimensão social de uma experiência delimitada geograficamente pelos contornos de uma jovem nação independente. E aqui um ponto de distanciamento de outras investigações decisivas que pensaram as mudanças do país como um processo formativo, de completar (integrar) a nação. Esse "ponto final formativo" sempre esteve no futuro, algo a ser realizado, tanto em Caio Prado (quando "fosse superada a nossa herança de inorganicidade social"); quanto em Sérgio Buarque (quando superada a "herança portuguesa, rural e autoritária"); e, finalmente em Celso Furtado (que afirmava que a "nação não se completa enquanto as alavancas do comando, principalmente as do comando econômico, não passarem para dentro do país").

Nesse aspecto, Celso Furtado funciona como homem-ponte entre a geração dos intérpretes surgidos das aberturas intelectuais (1922) e sociais (1930) e os planejadores do pós-Segunda Guerra Mundial. A formação aqui se embaralha com outro conceito forte: o de desenvolvimento. Se, como afirma Schwarz, para a geração de Furtado o processo parecia estar ao alcance das mãos, o título de sua obra de 1992 mostra a curva descendente de expectativas: *Brasil: a construção interrompida*. E novamente no título do filme que conta a trajetória de Furtado: *O longo amanhecer* (2008).

Ao que tudo indica, o sentimento não era restrito ao meio acadêmico ou político: "Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava das uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna".²⁸⁰

E é do esqueminha comparativo aparentemente simples entre autores que trataram da formação que Schwarz avança em direção ao contemporâneo, extrapolando o conteúdo do livro de Antonio Candido. Primeiro em direção à história no momento da finalização do processo formativo de um sistema literário nacional no século XIX: "[...] foi possível que o sistema literário se formasse [mais ou menos em 1870] sem que a escravidão — a principal

²⁷⁹ Ibidem, p. 60.

²⁸⁰ Cf. Fernando Novais, João Manuel Cardoso de Mello, "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna", em *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, v. 4 (São Paulo, Companhia das Letras, 1998), p. 560.

das heranças coloniais – estivesse abolida".²⁸¹ Em seguida, para buscar a generalização que o processo implica: as elites conquistaram "um grau considerável de organização mental [...] sem que isso signifique que a sociedade da qual esta mesma elite se beneficia chegue a um grau de civilidade apreciável".²⁸² A isso chamará de "*progresso à brasileira*" [grifo nosso].

Ao ler o livro de Antonio Candido considerando o momento histórico da escrita da obra, ou seja, os anos 1940 e 1950, a conclusão de um sistema literário torna mais complexo o que no período parecia um processo não apenas em via de se cumprir, como homogêneo e totalizante. A formação no plano econômico e social integraria todas as dimensões da vida nacional, algo que se mostrou equivocado. O alerta sobre os passos em falso que as elites tomariam na hora H, ou seja, quando desfechos democratizantes estivessem colocados como urgências, estava nesse que seria o mais cético entre os estudos da formação, provavelmente inacessível nesse aspecto no momento da escrita até mesmo para o autor. O livro de Antonio Candido não "demonstrava também que as elites podiam ir mais longe, sem necessidade de se fazerem acompanhar pelo restante do país?". Aqui temos Schwarz extraído de seu próprio esquema, diagnóstico válido para os tempos da Abolição, do golpe de 64 e também para a rodada de modernização capitalista iniciada com Fernando Collor e integrada por seu colega de estudos de Marx, FHC: "Chegando aos dias de hoje, parece razoável dizer que o projeto de completar a sociedade brasileira não se extinguiu, mas ficou suspenso num clima de impotência, ditado pelos constrangimentos da mundialização".²⁸³ Uma estrutura histórica decisiva destrinchada através do acúmulo crítico, assim como proposto pelo próprio Schwarz no início do ensaio.

Vale reproduzir a conclusão definitiva para o período, e que como veremos, se estende sem alteração dali em diante, independe de reviravoltas políticas e ou culturais: "A expectativa de que nossa sociedade possa se reproduzir de maneira consistente no movimento geral da modernização capitalista está relegada ao plano das fantasias pias".²⁸⁴

Em entrevista à *Folha de São Paulo* em 1996, o então presidente Fernando Henrique Cardoso afirma sem qualquer constrangimento que quarenta milhões de brasileiros ficariam de fora do processo produtivo inaugurado com a globalização.²⁸⁵ O que confirma a análise de Schwarz: "Por boa-fé, ceticismo ou cinismo, os governantes não escondem que nas circunstâncias a integração social não vai ocorrer".²⁸⁶ (No caso do ex-professor, por franqueza

²⁸¹ Roberto Schwarz, "Os sete fôlegos de um livro", cit., p. 65.

²⁸² Ibidem, p. 66.

²⁸³ Ibidem, p. 67.

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ "FHC Exclusivo", entrevista a Vinicius Torres Freire, *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais!, 13 out. 1996.

²⁸⁶ Roberto Schwarz, "Os sete fôlegos de um livro", cit., p. 67.

absoluta.) Esse "resto" de população seria entregue ao lulismo, que operaria aquilo que Paulo Arantes chamou de "redução de danos".²⁸⁷

O parágrafo final do ensaio abre muitos debates. Ou ao menos dois principais. Primeiro sobre a própria função do sistema literário (pronto e ainda operando) num país que desiste de tarefa histórica de integração das faixas empobrecidas como projeto atrelado à modernização do país almejada por intelectuais e artistas progressistas. A literatura passa a funcionar como um repositório privilegiado para localizarmos "forças em desagregação" e também aquilo que está se "decompondo". E aqui a importância de objetos estéticos que permitam não apenas a confirmação das contra-intuições mais altas, como o funcionamento mesmo dessa desagregação no tecido social, com suas variações regionais, de classe etc.

Cabe um parêntesis. O reconhecimento da potência da literatura contemporânea brasileira como força autônoma para o desvelamento do ritmo próprio da sociedade brasileira inserida na dinâmica da contemporaneidade capitalista, só aparece em Schwarz a partir de *Sequências brasileiras*, com os ensaios sobre o *Estorvo* de Chico Buarque e *Cidade de Deus* de Paulo Lins. Se descartarmos os textos de *A sereia e o desconfiado* pela baixa voltagem na busca pelos problemas contemporâneos brasileiros, vamos encontrar em *O pai de família* apenas Zulmira Ribeiro Tavares e o romance de Paulo Emílio Sales Gomes; e em *Que horas são?*, novamente Zulmira e o poema de Augusto de Campos. Ensaios menores se pensarmos nos momentos de busca pela nota nacional. Ou seja, até o livro de 1999, a literatura brasileira contemporânea não se apresenta a Schwarz como caminho forte para os debates decisivos do país no mundo.

No universo (formal e de conteúdo) degradado do romance de estreia de Chico Buarque, Schwarz encontra um país que caminha na direção oposta ao da integração, seja via socialismo, seja como consequência de ganhos civilizatórios no interior da modernização capitalista.²⁸⁸ Avança, isto sim, na "fluidez e na dissolução das fronteiras entre as categorias sociais — estaríamos nos tornando uma sociedade sem classes, sob o signo da delinquência?".²⁸⁹ Quem poderia negar? Sobre o narrador que insiste em idealizar soluções do passado para um presente que supostamente não se modificara (o que acaba lhe custando a vida), Schwarz mais uma vez reflete sobre a *nação desintegrada*: "Esta disposição absurda de continuar igual em circunstâncias impossíveis é a forte metáfora que Chico Buarque inventou

²⁸⁷ Paulo Arantes, "Mesmo sem projeto, Lula terá sucesso se frear extrema direita", *Ilustríssima, Folha de S.Paulo*, 11 mar. 2023, podcast.

²⁸⁸ Sobre o sentido negativo de história em Chico Buarque, cf. Tiago Ferro, "Tempo esgotado", revista *Serrote*, n. 34, mar. 2020.

²⁸⁹ Roberto Schwarz, "Um romance de Chico Buarque", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 220.

para o Brasil contemporâneo [...]".²⁹⁰ Se retomarmos o debate aberto com a *Formação da literatura* de Antonio Candido, essa disposição absurda poderia se referir à insistência nos projetos de integração calcados no desenvolvimentismo e na industrialização.²⁹¹

O diálogo com Francisco de Oliveira é evidente nesse período. Com Schwarz iniciando o debate. Depoimento de 2005 de Francisco de Oliveira vai ao encontro certo ao *Estorvo* como lido por Schwarz: "As estruturas de classes e de dominação permanecem em flutuação, sob o signo de uma forte indeterminação. Sem dúvida, há classes dominantes e classes dominadas no Brasil, mas as ciências sociais não conseguiram, ainda em 2005, nomeá-las. Em parte porque nossas insuficiências teóricas e o parco conhecimento do que havia se passado no Brasil nos vinte anos anteriores tornaram-nas incapazes. De outro lado, a mescla de setores e interesses dificultava passar o fio definidor das fronteiras. E sobretudo porque a própria política viu evaporar-se suas relações com as classes, turbilhonadas pela velocidade das transformações, inclusive as advindas da globalização".²⁹²

Em *Cidade de Deus*, a escalada da violência como sinal de prestígio entre a bandidagem das periferias cariocas ganha a primeira página dos jornais e aponta outra faceta da integração: "Estava formado o novo mecanismo de *integração perversa*: as piores desumanidades adquirem sinal positivo uma vez que alcancem sair na mídia, uma espécie de aliada para romper a barreira da exclusão social" [grifo nosso].²⁹³ Os termos ganham novos significados. Inclusão passa a significar reconhecimento midiático (sempre efêmero), e a integração, perversa. A paisagem, não explicitada mas adivinhada, de um Rio de Janeiro degradado em *Estorvo*, volta em Lins transformada pela "guerra do narcotráfico": "[...] a alegria da vida popular e o próprio esplendor da paisagem carioca tendem a desaparecer num pesadelo [...]".²⁹⁴ Ainda em *Cidade de Deus*, o fechamento da resenha dramatiza o tal do "progresso à brasileira" e por onde andava a formação. O mundo dessa faixa da população empurrada para o crime e presa num vão histórico de qualidade rebaixada (na expressão de Robert Kurz, "sujeitos monetários sem dinheiro"), esquadrinhada por Paulo Lins, "é o nosso [mundo], e longe de representarem o atraso, eles são resultado do progresso".²⁹⁵ Mais uma vez estabelecendo diálogo futuro com Francisco de Oliveira: "O crescimento da pobreza

²⁹⁰ Ibidem, p. 223.

²⁹¹ Sobre o ressurgimento da ideia de desenvolvimentismo durante os anos Dilma Rousseff, cf. André Singer, "Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014)", *Novos Estudos*, 102, jul. 2015; idem, *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)* (São Paulo, Companhia das Letras, 2018).

²⁹² Francisco de Oliveira, "Brasil", em *Enciclopédia Latino-americana*, cit.

²⁹³ Roberto Schwarz, "*Cidade de Deus*", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 203.

²⁹⁴ Ibidem, p. 210.

²⁹⁵ Idem.

fazia, no terreno da classe operária, o caminho inverso da história da industrialização capitalista: os pobres transformaram-se em classe operária; em 2005, a classe operária transformava-se em pobre".²⁹⁶

Voltando à conclusão de "Os sete fôlegos de um livro", é possível notar como a leitura de romances publicados na década de 1990 ajudou a caracterizar a contemporaneidade periférica. A questão nunca foi simplesmente identificar falhas para buscar sua superação, como no caso dos projetos de integração nacional inspirados pelos "clássicos da formação nacional", mas sim o passo adiante engatado nesse passado recente. Entender onde estávamos e as linhas de força para onde apontavam. "Durante muito tempo tendemos a ver a inorganicidade, e a hipótese de sua superação, como um destino particular do Brasil".²⁹⁷ Até aqui estamos no campo delimitado por "Literatura e subdesenvolvimento" de Antonio Candido (com os estágios de país jovem e país subdesenvolvido, ambos superáveis, seja pelo tempo, seja por projetos e luta). E na sequência, a continuação de onde Antonio Candido nos deixara: "Agora ela [a inorganicidade] e o naufrágio da hipótese superadora aparecem como o destino da maior parte da humanidade contemporânea, não sendo, nesse sentido, uma experiência secundária".²⁹⁸

A sondagem do contemporâneo através da revisão de Antonio Candido, e também de objetos estéticos produzidos no período, não chegaria aos mesmos resultados sem o passeio pelas ruínas da modernidade com o ousado livro de Robert Kurz.

Ao criticar o livro de Robert Kurz nas páginas da *Novas Estudos* de 1993, Francisco de Oliveira sugere que o seu sucesso no Brasil deve-se ao prefácio escrito por Schwarz, originalmente resenha para a *Folha de São Paulo*. Ainda segundo Oliveira, como Schwarz, diferentemente de Kurz, escreve com "clareza e elegância, há quem diga que seu artigo-resenha é muito melhor que o livro. Ou, indo mais longe, Roberto Schwarz fez, num pequeno artigo-resenha, outro livro, a partir daquele de Kurz".²⁹⁹

Nessa mesma edição da revista, no dossiê crítico ao *O colapso da modernização*, também apareceram textos de José Arthur Giannotti e de Bresser Pereira, todos eles reticentes, no mínimo, às ideias do autor. Na edição seguinte, Schwarz responderia com "Ainda o livro de Kurz", que trazia trechos que, somados à resenha do jornal, e finalmente

²⁹⁶ Francisco de Oliveira, "Brasil", cit.

²⁹⁷ Roberto Schwarz, "Os sete fôlegos de um livro", cit., p. 70.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ Francisco de Oliveira, "De novo, o Apocalipse: ou, da inutilidade de(o) ser humano", *Novos Estudos*, n. 36, 1993, p. 52.

em sua forma definitiva e mais ampliada em *Sequências brasileiras*, ganha o título de "O livro audacioso de Robert Kurz".

Ou seja, com Kurz, parece desafinar o diálogo entre Schwarz e Francisco de Oliveira, o que como veremos só se dá aparentemente, uma vez que desdobramentos importantes de Oliveira a partir de Schwarz acabam por incorporar a leitura que este fizera do crítico alemão.

A audácia de Kurz está, esquematicamente, em proclamar que a derrocada do "socialismo realmente existente", com o derretimento do bloco soviético, antecedido pelo do Terceiro Mundo devido à sequência de crises e quebraadeiras que se iniciam com a do petróleo de 1973, "representaria [...] o início da crise do próprio sistema capitalista, bem como confirmação do argumento básico de *O capital*".³⁰⁰ A conclusão contra-intuitiva só é possível a partir de um olhar recalibrado para o movimento da modernidade e seu motor, o progresso. Kurz deixa de lado a reiterada contraposição entre modelos abstratos (capitalista versus socialista, por exemplo) para "conceber em movimento e no conjunto a história do sistema mundial de produção de mercadorias".³⁰¹ Também escrevendo na década de 1990, o historiador Eric Hobsbawm chega a conclusões parecidas: "Depois de 1917, o comunismo soviético ofereceu um modelo alternativo, mas essencialmente do mesmo tipo, exceto por dispensar a empresa privada e as instituições liberais".³⁰²

Se para o pensamento de esquerda, essa suposta confirmação do marxismo, como aparentemente dá notícia Kurz, caminhando ao lado da iminente queda do capitalismo, deveria abrir o horizonte de transformações e superação do próprio capitalismo, as coisas não foram propostas nessa direção. O colapso implica a destruição do mundo do trabalho sem vanguarda organizada que tome as rédeas do processo e, de quebra, tudo abafado pela predominância da fetichização da mercadoria.

Schwarz vai extrair o que lhe interessa do livro para engatar a história brasileira recente no modelo contra-intuitivo de Kurz. A partir de então, coerência e verossimilhança no esquema de Schwarz é o que importa, e não qualquer fidelidade ao texto original. O esgotamento da capacidade do capital de explorar a força de trabalho (e portanto de produzir valor) graças ao imbricamento entre capital e ciência que permitiu enormes saltos tecnológicos no interior da modernização da produção de mercadorias (sem jamais esquecer que entre essas mercadorias inclui-se o aparato militar), dramatiza a situação dos explorados pelo capital: "Depois de lutar contra a exploração capitalista, os trabalhadores deverão se

³⁰⁰ Roberto Schwarz, "O livro audacioso de Robert Kurz", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 224.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 225.

³⁰² *A era dos extremos*, cit., p. 199.

debater contra a falta dela, que pode não ser melhor".³⁰³ Se parcelas da sociedade se veem imersas em uma realidade de esperanças rebaixadas com a crise como padrão normal da vida, regiões inteiras também devem enfrentar problemas. "Muitas vezes os gastos em tecnologia e infraestrutura, indispensáveis sob pena de abandonar a partida, são inalcançáveis. Assim, a vitória de uma empresa não é só a derrota da vizinha, mas pode ser a condenação e a desativação econômica de um território inteiro noutra continente". E a avaliação ainda piora. "Com a agravante, no caso dos países desenvolvimentistas, de que a mundialização do mercado foi precedida por um esforço industrialista nacional que ficou incompleto."³⁰⁴ Da abstração histórica de Kurz, Schwarz desce ao chão social do Brasil, num movimento que implica dinâmicas com registros próprios, mas não independentes.

O fracasso do tipo de sociedade que se moveu (e se frustrou) com as promessas de modernização via industrialização e urbanização aceleradas (no caso brasileiro ultra-aceleradas), inaugura o "tempo presente", a época das "sociedades pós-catástrofe", ainda na expressão de Kurz. Sujeitos arrancados de comunidades tradicionais rurais para o projeto malogrado de modernização são especificados: "sujeitos monetários desprovidos de dinheiro".

No entanto, uma névoa de normalidade encobre essa realidade catastrófica já que uma pequena elite local consegue se beneficiar nas trocas no mercado global e pautar as estratégias políticas de "privatização e abertura" comandadas por FMI e consortes. O horizonte arreganha os dentes talvez como nunca a essas sociedades e sugere aquilo que assistiríamos às claras no desenrolar do tempo a partir da década de 1990: "Droga, máfia, fundamentalismo e nacionalismo representam outros modos pós-catástrofe de reinserção no contexto modernizado".³⁰⁵ (Anos depois da escrita dessas palavras, os termos se concretizariam na realidade brasileira, na forma de, por exemplo: PCC, milícias, Bancada Evangélica no Legislativo e o surgimento da extrema direita na política institucional.)

Diferente do apocalipse lido por Francisco de Oliveira no livro de Kurz, o mundo não se esgota, nem tampouco a história (Giannotti compara *O colapso da modernização* de Kurz com *O fim da história e o último homem*, de Francis Fukuyama). A catástrofe pode ter vida longa.

O novo tempo não tem prazo para acabar, uma vez que o capitalismo chega ao impasse profetizado por Marx justamente quando "a classe operária já não tem força para colher os

³⁰³ Ibidem, p. 226.

³⁰⁴ Ibidem, p. 227.

³⁰⁵ Ibidem, p. 228.

resultados".³⁰⁶ Nessa nova fase histórica, que segundo Schwarz promete ser de "caos e decomposição", o "Marx da crítica ao fetichismo da mercadoria será mais atual do que o da luta de classes". O enfraquecimento da luta de classes como força a dar sentido para a história vai encontrar substituto na dinâmica e unidade da mercadoria fetichizada, "o anti-herói absoluto".

Kurz, salvo melhor juízo, é quem fornece o enquadramento mais amplo do período para as revisões que Schwarz fará do marxismo uspiano e de Brecht. Respectivamente em "Um seminário de Marx" e "Altos e baixos da atualidade de Brecht". Na revisão do seminário, o empenho construtivista e industrializante daquele grupo cobra seu preço pela ausência de uma crítica direta do capitalismo e da mercadoria fetichizada. Brecht ainda voltará à cena (já historicamente problematizado) com a peça *Rainha Lira*, de Schwarz.

Armado de um novo tempo histórico que se articula com o fim da Guerra Fria, inaugurando um novo período de sucessivos conflitos e rapidamente dissolvendo as esperanças de um mundo mais integrado e pacífico no vácuo dos acontecimentos de 1989-1991, Schwarz busca entender de que maneira o Brasil se insere nele com suas peculiaridades, ou seja, como fica a velha, e ao que tudo indica persistente e extremamente plástica, matéria brasileira. Retorna aos turbulentos anos 1960 para reavaliar a força de uma ideia decisiva para as expectativas de transformação da realidade periférica: a do "nacionalismo desenvolvimentista". No caso brasileiro, a passagem do campo para a cidade, da atividade rural para a indústria, implicava também grandes ajustes históricos: deslocava-se a população do campo e também de "enquadramentos semicoloniais". O movimento não se restringia às fronteiras do país, uma vez que o salto modernizante da industrialização contrariava o "destino agrário a que o imperialismo — como se dizia — nos forçava". Um parágrafo de pouco mais de meia dúzia de linhas, implica tempos históricos concorrentes, desníveis e lutas reais no interior da Guerra Fria.

O projeto que dera ânimo ao debate político de então, visto agora por sua força capaz de armar um "imaginário social novo", não ganha tom nostálgico. São mencionadas as "falácias nacionalistas e populistas", mas que apesar disso, foram o motor do acirramento do embate de classes, que por fim seria bloqueado pelo golpe de 64. Mas se no caso do movimento mais amplo do capital mundializado (e a essa altura fortemente financeirizado), como aprendido com Kurz, os preteridos pelo mercado talvez lamentem a situação nova de

³⁰⁶ Ibidem, p. 230.

obsolescência diante do capital global, o movimento se espelha aqui na derrocada das promessas de modernização do período em que estivemos "irreconhecivelmente inteligentes". Se o projeto desenvolvimentista não é interrompido com o golpe, ganha inclinação à direita. E "o ciclo cheg[a] ao fim com os dois choques do petróleo, a crise da dívida e sobretudo com os novos saltos tecnológicos e a globalização da economia, que somados *levantaram uma muralha* e transformaram a paisagem. [grifo nosso]"³⁰⁷ A imagem é importante, e revela a imaginação de Schwarz como escritor para construir seus esquemas históricos e também sua imaginação sociológica. Se a queda do muro abria, com justiça, um tempo (curto, diga-se de passagem) de retorno de utopias e promessas de uma nova arrancada histórica em direção a um futuro melhor, na periferia, o muro subia: histórico, temporal e dramático. A grande saga do país independente rumo à integração nacional se cristalizava em drama. O projeto interrompido exige novamente do Schwarz escritor: "Passando ao esforço nacional de acumulação, o que se vê são sacrifícios fantásticos para instalar usinas atômicas que nunca irão funcionar, estradas que não vão a parte alguma, ferrovias imensas entregues à ferrugem, edificações-fantasmas que entretanto não se desmancham com as ilusões ou negociatas que as tiraram do nada".³⁰⁸ Essa a paisagem "pós-catastrófica" brasileira, resultado de um esforço enorme e de um retumbante fracasso.

Mas como dito, a avaliação pessimista em toda a ordem não imobiliza ou decreta o fim da história. Muito pelo contrário. "[...] a falência do desenvolvimentismo, o qual havia revolvido a sociedade de alto a baixo, abre um período específico, essencialmente moderno, cuja dinâmica é a desagregação." Em seguida a confirmação contra-intuitiva: "Se for assim, o que está na ordem do dia não é o *abandono* das ilusões nacionais, mas sim a sua crítica *especificada*, o acompanhamento de sua desintegração, *a qual é um dos conteúdos reais e momentosos de nosso tempo*".³⁰⁹ Nesse novo tempo do mundo em que nos integrávamos ao movimento (de descarrilhamento) do capital, despidos das ilusões de integração social intra fronteiras, novas palavras-chave passam a frequentar os ensaios schwarzianos: "desagregação" e "desintegração". E também "ilusões". A última aplicada a um longo percurso da vida intelectual brasileira que, desde a Independência, procurou as faltas e falhas, e os meios para "concluirmos nossa formação", e assim "participarmos da modernidade". Durante o interregno desenvolvimentista, o anseio ganha status de projeto e ideologia, com a fixação na ideia de planejamento. A modernidade nos aguardava na esquina, "estável, à

³⁰⁷ Roberto Schwarz, "Fim de século", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 194.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 196.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 197.

espera e ao alcance da mão, além de encarnada positivamente nas nações que nos servem de modelo".³¹⁰

Schwarz segue buscando desmontar velhas ilusões no mesmo movimento que, mais uma vez, entre abstrações filosofantes da história, prefere o processo social em si (sem no entanto historicizar esse processo em detalhes, como de costume em seus esquemas): "se historicizarmos a modernização, como é necessário, e a tomarmos não como coleção de normas abstratas, à disposição geral, mas como processo mundial efetivo, com seu desenho real, onde *possivelmente* não haja lugar para nós, e muito menos para todos, desestabilizaremos aquelas esperanças".³¹¹ Apesar do veredito duro e direto, a palavrinha "possivelmente" indica que o crítico não se desfaz completamente das tais ilusões.

De acordo com Schwarz, não fomos capazes de compreender corretamente o movimento da modernização. Além de tudo, ela caminhou deixando um "muro erguido" atrás dela. "Formação", "desenvolvimento" e "progresso" passam a ser palavras fora de ordem no futuro brasileiro, não porque certo ramo filosófico *desconstruiu* esses conceitos e decidiu que os ponteiros do relógio estavam abolidos, mas por obra do processo real e brutal de modernização interrompida. Num tom completamente distinto dos velhos investigadores do caráter nacional, Schwarz questiona: "E quem somos *nós* nesse processo?". A cultura perde força: "o que é, o que significa uma cultura nacional que já não articula nenhum projeto de vida material [...]?"³¹² Se a brecha histórica do salto integrador, que projetava uma sociedade justa e democrática (por obra do socialismo ou até mesmo da atualização burguesa) está fechada, a cada nova indagação, Schwarz parece estreitar o movimento do próprio pensamento nesse novo cenário.

"Fim de Século" abre um novo capítulo para a crítica do capitalismo tardio desenvolvida em situação periférica. Não nos parece exagerado afirmar que uma vez mais (a primeira em 1972) Schwarz atualiza os termos da investigação local capaz de medir o mundo e também inaugura todo um campo de pesquisa sobre a contemporaneidade. Seguindo esse caminho, viria Paulo Arantes com a *A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização*, e Francisco de Oliveira com *O ornotorrinco*, dois ensaios com força interpretativa do Brasil no mundo e do mundo em si, na "era pós-catastrófica".

³¹⁰ Ibidem, p. 198.

³¹¹ Idem.

³¹² Idem.

Francisco de Oliveira, sobre o seu ornitorrinco, afirma: "Em 'Fim de século' [...] o animal está lá". E mais: "O Cenedic, o centro de pesquisas de que participo, [...] transformou 'Fim de século' no seu programa de pesquisa". O "encontro" (como visto) entre os dois vem de longa data: "A *Crítica da razão dualista* é contemporânea de 'As ideias fora do lugar', mas eu não conhecia o trabalho de Roberto [...]. Mas felizmente caminhávamos paralelamente [...]".³¹³ Diferentemente do ensaio de Schwarz de 1972, o de Oliveira do mesmo ano abria uma brecha de transformação ao depositar esperanças na organização da classe trabalhadora industrial, algo que a virada do capitalismo para a informação e a tecnologia tratariam de desqualificar.

"O capítulo seguinte da crise já está em andamento nos países centrais, onde o mesmo inexorável aumento de produtividade vai inutilizando e assimilando ao Terceiro Mundo novas regiões e novas camadas sociais".³¹⁴ Atualiza portanto ao colocar o mundo de cabeça pra baixo. Apesar de a contemporaneidade ainda ser feita de descompassos e desníveis, de ainda existir (sempre num processo dinâmico e dialético) um centro e muitas periferias, e de as ideologias e as ideias seguirem batalhando por hegemonia (dispensáveis ou não para qualquer tipo de encobrimento), no futuro das sociedades do chamado Primeiro Mundo talvez estejamos nós: "droga, máfia, fundamentalismo e nacionalismo".³¹⁵ O mesmo "nós" que Schwarz se questionara sobre sua possível função e identidade, ganha status de modelo, e se enxerga refletido nas sociedades que deveriam nos servir de exemplo e apontar caminhos. O que muda, talvez, seja o papel, ou a ausência de papel, das ideologias, nesse fim de linha capitalista que finalmente (e ironicamente) alinhou o tempo por toda parte, e já não é capaz de esconder as injustificadas vantagens econômicas de grupos cada vez menores (e mais desconectados da vida em sociedade ou de qualquer projeto de médio e longo prazo).³¹⁶ Nesse aspecto, a velha vantagem crítica da periferia parece encerrada.

No entanto, os desequilíbrios permanecem. E até segunda ordem, ainda é possível diferenciar onde se fala "mata" de onde se fala "esfola". A tirada de longo alcance interpretativo é de Antonio Candido, diz respeito à diferença civilizatória entre Brasil e Europa, e está no ensaio "De cortiço a cortiço", no qual o crítico compara a realidade da exploração econômica do trabalhador na França e no Brasil. Curiosamente, a tradução literal

³¹³ Francisco de Oliveira, "Um crítico na periferia do capitalismo", em *Um crítico na periferia do capitalismo*, cit., p. 150.

³¹⁴ Roberto Schwarz, "O livro audacioso de Robert Kurz", cit., p. 229.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 228.

³¹⁶ Durante a pandemia do coronavírus, o bilionário Jeff Bezos viajou para o espaço em uma nave construída por sua própria empresa. Cf. "Jeff Bezos chega ao espaço e conclui com sucesso o voo com a tripulação da nave Blue Origin", *El País*, 20 jul. 2021.

do livro *Terra arrasada* de Jonathan Craig, sobre o papel da internet na normalização do estado de guerra permanente sobre o qual o capitalismo funciona desde os ataques de 11 de Setembro, é *Terra esfolada* (*Scorched Earth*). E trata da destruição do planeta.

Ao chegar a essa imagem da *não formação como conclusão do processo*, e da verdade das contradições do centro do capitalismo implodindo regiões que até então forçavam a barbárie da mercadoria para o lado de fora de suas fronteiras, fica em aberto a eficácia do modelo histórico das "ideias fora do lugar" na época pós-catástrofe.³¹⁷

No mesmo ano de publicação de "Fim de século", sai "Nunca fomos tão engajados", um percurso com força própria, mas que ganha interesse extra se lido em diálogo com o texto também de 1994. Schwarz historiciza o conceito de "engajamento" para entender a baixa potência da produção intelectual brasileira desde a abertura política na década anterior. Primeiro delimita o seu esquema mais amplo, partindo do exemplar (em termos de intelectual engajado) Sartre e de seu recorte europeu, para retomar Nabuco e a dinâmica própria da ideia no Brasil Império escravocrata. A especificidade do nosso arranjo dava força inesperada aos intelectuais engajados com a Abolição, "um moço bem-nascido desertava a sua classe, a sua 'raça', relativizava a caridade cristã, dizia coisas duríssimas à Igreja, denunciava o jogo dos 'plutocratas' no parlamento e se ligava ao movimento popular, em parte à margem da lei".³¹⁸ Em seguida trata da "ida ao povo" propiciada pelo populismo pré-golpe de 64, em boa parte tendo estudantes como ponta de lança do pensamento intelectual. Sua parte de "radicalização aventureira" (e um bocado de ilusões sobre os interesses das classes proprietárias brasileiras) desembocava em "meses explosivos, de pré-revolução desarmada", facilmente desbaratada por militares e seus apoiadores. Schwarz retoma o esquema do funcionamento da cultura no período, como desenvolvido no ensaio da *Les Temps Modernes* de 1970, para em seguida se aproximar de matéria menos pacificada. A virada nas possibilidades de engajamento para o intelectual burguês vai acontecer com o surgimento do movimento operário organizado em meados dos anos 1970. Organizados e mobilizados internamente, derrubam a "procuração tácita" de Nabuco. Desfeita a assimetria dos que sabem das coisas de um lado e dos que estariam dispostos para a luta do outro, somado ao esgotamento da figura à la Sartre por toda parte, com o fim do ciclo de libertação nacional terceiro-mundistas e a aparente integração

³¹⁷ Cf. Luiz Philipe de Caux e Felipe Catalani, "A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz)", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 74, p. 119-146, dez. 2019.

³¹⁸ Roberto Schwarz, "Nunca fomos tão engajados", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 212-3.

dos trabalhadores à sociedade de consumo europeia e norte-americana, se pergunta Schwarz: "o engajamento intelectual não se teria tornado um anacronismo?"³¹⁹

A diferença em relação aos anos pré-golpe, que conheceram algum efetivo contato e entendimento entre classes, fornece o travejamento histórico nacional, bem sintonizado com o tempo do mundo, diga-se de passagem, para a resposta intelectual decepcionante para a igualmente decepcionante "abertura brasileira". A dialética (perversa) "entre globalização e desagregação" apontada por Schwarz, ditava o ritmo do período, o que não evitava boa dose de mal entendidos e autoengano. A miragem das "sociais-democracias como sociedades estabilizadas e racionais" animava o "intelectual progressista responsável". Mas já em 1994, e aqui "Fim de século" atravessa o texto, nossa produção intelectual abraçava uma miragem: a do centro pacificado. A aproximação do modelo "não ocorreu nem parece em vias de ocorrer". Principalmente nesse início de década fim de linha em que "a dinamização do capital se mostra ligada estruturalmente à criação de desemprego". Eis o ornitorrinco: "Como será no Brasil, onde estes resultados não se produzem depois, e sim antes de integrada a população ao mercado e às garantias sociais?"³²⁰

Se a resposta pífia frente à abertura frágil e negociada por cima com acomodações de todos os tipos, tira da produção intelectual sua responsabilidade histórica, o ensaio oferece uma virada: "Pensando melhor, veremos que a intelectualidade nunca esteve tão engada". Distante de torres de marfim, "quase todo estamos empenhados [...] na administração pública, nalgum partido, num departamento de universidade, numa firma de pesquisa, num sindicato, numa associação de profissionais liberais, no ensino secundário, num setor de relações públicas, numa redução de jornal etc.", e o que parecia louvável na paráfrase abstrata irônica, é descartado na sequência: "com o objetivo nem sempre muito crível de usar os nossos conhecimentos em favor de alguma espécie de aperfeiçoamento e modernização".³²¹ Schwarz torce a crítica em direção ao seu próprio grupo, em termos geracionais e também afetivos. Isso às vésperas de um candidato do PT ou do PSDB assumir a Presidência da República.

Para Schwarz, conhecedor dos efeitos destrutivos do progresso, sabedor do "colapso da modernização" com seus efeitos ainda mais violentos no Terceiro Mundo, de sociedades deixadas à deriva e incompletas, o engajamento do intelectual especialista não convence. Ao que tudo indica, as dificuldades de se pensar a nação sem qualquer projeto minimamente realizável de se completar a integração num futuro qualquer (ou nos termos do bloco

³¹⁹ Ibidem, p. 215.

³²⁰ Ibidem, p. 217.

³²¹ Idem.

histórico anterior, superar o atraso e o subdesenvolvimento), recebeu resposta cínica da produção intelectual, que preferiu vender suas especialidades no mercado de bens culturais, transformando a "combatividade do engajamento" em "lobby de si próprio". Em suma, a resposta intelectual ao quadro armado para o pós-Guerra Fria em "Fim de século" foi em grande medida buscar vantagem pessoal, avançar o conhecimento especializado como diferenciação em carreiras públicas ou privadas (normalmente inócuas), o que não deixa de confirmar o esgotamento de grandes projetos históricos. Schwarz, bem como outros pensadores e artistas, mesmo sofrendo com as compartimentações artísticas e intelectuais do período que seguia o caminho da especialização, e com o desprestígio da explicação marxista da sociedade, vai encontrar interpretação criativa para seguir sondando o contemporâneo.

Sequências brasileiras se encerra com o conto "Contra o retrocesso". Se a obra ficcional de Schwarz foi encoberta pela produção crítica-ensaística, esse tipo de texto de ficção inserido num mesmo livro ao lado de resenhas e ensaios, foi solenemente ignorado por seus leitores. Como procuramos demonstrar, o conto "Utopia", em *O pai de família*, é fundamental para a compreensão das estratégias de Schwarz para pensar o país de seu tempo, bem como para qualquer tentativa de se rastrear as contradições e esforços do crítico de acertar o passo com o mundo no qual viveu. O mesmo vale para o fechamento do livro da década de 1990.

"Minha mulher e eu hoje levantamos cedo para comprar uma ponte. Ao que dizem será a última privatização realizada no país."³²² Assim começa o conto. As lições mais distantes de composição estão em Machado: narrador em primeira pessoa que assume ponto de vista de um proprietário e a sem cerimônia para tratar das ideias do tempo, desqualificando várias delas em nome de um projeto de grandeza pessoal e de interesses "impublicáveis"; as mais próximas, em Paulo Emílio Salles Gomes (que também bebera em Machado para o seu *Três mulheres de três PPPs*): o tom acafajestado das elites nacionais e a exposição de seu rebaixamento intelectual.

Surge um possível espelhamento entre a resenha de Schwarz publicada em *O pai de família* para *Três mulheres de três PPPs*, de Paulo Emílio, e o seu próprio conto, um atalho para nos ajudar a entender o sentido do texto em questão. Sobre a mistura da atuação de crítico e ficcionista: "a prosa de ficção de Paulo Emílio é de ensaísta, e não de 'artista'"; "no momento em que o experimentalismo técnico parece relativamente domesticado e

³²² Roberto Schwarz, "Contra o retrocesso", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 297.

recuperado, é no espírito crítico enquanto tal que se refugia a verdadeira modernidade". E a respeito da composição da obra em si, com a forma iluminando a nota nacional: "*Entre a limitação das personagens e a inteligência de sua escrita o desacordo é total, e a conjunção é forçada*. Este é o X estético do livro. [...] este desacordo é expressivo também de uma contradição mais particular e de classe. A visão abrangente e sintética a que se ergueu a inteligência burguesa, sem sua fina flor, tem de se acomodar às finalidades acanhadas de sua vida real".

O velho esquema das "Ideias fora do lugar" ressurge no conto. A chegada ao país do pacote das ideias novas do momento, o das "privatizações de tudo", ou, se preferirmos, a ideologia neoliberal, é sustentada por compromissos e formas de agir pré-modernos. Num vai e vem contínuo sobre a decisão de comprar ou não a ponte, sempre levado a direções inesperadas pelas intervenções realistas (e materialistas) da esposa, o conto fecha com matéria bastante brasileira: "Não sei se quero a pinguela, que vai me dar uma porcaria por não sei quanto tempo, o qual tratarei de prolongar ao máximo, à bala ou como for possível, depois do que não fico no país nem um minuto mais. Não devo esquecer a minha carteirinha de primo da sobrinha do prefeito".³²³ Ou seja, das especulações iniciais sobre o sentido das privatizações e da hegemonia do mercado, as decisões e compromissos apontam para volubilidade, violência, privilégio e descompromisso absoluto com o país.

Uma vez mais a racionalidade burguesa se adaptava ao substrato social organizado por interesses inconfessáveis, privilégios de família, força bruta e mudanças de humor que faziam do Consenso de Washington um juguete do capricho.

Francisco de Oliveira esclarece a natureza (e os resultados) dessa *privatização à brasileira*, intuída de ponta à ponta por Schwarz em seu texto ficcional: "Calculou-se que o Brasil gastou 88 bilhões de reais para arrecadar 89 bilhões com as privatizações, isto é, o 'lucro' do Estado foi de 1 bilhão. Isso quer dizer que havia 88 bilhões de reais que poderiam ter saneado as empresas estatais e lançado ainda um vigoroso programa de crescimento econômico. A taxa de investimento sobre o PIB, que andava na casa de modestos 19% em 2005, poderia ter se elevado a cerca de 28%. Malbarataram-se 9% do PIB da época para financiar meras transferências de patrimônio, sem acrescentar nada ao crescimento real da economia".³²⁴ A preocupação do futuro proprietário da pinguela, alertado pela mulher, sobre de que maneira o desempregado pagaria pelo pedágio para atravessar a tal da ponte, também toca no nervo da modernização operada pelo novo ciclo de atualização capitalista na

³²³ Ibidem, 304.

³²⁴ Francisco de Oliveira, "Brasil", cit.

periferia: "Cardoso jogou fora cerca de 2,5 milhões de empregos industriais e Lula da Silva não conseguiu melhorar muito a situação [...]. A quebra de empresas foi recorde na história econômica brasileira. O desemprego elevou-se de 5% para 9% da força de trabalho no período Cardoso, e [...] cerca de 20% o desemprego na região metropolitana de São Paulo".³²⁵

Confrontado pela esposa, pessoa de estrato social mais baixo, desconhecidora das formalidades da vida da elite nacional, o narrador derrama seu conhecimento (em tudo duvidoso e meramente formal) como superioridade para vencer a contenda do casal (quando a vitória tem de fato a ver com sua posição de classe, o que nos faz lembrar a fala polida, e não menos abusiva, de Bento Santiago): "Como não ver no meu desdém pela crase mal colocada o direito ao mando das classes que dominam a ortografia? *Quem sabe escrever, sabe governar*" [grifo nosso].³²⁶ A frase em destaque contém piscadela aos entendidos. Trata-se de parte de um slogan jocoso criado por Bento Prado Jr., quando, no embalo da candidatura de Fernando Henrique Cardoso a suplente do Senado, a abertura política proporcionara uma brecha para que professores de esquerda se aventurassem na política institucional. "Quem sabe escrever, sabe governar; Bento Prado para senador" é a boutade original. O toque autoritário, de "descendente filósofo de uma família de fazendeiros quebrados pela Crise de 29",³²⁷ empresta agudeza ao conto. Ri de si próprio na mesma medida em que coloca em questão as presunções políticas dos colegas de faculdade (e Schwarz, que sempre se esquivou desse confronto, indiretamente critica FHC). Em último caso, faz troça também da vida intelectual, que pode ser distinção vazia em país maciçamente analfabeto (ao menos funcionalmente).

Schwarz se pergunta em texto dedicado ao amigo e filósofo dos tempos de Biblioteca Municipal, da Maria Antônia e do exílio parisiense: "O hábito dos estudos e da discussão, a intimidade com as ciências sociais e com o marxismo fariam diferença no governo?". Basta formular a pergunta, e olhar para os anos 1990, para saber que seja administrando uma pinguela ou um país, há menos cálculo e planejamento do que privilégio e relações escusas com velhos ares paternalistas envolvidos nas flutuações das ideias do tempo do mundo e suas acomodações ao ritmo específico da sociedade brasileira. Na ficção schwarziana, o Consenso de Washington se ajustava muito bem ao entorno conflituoso e arbitrário da pinguela.

³²⁵ Idem.

³²⁶ Roberto Schwarz, "Contra o retrocesso", cit., p. 297.

³²⁷ Idem, "Às voltas com Bento Prado", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 203.

Antes de seguir, é preciso estabelecer uma breve cronologia de alguns textos: *O colapso da modernização*, de Robert Kurz, é de 1991 (mesmo ano da primeira resenha do livro feita por Schwarz, que prefaciou a edição brasileira no lançamento em 1992); em 1995 sai *The Next American Nation*, em que o sociólogo Michael Lind cunha o termo *brazilianization* (que receberia resposta e análise crítica ampliada de Paulo Arantes em 2001, somente após a publicação de *Sequências brasileiras*, de 1999). O ensaio decisivo para essa trajetória, "Fim de século", é de 1994, e surge de um colóquio (em língua espanhola) na Universidade Yale. E teria mais um desdobramento com *O ornitorrinco* de Francisco de Oliveira, em 2003 (prefaciado por Schwarz).

O quadro é importante para situarmos o *audacioso ensaio de Roberto Schwarz* de 1997: "Outra Capitu". Localizado portanto no centro de todas essas difíceis tentativas de ajustar a crítica ao capital no pós-Guerra Fria. A aposta alta de Schwarz na crítica dialética equipara Helena Morley com sua *Vida de menina* ao *Dom Casmurro* de Machado de Assis. A construção minuciosa do argumento afasta o biografismo típico da sociologia da cultura e também a virada linguística dos anos 1970, liderada na área da crítica literária por Roland Barthes. Reafirma que o romance realista capta o movimento real da sociedade, não se tratando apenas de truque retórico a iludir o leitor, o "efeito do real".

Diversos autores brasileiros de "grande calibre, dependeram da exclusão de aspectos evidentes da realidade" para armar visões mais agradáveis do país. O artifício atravessara o caminho de Schwarz diversas vezes, tanto na "Dialética da malandragem" como em *Cabra marcado para morrer*.

Ao não tratar em sua obra dos projetos de reconstrução do país no apagar das luzes da ditadura, Schwarz opera em sentido inverso. Arma visões pouco agradáveis do país. Uma vez que movimento operário organizado, Constituição Cidadã e Diretas Já não articulam sua sondagem do contemporâneo, resta o que restou da ditadura: ou seja, tudo.³²⁸

A diferença nas memórias da pequena Morley é que não se trata mais de "efeito do real", mas de dinâmica social realmente existente. (Diga-se de passagem que vale o mesmo para a visão pouco agradável, e velada, do país por Schwarz.) "Na prosa da menina isso não ocorre [exclusão de aspectos evidentes da realidade], não por artifício superior, e sim porque o momento histórico se havia encarregado da filtragem: a Abolição acabava de suspender o trabalho escravo, e a involução relativa da economia regional barrava o progresso burguês desimpedido, abrindo a brecha para um progresso de outra sorte, da ordem da acomodação

³²⁸ A resposta dura sobre ter sobrado tudo da ditadura é de Tales Ab'Sáber. Cf. Edsons Teles (org.), *O que resta da ditadura: a exceção brasileira* (São Paulo, Boitempo, 2010).

interna, de cuja humanidade a beleza do livro fala e dá prova".³²⁹ O equilíbrio encontrado entre paternalismo e propriedade privada no entanto é frágil, "harmonia precária", nas palavras de Schwarz, "pronta a se desmanchar ao primeiro arranco do progresso econômico, quando a incongruência social costumeira reclamará os seus direitos".³³⁰

Se o oposto da vida estabilizada em sociedade minimamente justa da pequenina Morley é o progresso, na mesma época em que a garota preenchia seu diário, Machado de Assis já havia compreendido essa peculiaridade da vida nacional no tempo do mundo. Ao abandonar as ilusões reformistas do paternalismo da primeira fase de seus romances, e assumir o ponto de vista dos proprietários a partir das *Memórias póstumas*, a obra machadiana não comporta mais ilusões e muito menos utopias. O "mau passo de nossa gente civilizada", involuntariamente caricata ao querer reter a todo custo o melhor de dois mundos, escancara (ao menos a partir da leitura de Schwarz) "ponto de vista certo sobre uma problemática local de alcance contemporâneo: a comédia do progresso que nada soluciona encaixava-se brilhantemente na ordem geral da atualidade, que através dele mostrava afinidades retrógradas, pouco admitidas e iníquas por sua vez".³³¹

A prosa bem articulada e clara de *Duas meninas* está diretamente relacionada, acreditamos, à consagração da visão do Brasil armada por Machado (e descoberta por Schwarz) em terreno propício: o dos anos 1990. Aquilo que se arranja com dificuldade nos blocos temáticos de *Um mestre na periferia do capitalismo*, encontra sua melhor forma nos dois ensaios do livro de 1997. Ao incluir Machado de Assis na discussão com Robert Kurz, Schwarz sobe o lance de expectativas em relação ao escritor do século XIX, que passa a ter suas reflexões impulsionadas ao centro do debate da catástrofe do capitalismo tardio, ou nos termos de Craig, do "capitalismo-cassino à meia-noite, momento em que os vencedores do dia começaram a resgatar suas fichas. Como a economia global já não oferece nenhuma perspectiva de longo prazo, uma última farra alucinada de pilhagens está em curso ao redor do planeta".³³² Amplia também o alcance de sua própria crítica. Assume posição (sem reconhecer explicitamente) que ele mesmo afirmara jamais ter existido no Brasil: a do sociólogo com o "ponto de vista facultado pela obra machadiana". Ou seja, pensar a dinâmica da sociedade brasileira sem compartimentar passado e presente, arcaico e moderno etc. (como haviam feito, por exemplo, Gilberto Freyre e Caio Prado, cada um apontando em direção oposta, o primeiro para o passado, o segundo para o futuro). Em Machado, e afirmamos que

³²⁹ Roberto Schwarz, "Outra Capitu", em *Duas meninas*, cit., p. 158.

³³⁰ Idem.

³³¹ Idem.

³³² Jonathan Craig, *Terra arrasada*, cit., p. 48.

neste ponto também em Schwarz, "a constelação de herança colonial e racionalidade burguesa está estabilizada enquanto presente problemático".³³³

Schwarz amarra seu próprio esquema da história brasileira com "Outra Capitu", ao dialogar com os textos-chave de *Sequências brasileiras* (e no interior da crítica literária). Da "comédia ideológica" à "comédia do progresso", o crítico atravessado pelo tempo da periferia nos faz sentir a violência temporal do desenvolvimento desigual e combinado na cena contemporânea.

Martinha versus Lucrecia, de 2012, abre com um longo ensaio-balanço da crítica machadiana, "Leituras em competição", de 2006, alcançando a mudança do panorama internacional em relação ao autor no início do século XXI. Há contorção estilística na historicização do processo, uma vez que o distanciamento das páginas iniciais encobre o papel central do próprio Schwarz no processo. O crítico é parte implicada e interessada, o que inevitavelmente contamina o balanço e o andamento do ensaio, até pelo menos a entrada do crítico em matéria, com a análise da crônica "O punhal de Martinha", de Machado de Assis. De qualquer forma, o esquema histórico armado no ensaio de 1972 vai a todo instante atravessar o debate, o que implica sem subterfúgios Schwarz, articulador do balanço, como parte da disputa.

Sobre o embate internacional da crítica, cabe notar que Schwarz não fala apenas para os seus. "A viravolta machadiana", último ensaio do livro (seguido de uma entrevista e do apêndice), fora publicado em italiano na prestigiosa série de livros *Il Romanzo*, com organização do crítico Franco Moretti e editado pela Einaudi de Turim.

"O renome internacional de Machado de Assis, hoje em alta, até meados do século passado era quase nenhum."³³⁴ A análise meticulosa das disputas críticas só conta para a sondagem do contemporâneo graças à nova posição ocupada pelo autor de *Dom Casmurro*.

Por um encaixe imprevisto, obra escrita em tempo e espaço distantes, "parecia feita de propósito para ilustrar o repertório das teorias recentes", principalmente pelo "gosto pós-moderno pela metaficção e pelo bazar de estilos e convenções".³³⁵ Nada mais distante das implicações da forma da segunda fase machadiana e a dinâmica rebarbativa do Brasil Império, inserido na lógica internacional burguesa de um lado, e ancorado na mão de obra escravizada do outro.

³³³ Roberto Schwarz, "Conversa sobre *Duas meninas*", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 289.

³³⁴ Roberto Schwarz, "Leituras em competição", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 11.

³³⁵ *Ibidem*, p. 12.

A crítica internacional, representada agora pelas universidades norte-americanas, reverberando no circuito comercial de prestígio daquele país, como a *New York Review of Books*, e distantes da necessidade imposta pela Guerra Fria de compreensão da realidade brasileira, coloca perguntas de difícil resposta: "seria preciso interessar-se pela realidade brasileira para apreciar a qualidade da ficção machadiana? Ou ainda, a peculiaridade de uma relação de classe, mesmo que fascinante para o historiador, não será 'um tópico demasiado monótono para dar conta de uma obra-prima'?"³³⁶

Ao historicizar o lado de cá, mostrando como a luta pela superação das mazelas nacionais herdadas da situação colonial e de nosso processo específico de independência nacional andou lado a lado com o aprofundamento da relação entre Machado e o ritmo do Brasil independente, ao não ignorarmos as conclusões alcançadas em alguns dos textos de *Sequências brasileiras*, a insistência nesse caminho da crítica parece fora de propósito, por já ter cumprido seu papel em período, até segunda ordem, encerrado. Lembrando que termos decisivos como "formação" e "desenvolvimentismo" haviam perdido a função de imaginar desdobramentos históricos positivos (ou de qualquer natureza) do país.

O problema se aprofunda. A participação de um expoente nacional no "*presente do mundo*" [grifo do autor] implica esquecimento da história nacional. Que só atrapalharia o "sucesso internacional". Nas palavras do crítico, "O artista entra para o cânon, mas não o seu país, que continua no limbo".³³⁷ Aqui novamente somos remetidos a *Sequências brasileiras*, e os diferentes caminhos dados por nossos intelectuais à ideia de formação. A integração internacional de Machado, ao lado de "Cervantes, Joyce, Austen, Nabokov, Sterne, Stein e Pessoa",³³⁸ representaria o coroamento daquela "formação da literatura brasileira", que deixara para trás os campos econômico e o social perdidos nos ziguezagues entre restos coloniais operantes e a contínua importação de novas fórmulas internacionais prometendo novos saltos integradores, mais uma vez frustrados etc.

A posição derrotista no entanto sofre reviravolta quando Schwarz passa a investigar do que é feita essa "neouniversalidade" localizada na área específica da crítica, após apresentar resultados mais proveitosos para o campo da problemática nacional do que ao debate das "questões universais", após a crítica brasileira, até então comprometida com os traços

³³⁶ Ibidem, p. 16. As questões surgem em Michael Wood, "Master among the ruins", *The New York Review of Books*, jul. 2002.

³³⁷ Ibidem, p. 22.

³³⁸ A comparação está na resenha de Dave Rogers para a versão para o inglês das *Memórias póstumas de Brás Cubas* (*The New Yorker*, 2 jun. 2020. Acessado em: 7 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/books/second-read/rediscovering-one-of-the-wittiest-books-ever-written>>).

patriarcais e violentos da sociedade brasileira, ter sido despertada pela norte-americana Helen Caldwell para "o tino para a má-fé do pseudoautor" em *Dom Casmurro*.

A segunda parte do ensaio se inicia com a seguinte indagação: "Por que supor, mesmo que tacitamente, que a experiência brasileira tenha interesse apenas local, ao passo que a língua inglesa, Shakespeare, o New Criticism, a tradição ocidental e *tutti quanti* seriam universais?".³³⁹ O caminho para a resposta implica o restante da investigação do ensaio: "Se o propósito é duvidar da universalidade do universal, ou do localismo do local, ela é um bom ponto de partida".³⁴⁰

O debate passa a se dar através da leitura da crônica de Machado, "O punhal de Martinha", que está reproduzido no apêndice de *Martinha versus Lucrecia*. Após colocar em movimento e em contradição os termos universal e local, Roma e Caixa-Pregos, Lucrecia e Martinha, e a posição em falso do intelectual periférico identificado mais com a cultura humanista do que com a realidade local, que no entanto cobra seu preço além de sustentar sua posição que se revela caricata (em relação ao padrão europeu de civilização), Schwarz retorna à competição entre as leituras machadianas com solução que atravessa e ultrapassa o âmbito da crítica literária: "[...] as experiências locais deixam mal a cultura autorizada e vice-versa, num amesquinamento recíproco de grande envergadura, que é um verdadeiro 'universal moderno'".³⁴¹

Se não estamos equivocados, o jogo das desafinações internacionais entre regiões, mesmo durante o capitalismo tardio em crise, e já sem esperanças de integração para as nações que um dia formaram o bloco conhecido como Terceiro Mundo, tem voz na sondagem do contemporâneo. Schwarz vai insistir em sua força: "[...] Machado não conferia sinal positivo a essa grande acumulação [o programa universalista]. A despeito do muito que ela terá custado, ele fez dela uma parte integrante do prestígio e das condutas arbitrárias de seu narrador. Atrelado à dominação de classe local, o próprio processo da Ilustração trocava de sinal, passando a funcionar numa pauta imprevista, que cabe ao leitor decifrar e que até hoje deixa sem resposta".³⁴² O trecho fecha o ensaio publicado em versão italiana na coleção de Moretti. E dialoga com outra intervenção internacional de Schwarz, a defender seu esquema histórico: a participação nas 5^{as} Jornadas de Historia de las Izquierdas, na cidade de Buenos Aires, no ano de 2009, publicada no livro com o título "Por que 'ideias fora do lugar'?".

³³⁹ Roberto Schwarz, "Leituras em competição", cit., p. 29.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Ibidem, p. 43.

³⁴² Roberto Schwarz, "A viravolta machadiana", cit., p. 279.

Vejam os exemplos: "A diferença *não era um vestígio do passado*, em vias de desaparecer [...] mas um traço substantivo da atualidade periférica, com *muito futuro pela frente*"; "nossa explicação partiu de uma peculiaridade corrente do país e em seguida buscou chegar ao *movimento contemporâneo do mundo*"; "A inserção de nossas peculiaridades de nação periférica *no presente do mundo* cria uma situação intelectual-política de alto interesse [...]"; "[...] avaliação da experiência local *à luz do presente mundial*, mas também vice-versa, para a *avaliação do presente mundial* à luz da experiência local [...]"; "*As relações de hegemonia existem*, e desconhecê-las, se não for num movimento de superação crítica, é por sua vez uma resposta fora do lugar".³⁴³

Para finalizar a página dos diálogos internacionais que atravessam o livro (nem sempre de forma explícita), a epígrafe de "Leituras em competição", portanto abertura de *Martinha versus Lucrecia*, é de Beatriz Sarlo, e encerra assim: "A reputação mundial de Borges o purgou da nacionalidade".

O debate específico sobre o período coberto pelo livro da década de 2000, no Brasil amplamente marcado pelo lulopetismo, aparece de forma oblíqua, mas não por isso, ausente, como lamentaram alguns comentadores de *Martinha versus Lucrecia*.³⁴⁴

Dando continuidade ao diálogo (agora direto) com Francisco de Oliveira, é no prefácio ao volume que reuniu a reedição de *Crítica da razão dualista* e o então inédito *O ornitorrinco*, de 2003, que Schwarz entra na matéria brasileira contemporânea. Mesmo ano em que o sociológico deixa o PT, partido do qual participara desde a fundação, e início do primeiro mandato de Lula à frente do governo federal. A leitura dos dois ensaios em conjunto permite "um diagnóstico de época" (1972-2003), o que não escapa a Schwarz. A volta ao passado para realizar a sondagem do contemporâneo, algo que como visto foi recorrente na trajetória do crítico, ganha ar de programa e é dirigido às novas gerações: "É fato que uma das ideologias da fase em que estamos, no Brasil e no mundo, afirma a descontinuidade entre o presente e as categorias e os enfrentamentos da história anterior do capitalismo, com objetivo de desonerar e desculpabilizar a ordem atual, que seria um marco zero. Daí uma das tarefas críticas de nosso momento seja trabalhar na direção contrária, tratando de reencontrar no presente a conexão com as contradições antigas e irresolvidas".³⁴⁵ A operação marca o

³⁴³ Idem, "Por que 'ideias fora do lugar'?", cit.

³⁴⁴ A avaliação está em Anderson Gonçalves, Edu Teruki Otsuka e Ivone Daré Rabello, "O retratista e os intelectuais às voltas com 1964", Revista do IEB, São Paulo, n. 57, p. 327-348, dez. 2013.

³⁴⁵ O trecho faz parte da arguição de tese de Pedro Fiori Arantes, então com 26 anos. Roberto Schwarz, "Um jovem arquiteto se explica", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 227.

andamento do livro da década de 2000, com perfis de colegas de geração e principalmente o ensaio central de *Martinha versus Lucrecia* sobre *Verdade tropical* de Caetano Veloso. Portanto, o que poderia indicar desvio do caminho da busca pelos problemas do próprio tempo, é estratégia conscientemente adotada para o período de grandes esperas.³⁴⁶

De volta ao prefácio a Francisco de Oliveira, a virada no papel da crítica dos anos 1970 até os 2000 é decisiva: "[...] 'Crítica da razão dualista' e 'O ornitorrinco' representam, respectivamente, momentos de intervenção e de constatação sardônica. Num, a inteligência procura clarificar os termos da luta contra o subdesenvolvimento; no outro, ela reconhece o monstro social em que, até segunda ordem, nos transformamos".³⁴⁷ A leitura que Schwarz faz de Oliveira espelha apenas em parte seu próprio pensamento. Se o "monstro" já estava lá em "Fim de século", com o desenvolvimentismo via industrialização interrompido no meio do caminho sem perspectiva de retomada, a "intervenção" não aparece em "As ideias fora do lugar", que acompanha o passo da "constatação sardônica" antecipadora do destino do país feita por Machado de Assis.

Algumas conclusões de Francisco de Oliveira em "O ornitorrinco", desdobramentos do "Fim de século" de Schwarz de nove anos antes, deslocam o debate para o ciclo petista, que mal se iniciara. A implicação do ano de publicação da reunião dos dois ensaios e da trajetória do autor não escapa a Schwarz: "O ânimo zoográfico da alegoria, concebida por um petista da primeira hora na própria oportunidade em que o Partido dos Trabalhadores chega à Presidência da República, não passará despercebido e fará refletir".³⁴⁸

O ponto de chegada do texto de 1972 de Francisco de Oliveira é construído a partir da investigação da então nova dinâmica do capitalismo no país, da "'especificidade particular' de um tal modelo [que] consistiria em reproduzir uma larga 'periferia' onde predominam padrões não capitalísticos de relações de produção, como forma e meio de sustentação e alimentação do crescimento dos setores estratégicos nitidamente capitalistas, que são a longo prazo a garantia de estruturas de dominação e reprodução do sistema".³⁴⁹ Lançando mão da forma ensaística, Schwarz também desloca a problemática, dando a ela outro tipo de amplitude histórico-temporal, costurando de maneira criativa os dois textos de Oliveira, ao trazer para a cena as desilusões de um Oswald de Andrade no pós-Segunda Guerra, que enxergara

³⁴⁶ Para o debate sobre presentismo e os impasses e esperas do período, cf Paulo Arantes, "Zonas de espera" e "Tempos de exceção", em *O novo tempo do mundo*, cit.

³⁴⁷ Roberto Schwarz, "Prefácio a Francisco de Oliveira, com perguntas", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 152.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Francisco de Oliveira, *Crítica à razão dualista* (São Paulo, Boitempo, 2003), p. 69.

antecipadamente fechadas ao Brasil "as portas a formas superiores de sociedade".³⁵⁰ Justifica o deslocamento uma vez que permite recapitular a "lista comprida de nossas frustrações históricas, que vem do século XIX [terreno das "Ideias fora do lugar"], sempre ligadas ao desnível tenaz que nos separa dos países-modelo e à ideia de o transpor por meio de uma virada social iluminada".³⁵¹ Nesse caso, talvez o ornitorrinco date de mais longe. De qualquer maneira, o processo teria se completado, segundo Oliveira, durante "os nossos dias", "com o salto das forças produtivas", num movimento do capitalismo mundial que interrompeu nossas supostas oportunidades de integração, perdendo qualquer "efeito civilizador que [o capitalismo] pudesse ter".³⁵² Apesar do esgotamento de feição positiva do progresso na periferia e do encerramento da formação nacional, a dialética local e universal segue operando, evidentemente negativa: "A liga do trabalho rebaixado com a dependência externa, consolidada na semiexclusão científico-técnica do país, aponta para a sociedade derrotada".³⁵³

Ao discutir a "tese mais polêmica e contraintuitiva do ensaio", o sociólogo aproxima as experiências de PT e PSDB no poder, sendo que o primeiro realizaria, radicalizando, o programa do segundo. Avança assinalando o surgimento de uma nova classe social, "que se estrutura sobre, de um lado, técnicos e intelectuais *doublés* de banqueiros, núcleo duro do PSDB, e operários transformados em operadores de fundos de previdência, núcleo duro do PT. A identidade dos dois casos reside no controle do acesso aos fundos públicos, no conhecimento do 'mapa da mina'".³⁵⁴ Schwarz se abstém de comentar a tese, que deixa, num típico movimento machadiano, nas mãos do leitor: "O leitor julgará por conta própria a força explicativa da hipótese".³⁵⁵ Para apenas assinalar a "ironia objetiva" da visão de Oliveira.

Num trecho de grande força narrativa, Schwarz comenta o "vertiginoso e inusitado andamento das categorias: estão em formação, já perderam a atualidade, não vieram a ser, trocam de sentido, são alheias etc". E continua em ritmo acelerado: "Uma classe-chave perde a relevância, entra em cena outra nova, de composição 'chocante'; o desenvolvimento das forças produtivas desgraça uma parte da humanidade, em lugar de salvá-la; o subdesenvolvimento deixa de existir, mas não as suas calamidades; o trabalho informal, que havia sido um recurso heterodoxo e provisório de acumulação, transforma-se em índice de desagregação social, e assim por diante".³⁵⁶ Note-se que os saltos entre os termos implicam

³⁵⁰ Ibidem, p. 151.

³⁵¹ Ibidem, p. 152.

³⁵² Ibidem, p. 153.

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ Francisco de Oliveira apud Ibidem, p. 154.

³⁵⁵ Ibidem, p. 154..

³⁵⁶ Ibidem, p. 156-7.

deslocamentos temporais e espaciais de monta. E a troca de posição constante remete justamente à ironia (objetiva) de Machado, que deslocava os pontos de vista constantemente, sem encontrar estabilidade ou síntese, ou a verdade cristalizada em apenas uns dos polos.

Pensar a nova ordem das coisas implica portanto "aprofundar a consciência da atualidade através da consideração encompridada de seus termos, que reconheça a base que eles têm noutra parte, no passado, noutra parte do campo social, no estrangeiro etc."³⁵⁷ Seria inevitável ao crítico dialético ler o texto de 1972 à luz do de 2003. "[...] a 'Crítica', escrita com grande fibra combativa no auge da ditadura militar, em pleno milagre econômico e massacre da oposição armada, *já lutava em posto semiperdido* [grifo nosso]. A sua descrição da barbárie do processo brasileiro só não quadrava com a imagem de um monstro porque vinha animada pela perspectiva de autossuperação".³⁵⁸ O ajuste retrospectivo nos remete a outro texto de 1972, o seu próprio "As ideias fora do lugar". Os desencaixes encontrados por Schwarz no Brasil Império escravocrata, ecoam no Brasil democrata comandado por um partido surgido da agitação política que Oliveira esperava ver nascer em breve naquele início da década de 1970.³⁵⁹ O esquema histórico montado por Schwarz na mesma década ressurgiu atualizado no termos da análise social de Oliveira: "Com perdão dos compatriotas que nos supões no Primeiro Mundo, como não ver que o mutirão da casa própria não vai com a ordem da cidade moderna [...] que o patrimonialismo não vai com a concorrência entre os capitais [...]?"³⁶⁰ e resumem a "inserção do país (ou do ex-país, ou semipaís, ou região) na ordem contemporânea".³⁶¹ Novamente a dificuldade de se definir "quem somos nós".

Na nota final, Schwarz sublinha o senso de realidade de Francisco de Oliveira, aguçado pelo marxismo. "[...] a tônica de seu esforço está em conceber as redefinições impostas pelo processo em curso, que é preciso adivinhar e descrever. Assim, os meninos vendendo alho e flanela nos cruzamentos com semáforo não são a prova do atraso do país, mas de sua forma atroz de modernização".³⁶² Algo já visto, e compreendido na mesma chave, por Schwarz com os garotos recrutados pelo tráfico nas favelas cariocas no romance *Cidade de Deus* de Paulo Lins.

A experiência do tempo proposta por Schwarz nesse prefácio a dois dos mais importantes ensaios de Francisco de Oliveira, parece comprimir a fresta de esperanças

³⁵⁷ Ibidem, p. 158.

³⁵⁸ Ibidem, p. 159.

³⁵⁹ O fechamento do texto aponta uma saída para as contradições do desenvolvimento do capitalismo no Brasil na forma de programa: "apartheid ou [...] revolução social". Francisco de Oliveira, *Crítica à razão dualista*, cit., p. 119.

³⁶⁰ Ibidem, p. 159.

³⁶¹ Idem.

³⁶² Ibidem, p. 164.

nacionais desenvolvimentistas entre forças negativas provenientes de duas direções. Ao buscar o olhar desiludido com as possibilidades de superação do "atraso" em Oswald e em Machado, o crítico de certa maneira confirma uma tendência inata ao "progresso à brasileira": o dar em nada; na outra direção, ao analisar o texto de 1972 da perspectiva do de 2003, essas mesmas oportunidades que pareciam se abrir ao sociólogo que buscava entender o próprio presente, são contaminadas no nascedouro. O que remete diretamente ao tempo presente do prefácio de Schwarz, início do lulopetismo, uma vez que uma das principais bases de criação do PT foi o "ABC das greves" de finais da década de 1970.³⁶³

O tempo do Brasil no mundo que atropela a "autossuperação desenvolvimentista" de Francisco de Oliveira vai aparecer na longa resenha de Schwarz para a autobiografia de Caetano Veloso. Se em *Sequências brasileiras*, objetos artísticos contemporâneos (os romances *Estorvo* e *Cidade de Deus*) são fundamentais para o encontro das relações sociais próprias do Brasil, na sondagem do contemporâneo operada por Schwarz por meio de recortes mais amplos fornecidos por sua leitura de Kurz, em *Martinha versus Lucrecia*, a resenha literária é deslocada para o centro no debate, renovando a força e o interesse pela leitura imanente e dialética da forma artística, e da nota nacional capaz de fornecer notícia do movimento do mundo.

"Além de autobiografia de artista, *Verdade tropical* é uma história do tropicalismo e uma crônica da geração à volta de 1964." Essa a descrição sintética do livro de Caetano Veloso, publicado em 1997 (portanto durante a escrita dos ensaios de Schwarz que comporiam *Sequências brasileiras*) e resenhado em 2011, único texto inédito de *Martinha versus Lucrecia*. Como visto, 64 é crucial para o pensamento schwarziano, sendo ele próprio representante da geração que se formou intelectualmente nos anos que antecederam o golpe. E a tropicália, um momento antecipador das "Ideias fora do lugar".

Enquanto Caetano trata do período de sua vida anterior ao golpe, Schwarz estabelece uma forma de ensaio-diálogo, ou ensaio-a-quatro-mãos, no qual o crítico extrai, comenta e complementa o objeto analisado. Sempre confirmando, sem que seja necessário explicitar, momentos decisivos da trajetória de seu próprio pensamento. Quando Caetano, surpreendentemente (pela idade e independência da posição) afirma que, vivendo em Santo Amaro, cidadezinha do Recôncavo, se afastava da tendência geral da molecada de

³⁶³ Sobre a especificidade da região do ABC paulista na década de 1970 como terreno propício para o surgimento da vanguarda do movimento trabalhador organizado, que daria na criação do Partido dos Trabalhadores, cf. Lincoln Secco, *História do PT* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2011), p. 36-43.

americanização, por causa da ausência de qualquer traço de rebeldia nesse grupo, Schwarz nota a confirmação de sua própria explicação para a força da cultura no período, bem como para o problema de cópia e autenticidade fora dos centros hegemônicos de poder: "Desde o começo a posição de Caetano é diferenciada, fugindo às limitações do nacionalismo simplista. A imitação das novidades americanas não lhe parece autêntica em si, pois pode ser portadora de inconformismo, quando então adquire autenticidade. O que conta não é a procedência dos modelos culturais, mas a sua funcionalidade para a rebeldia, esta sim indispensável ao país atrasado. Muito esclarecidamente, o autêntico se define por oposição ao autêntico, e não à cópia ao estrangeiro".³⁶⁴ Em suma, Caetano ainda muita jovem intuía que o nervo da questão era o "jogo estético-político interno", não existindo direcionamento absoluto nem no que importávamos e nem tampouco naquilo que se supunha autenticamente nosso. Schwarz qualifica de "proeza intelectual" a tomada de posição que alterna entre a valorização da vida provinciana para avaliar com cautela a cultura estrangeira, no mesmo passo que compreende o valor do influxo externo para romper com o que há de sufocante na vida interiorana.

A postura vai se desdobrar na atuação do músico em programas de auditório, ao introduzir, no terreno protegido da MBP, o que vinha de fora: "a guitarra elétrica, a palavra coca-cola e a parafernália roqueira [...]".³⁶⁵ Se a escolha poderia sugerir adesão acrítica ao american way of life, Schwarz vai uma vez mais a Oswald de Andrade para explicar a operação: "À maneira da antropofagia oswaldiana [...] a importação das inovações internacionais favorecia o desbloqueio e a ativação histórica das realidades e dos impulsos de um quintal do mundo".³⁶⁶

Com o mesmo ânimo de quem vê confirmada algumas de suas ideias da vida toda (pensamos é claro em "Cultura e política, 1964-1969", mas também em "Nacional por subtração", para ficarmos nos ensaios que mais diretamente lidaram com os assuntos em questão), Schwarz parece ultrapassar um limite da resenha: "A descrição que o livro dá da ebulição característica do pré-64 é notável. *Sem que esteja propriamente discutido* [grifo nosso]". O crítico passa então a complementar aquilo que Caetano não havia posto em questão, mas, segundo Schwarz, deveria, ou no mínimo, poderia. No caso: "[...] o encontro explosivo — e formador — de experimentalismo artístico sem fronteiras nacionais,

³⁶⁴ Roberto Schwarz, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 60.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 61.

³⁶⁶ *Idem*.

subdesenvolvimento, radicalização política, cultura popular onipresente e província, além da hipótese socialista no horizonte [que] é o contexto detudo".³⁶⁷

Caetano de fato soa completamente afinado com o esquema geral do funcionamento das ideias na periferia do sistema extraído por Schwarz dos romances da segunda fase machadiana. Ao comentar *Deus e o diabo na terra do sol*, afirma o compositor: "Não era o Brasil tentando fazer direito (e provando que podia) mas errando e acertando num nível que propunha, a partir de seu próprio ponto de vista, novos critérios para julgar erros e acertos".³⁶⁸ Ou seja, desrecalcado com os melindres da importação de modelos, sonda-se o país na mesma medida que julga-se o caráter supostamente universal dos padrões estrangeiros.

Já nas páginas em que Caetano analisa e explica João Gilberto, Schwarz identifica o ponto alto do pensamento dialético do músico. "Como poucas vezes, a invenção artística e sua força estão ligadas a uma análise de classe sob medida para o país", afirma Schwarz, acusando que *Verdade tropical* atinge, em certas passagens, aquilo que o seu ensaio de 1970, que fora sequestrado justamente pelo debate com a tropicália, não conseguira: o imbricamento dialético no próprio tecido narrativo das dimensões estéticas e políticas. Lembrando rapidamente o andamento do texto de Schwarz, que apesar de dialético, coloca num primeiro momento as questões políticas, para em seguida passar, caso a caso, à análise dos objetos artísticos, que por sua vez reagem ao quadro armado de antemão, confirmando e tornando mais complexa sua força, e também revelando aspectos impensados dessa mesma produção cultural para no fim, apresentar o movimento histórico do processo, o que provavelmente explica sua força interpretativa até hoje. Já em Caetano, termos como política e estética, nacional e estrangeiro, caminham juntos na mesma página, na mesma frase. A longa frase de 32 linhas de *Verdade tropical* sobre João Gilberto e a bossa-nova, "um verdadeiro olé dialético", pela "abrangência da visão, pela sua potência organizadora, pelo teor de paradoxo e pela capacidade de enxergar o presente no tempo, como história, é uma façanha".³⁶⁹ Não cabe acompanhar aqui, mas Schwarz lança mão de close reading afiado para extrair e destrinchar a força do trecho. Outra conquista do artista está na implicação de tempos distintos. Enquanto o crítico, como visto, vai ao passado para armar novas explicações que retornem ao contemporâneo tornando-o mais complexo, sempre acertando um horizonte futuro rebaixado, em Caetano, "a fluidez se torna vertiginosa quando a

³⁶⁷ Ibidem, 63.

³⁶⁸ Caetano Veloso apud Ibidem, p. 69.

³⁶⁹ Roberto Schwarz, ibidem, p. 72.

inovação não afeta apenas o presente e o futuro, como quer o senso comum, mas abala também o passado, que deixa de ser imutável e se recompõe sob nossos olhos".³⁷⁰

Após 23 páginas de resenha, Schwarz propõe o que seria um único traço problemático, uma peculiaridade do caráter do músico, manifestada ainda criança, de mesclar "ruptura radical com respeito ou apego". A confiança de que apesar de momentos de ofensa e agressividade no campo artístico, os lados opostos se entendem e "tudo terminará bem". "[...] combinação caetanista de ruptura e apego, esse critério que mais perdoa que recusa [...]."

Mas então vem a virada na resenha, que acompanha com interesse outra virada radical: a das posições político-ideológicas do próprio Caetano, rendendo 35 páginas de crítica imanente e contra-ideológica, com implicações decisivas para a compreensão do destino do que fora gestado no pré-golpe de 64 (e também para reflexões pretéritas do crítico). Se não estamos enganados, trata-se da análise (pelo negativo) da trajetória de Schwarz e seus colegas de geração. Alguns deles (Sérgio Ferro e Michel Löwy) ganham perfis em *Martinha versus Lucrecia*, que remetem ao mesmo período.

Sobre o primeiro, o perfil é o resultado de uma fala pública em homenagem a Ferro, e pode ser lido como trajetória pessoal a confirmar o andamento histórico do ensaio "Cultura e política, 1964-1969". O distanciamento temporal inclui mais claramente Schwarz na dinâmica, que deixa de ser um consumidor da melhor cultura e comentador de sua lógica e efeitos, para *sofrer* os efeitos do processo que anteriormente analisara. Aqui um exemplo dos perfis espelhados: "[Sérgio Ferro] pertence à última geração que ainda carregou as baterias nos anos do desenvolvimento populista, em particular na fase radicalizada do final, quando durante um curto período pareceu que modernização, emancipação popular e emancipação nacional andavam de mãos dadas, sob o signo da industrialização".³⁷¹ Não apenas a coincidência de ambos terem nascido em 1938, seus destinos se cruzaram na resistência à ditadura até o desdobramento do golpe com o AI-5. Ferro teria notado a mudança no "sentido geral da modernização, inclusive da modernização em arquitetura",³⁷² algo explicitado no ensaio de 1970 de Schwarz, quando discute as casas modernistas pós-golpe. Ferro embarca para a luta armada, Schwarz para o exílio. Até aqui, em termos de análise histórica mais ampla, seguimos no terreno já conhecido da explicação do crítico para o período: ditadura de direita, hegemonia cultural de esquerda, produção fechada em circuitos burgueses, que

³⁷⁰ Ibidem, p. 73.

³⁷¹ Roberto Schwarz, "Saudação a Sérgio Ferro", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 216.

³⁷² Idem.

mesmo assim promove certa radicalização que com o fechamento do sistema através da promulgação do AI-5 só encontra saída no confronto direto à ditadura, com o resultado conhecido.

O fio histórico ligando o esquema do ensaio de 1970 à década de publicação de *Martinha versus Lucrécia* aparece sem alarde no perfil do antigo companheiro de *Teoria e Prática*. Avançando para o momento da abertura, com a luta armada derrotada e a crise mundial do petróleo atingindo o "milagre econômico brasileiro" em cheio, Schwarz comenta o fenômeno do surgimento de "figuras destacadas da esquerda" se qualificando "socialmente para a liderança [no] plano político". A consolidação do processo interessa: "Assim, em pouco tempo e sem que o país no essencial tivesse virado à esquerda, tivemos um presidente da República de boa formação marxista, outro de boa formação sindical, para não falar de ministros, senadores e deputados ex-comunistas e ex-guerrilheiros".³⁷³ A nova "floração tardia" do país era insustentável: ideologia de esquerda no comando de governos à direita, ou no mínimo liberalizantes e obedecendo aos ajustes externos impostos pela agenda capitalista global. A solução, que em Sérgio Ferro, bem como em Schwarz, implica coerência, no caso de FHC e Lula, obriga a deixar "cair as convicções intelectuais anteriores". Se a esquerda vencia em circuito fechado no período 1964-1968, agora "o êxito da esquerda foi pessoal e geracional, mas não de suas ideias [...] configurando algo como um fracasso dentro do triunfo [em termos históricos mais amplos], ou melhor, um triunfo dentro do fracasso [em termos estritamente pessoais]".³⁷⁴ Evitando o conjuntural, Schwarz abarca os anos FHC e o lulopetismo nessa nova sondagem do tempo brasileiro.

"Em contato com as novas realidades do capital e diante da derrota das teses de esquerda no mundo", a maior parte da geração formada na tomada de consciência crítica do pré-64 abandonou essa força histórica, sendo compensada a "participar em posição saliente do curso *normal* da sociedade contemporânea".³⁷⁵ Ferro, assim como Schwarz, toma outra direção.

Se a "visão negativa" ainda carrega vantagens teóricas ao detectar "os lados aberrantes da sociedade contemporânea",³⁷⁶ que não são possíveis de serem compreendidas em toda a sua força desagregadora sem a crítica ao capital, o fato da prática ter deixado de "estar à mão", não implicaria um *fracasso dentro do fracasso*?

³⁷³ Ibidem, p. 219.

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Ibidem, p. 220.

Já no perfil de Löwy, nos interessa em particular o último parágrafo, em que Schwarz parte do livro *A política do desenvolvimento combinado e desigual: a revolução permanente*, do velho amigo, para num trecho extremamente sintético, avaliar o funcionamento e as perspectivas da contemporaneidade, com sua dinâmica e impasses próprios. A recusa do "marxismo linear" em Trótski abria uma pista acelerada para os países "ditos atrasados". O entendimento do "caráter supranacional e desnivelado — ou dialético — do capitalismo" colocava a revolução na ordem do dia do explosivo Terceiro Mundo. Os desníveis entre os países, sempre aproveitados pelos capitalistas para mais explorar e acumular, gerava oportunidades também aos socialistas para "levar adiante a revolução". Abandonava-se o etapismo do PCB em nome da queima de etapas. "Noutras palavras ainda, o país retardatário pode ser o elo fraco do sistema e desempenhar um papel de vanguarda na sua superação". Da metade para o fim do trecho, Schwarz acelera o relógio, e vem dos anos 1970 para o contemporâneo. As revoluções com sua aparente tomada das rédeas do desenvolvimento histórico confirmava em partes os prognósticos de Trótski. Se estavam na ordem do dia, o dia seguinte não confirmava o prometido alcance do "bem-estar dos países adiantados" sob uma outra organização política. "O voluntarismo revolucionário se mostrou insuficiente, quando não desastroso". Segue operando o "desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo", com proveito para os países centrais e para a lógica da acumulação, bem como da produção irracional "da monstruosa coleção de mercadorias" (nos termos de Marx), no entanto as revoluções, que se não parecem impossíveis, se tornaram inúteis, uma vez que "o caminho ulterior em direção do socialismo parece bloqueado".³⁷⁷

Mais de dez anos depois, em 2022, num artigo de menos de um quarto de página do caderno Ilustríssima da *Folha de São Paulo*, Schwarz retoma o debate com Trótski. Curiosamente o fechamento vai em direção diferente daquela do perfil de Michael Löwy, isso após repassar a "reposição moderna do atraso" e o otimismo revolucionário de Trótski: "[...] o salto nacional à frente, possibilitado talvez pela ligação estratégica ao polo avançado, que funciona como uma alavanca, não desaparece do horizonte".³⁷⁸ Voltava pela porta dos fundos o que aparentemente ficara historicamente bloqueado, e a necessidade de encontrar saídas para o Brasil forçava o crítico a revisar constantemente seus próprios esquemas, se não na íntegra, ao menos em seu contato com o tempo da escrita.

³⁷⁷ Todas as citações do parágrafo estão em Roberto Schwarz, "Aos olhos de um velho amigo", em *Martinha versus Lucrecia*, cit., p. 213-14.

³⁷⁸ Roberto Schwarz, "Progresso e retrocessos", *Folha de S.Paulo*, 31 jul. 2022.

O movimento interessa para muito além da oscilação de Schwarz entre o apocalíptico e a crítica como consolo na compreensão e a brecha da esperança. Revela que o processo de modernização truncado está longe de ser considerado estável. O "progresso à brasileira", tantas vezes identificado pelo crítico, ao repôr o atraso, também abre espaço para integrações parciais e projetos com algum nível de efetividade na melhora de vida do grosso da população, sem no entanto alterar a feição da sociedade, que se mantém, em linhas gerais, marcada por descompassos, desencaixes, desníveis e anacronismos de toda ordem.³⁷⁹ Se estivermos certos nesse caminho da dialética entre teoria crítica e sociedade, onde poderia haver contradição nas tomadas (e viradas) de posição, há um esforço mimético decisivo, lastro forte das diversas sondagens sociais por parte do crítico, como viemos acompanhando até aqui.

Voltando à verdade tropicalista de Caetano, o momento-chave da virada ideológica do compositor espelha um outro revelado pela crítica machadiana, mais especificamente pela norte-americana Helen Caldwell, que, imersa no debate sobre Shakespeare e livre dos condicionamentos de uma sociedade amplamente marcada pelo espírito patriarcal (inclusive aí o chamado campo crítico), notou a malícia do relato de Bento Santiago quando este, agitado pelo ciúmes, assiste a uma apresentação de *Otelo* no teatro e tira lição "barbaramente equivocada". "Em vez de lhe ensinar que os ciúmes são maus conselheiros, esta o confirma na sua fúria."³⁸⁰ Se Otelo estrangulava Desdêmona, que era inocente, o que Bentinho deveria então fazer com Capitu, que tinha culpa?

De acordo com Schwarz, Caetano também teria feito leitura barbaramente equivocada da emblemática cena de *Terra em transe*, quando Paulo Martins, confuso e agitado como Bentinho (não por causa da posição independente da esposa, mas com os arranjos entre líderes populistas e setores conservadores e com a inércia da massa popular que recuava diante do suposto compromisso histórico com a revolução e o socialismo), "tem uma recaída na truculência oligárquica (verdade que com propósito brechtiano, de distanciamento e provocação)".³⁸¹ O personagem tapa a boca de um líder sindical em meio a uma manifestação e, se dirigindo à câmera, afirma: "Estão vendo quem é o povo? Um analfabeto, um imbecil,

³⁷⁹ Sobre as melhoras na vida da população pobre com o processo de industrialização e urbanização, mesmo sob a ditadura iniciada em 1964, bem como o esgotamento das esperanças de uma transformação duradoura na sociedade no fim da década de 1970, cf. Fernando Novais, João Manuel Cardoso de Mello, "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna", em *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, cit.

³⁸⁰ Roberto Schwarz, "Leituras em competição", cit., p. 24.

³⁸¹ Roberto Schwarz, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", cit., p. 76.

um despolitizado!".³⁸² A posição de difícil sustentação do intelectual burguês de esquerda, a frustração com o enfraquecimento da saída revolucionária, que por sua vez desqualifica os trabalhadores, "é um desabafo histórico". As certezas ideológicas da esquerda eram colocadas em questão nessa cena curta e contundente do cinema nacional. "Os trabalhadores estavam longe de ser revolucionários, a sua relação com os dirigentes pautava-se pelo paternalismo, os políticos populistas se acertavam com o campo adversário, a distância entre as teses marxistas e a realidade social era desanimadora, e os intelectuais confundiam as razões da revolução política e as urgências da realização pessoal. [...] *A nota geral era de desespero.* [destaque nosso]"³⁸³

Voltando a Bentinho, o narrador malicioso é uma construção artística de Machado, que ao dar voz à classe proprietária do país, expunha seu funcionamento inconfessável, bem como as ambiguidades de um registro culto tratando de realidade implicada no arranjo colonial de latifúndio e mão de obra escravizada. Segundo Schwarz, o mecanismo desse narrador da segunda fase machadiana "incita à leitura a contrapelo e à formação de uma superconsciência contrária [...]".³⁸⁴ Já Caetano não é personagem, assim o narrador de *Verdade tropical* não carrega segundas intenções de um autor que pensa por exemplo em expor determinado problema da sociedade ou um ângulo novo para tratar problema conhecido etc. (Adeptos da virada linguística pós-moderna poderiam objetar que o Caetano do livro é construção narrativa sem contato algum com a realidade, ou até mesmo com o Caetano de carne e osso. Não é o rumo de nossa investigação.) O ponto é que aparentemente não há nenhum tipo de veneno ou malícia na construção caetaniana, o que não impede que o texto jogue contra as intenções de Caetano. Trata-se do autor entregando "um percurso do nosso tempo". O que "desconcerta" Schwarz pela franqueza com que expõe opiniões no mínimo embaraçosas.

A recomposição ideológica pós-golpe de 64, que causara desorientação na esquerda, e que teve na cena filmada por Glauber o ponto catalisador do drama, muito pelo contrário gerou euforia em Caetano. A virada geral no pensamento vitorioso, acompanhada pelo músico, enxergava "*oportunidades e saídas* onde o filme de Glauber desembocava em frustração nacional, autoexame político e morte". Era como se a nova onda acatasse "sem mais as palavras devastadoras de Paulo Martins".³⁸⁵

³⁸² Arnaldo Jabor confirmaria a leitura conservadora da cena (e sua vida longa) sugerindo ligação entre o trabalhador "imbecil e analfabeto" e o então presidente Lula. Curso sobre os quarenta anos de 1968. Casa do Saber, São Paulo, 2008.

³⁸³ *Ibidem*, p. 77.

³⁸⁴ Roberto Schwarz, "A viravolta machadiana", cit., p. 271.

³⁸⁵ *Idem*, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", cit., p. 77.

Diferentemente da primeira parte da resenha, o "pacto de colaboração" entre resenhista e resenhado está agora esgotado. Se num primeiro momento Schwarz organiza (e complementa) o quadro histórico das intuições certas (de acordo com o pensamento schwarziano) de Caetano, a interpretação passa a recolher a mudança e o travejamento ideológico na própria superfície da autobiografia, e joga a história contra o narrador. Por exemplo, afirma o músico: "Portanto, quando o poeta de *Terra em transe* decretou a falência da crença nas energias libertadoras do 'povo', eu, na plateia, vi, não o fim das possibilidades, mas o anúncio de novas tarefas para mim". Ou seja, a virada é inequívoca, não depende da leitura do crítico. Na sequência, o peso do esquema longamente construído por Schwarz é condensado em trecho que desloca de maneira constrangedora o músico para o lado dos vitoriosos de 64, e portanto oposto a "socialistas, nacionalistas e cristãos de esquerda, à tradição progressista da literatura brasileira desde as últimas décadas do século XIX e, também, às pessoas simplesmente esclarecidas [...]": "[...] quando Caetano faz suas palavras de Paulo Martins [...] é o começo de um novo tempo que ele deseja marcar, um tempo em que a dívida histórico-social com os de baixo — talvez o motor principal do pensamento crítico brasileiro desde o Abolicionismo — deixou de existir. [...] A desilusão de Paulo Martins transformara-se em desobrigação. [...] Se o povo, como antípoda do privilégio, não é portador virtual de uma nova ordem, esta desaparece do horizonte, o qual se encurta notavelmente".³⁸⁶ Como dito, não sendo Caetano personagem de ficção, a virada não implica a desalienação do leitor que apontasse para a transformação social, mas sim a constatação de uma viravolta histórica (pessoal, com implicação além dos limites nacionais, como veremos).

É preciso não perder de vista que a autobiografia foi escrita num momento de ampla derrota para as esquerdas, o que talvez tenha encorajado a tomada de posição retrospectiva no livro.³⁸⁷ Assim não sabemos o quanto houve de fato de intuição de Caetano para captar a sucessão de derrotas dos projetos libertários mundo afora no interior da Guerra Fria, e ainda apostar na corrente que se tornaria hegemônica, ou se a escrita representaria uma tentativa de sobrevalorizar e até mesmo falsear posições pretéritas para um alinhamento com os vencedores da década de 1990.³⁸⁸ O fato é que Schwarz aposta na primeira hipótese, assim como não coloca em dúvida o garoto prodígio na pacata Santo Amaro lendo criticamente as

³⁸⁶ Ibidem, p. 78-9.

³⁸⁷ Segundo Milton Ohata, "Em *Verdade Tropical*, Caetano estava antenado com o projeto neoliberal de FHC e aproveitou a onda favorável para um acerto de contas com a esquerda que o vaiara em 1968". "Progresso à moda brasileira", *revista piauí*, n. 69, jun. 2012.

³⁸⁸ "Vencedores" que pagariam um preço caro a partir do golpe contra Dilma Rousseff e o surgimento da extrema direita organizada como força política. Cf., por exemplo, Fernando Limongi, *Operação impeachment* (São Paulo, Todavia, 2023).

trocas culturais do período, carregadas de complexas implicações políticas, entre Brasil e Estados Unidos, e também com o melhor cinema europeu da época. Apesar da crítica imanente, diferentemente de sua análise machadiana, em *Verdade tropical* Schwarz parece reforçar o processo social extraído do livro graças ao grão de verdade autobiográfico inquestionável da narrativa. Se colocasse Caetano no rol dos narradores maliciosos, a especificidade do movimento histórico nacional com implicações mundiais sairia alterado? Surgiria uma nova leitura da obra do compositor? Caetano também criara um herói (com pouco caráter) para expor o lado da contrarrevolução? Perguntas sem respostas na resenha em questão.

Voltemos à leitura de Schwarz. A vitória da contrarrevolução de 64, obviamente independente do apoio de Caetano, nos situava antecipadamente na situação pós-moderna, fase em que o "capitalismo não é mais relativizado por um possível horizonte de superação".³⁸⁹ A hipótese da "pós-modernidade antecipada" é do neobrasilianista Nicholas Brown, que afirma o seguinte: "por mais específica que seja a história política do Brasil, ela é também um caso ilustrativo particularmente dramático do fenômeno mundial do fim da modernidade política baseada em grandes projetos utópicos [...]".³⁹⁰ Não é demais comentar que a análise de Brown é possível graças à abertura de possibilidades de pesquisa da realidade brasileira inaugurada com o ensaio "As ideias fora do lugar", como visto. Ao analisar "Cultura e política, 1964-1969", Brown compreende que quando Schwarz escreve o ensaio, não era possível saber que se tratava da antecipação da análise do "modelo da produção cultural pós-moderna".³⁹¹ Ao partir da fórmula da mistura tropicalista do "residual, do atual e do emergente" descoberta por Schwarz, Brown situa o debate em relação às teorizações gerais (e críticas) da arte pós-moderna, com seu "saco de gatos ou quarto de despejos de subsistemas disparatados e matérias-primas aleatórias" (nas palavras de Fredric Jameson), para notar que no caso brasileiro, a "matéria-prima nunca é inteiramente casual". Se a fatura estética no centro e na periferia se aproximava, o pastiche pós-moderno esvaziado de história funcionava "como alegoria da sociedade brasileira". O que nos faz recuar novamente ao "Machado de Schwarz", com seus romances atravessados por influências diversas e inesperadas que, segundo o crítico, lançava mão do expediente para sondar o ritmo específico de uma realidade que não obedecia aos padrões europeus, apesar de não poder ignorá-los de forma alguma. A análise de Brown nos interessa quando toca no tempo

³⁸⁹ Roberto Schwarz, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", cit., p. 79.

³⁹⁰ Nicholas Brown, "Tropicália, pós-modernismo e a subsunção real do trabalho sob o capital", em *Um crítico na periferia do capitalismo*, cit., p. 295.

³⁹¹ Idem.

contraditório da periferia, com o qual, como temos acompanhado, Schwarz sempre se bateu. Afirma o norte-americano: "A questão aqui é que as mesmas técnicas que, num contexto primeiro-mundista, são sintomas do recuo da história (a evaporação do significado na obra de arte pós-moderna) se transformam, nas produções semiperiféricas (mesmo a despeito de si próprias), em sintomas da própria história".³⁹²

Ou seja, onde a esquerda via regressão, ou o congelamento da dinâmica histórica numa figura aberrante mas familiar, tratava-se na verdade da aceleração temporal na realidade da ex-colônia. Ou em outros termos, uma inesperada atualização da matéria brasileira à vanguarda do tempo do mundo. A contra-intuição de Caetano tem portanto voz para muito além de qualquer suposto cálculo egoísta. E também implica uma reavaliação do esquema tropicalista, que ao articular o encontro entre arcaico e moderno, sem saída à vista ou negatividade, acerta, até segunda ordem, o destino da nação (no mundo). E explica a avaliação negativa à época por parte de Schwarz dessa imagem do Brasil, que trazia consigo (solucionada) a conclusão da má formação histórica do país. Nas palavras de Schwarz: "a própria noção de progresso [...] estava sendo desativada por uma modalidade diferente de modernização".³⁹³

Caetano, apesar de empurrado para o lado dos vencedores, não se conforma ao tom conservador. Muito pelo contrário. Adota "o figurino ultrarrebelde e polêmico da contracultura e do pop". A atitude visava o escândalo, tanto do establishment de esquerda como de direita, "ressalvando entretanto o mercado". Se como procura demonstrar Schwarz, a força da criação artística do tropicalismo devia tudo, ou quase tudo, ao período pré-64, que passa a ser visto por Caetano como um bloco antagônico e homogêneo. Se o fundo falso autobiográfico importa pouco, a imagem tem força. De um lado a esquerda imaginava, com alta carga de ilusão, que a ditadura era uma breve pausa no desenvolvimento do país rumo a um país integrado, enquanto Caetano parece sugerir, de acordo com nossa leitura a contra-pelo da resenha de Schwarz, que o período popualista fora ele sim uma interrupção no curso normal do país. O tempo, com a própria virada crítica de Schwarz a partir dos anos 1990, confirmaria algo da segunda hipótese.

Caetano antecipa mais um lance, outro a ser decifrado e explicado por Schwarz posteriormente ao advento do tropicalismo, a saber, o já mencionado "triunfo dentro do

³⁹² Ibidem, p. 301.

Do outro lado, o também norte-americano Dave Rogers vai encontrar em Machado apenas alguns dos recursos da futura arte pós-moderna. Sem se importar com a especificidade da realidade brasileira, diferente de Brown, contorna o debate contemporâneo. Dave Rogers, *The New Yorker*, cit.

³⁹³ Roberto Schwarz, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", cit., p. 97.

fracasso". A posição ambígua do "rebelde com apego" é de difícil sustentação, e se revela (sem no entanto ruir) no momento da prisão, jamais imaginada por Caetano, que só enxergava o inimigo do lado da esquerda, que segundo ele era intolerante e autoritária, e ameaçava todo o tipo de liberdade, justamente no momento em que a direita cancelava liberdades fundamentais com a promulgação dos seguidos atos institucionais e também por meio de ações ilegais de toda ordem. As bolas trocadas e a postura destemida frente ao braço armado do Estado, ao menos nos primeiros momentos da sequência da prisão, embaralham Caetano Veloso com o amanuense Belmiro, uma mistura bem brasileira que desconcerta, ao mesmo tempo que trai privilégios insuspeitos.

A inversão pós-moderna em Caetano, que nega a realidade amparado pela força (de fato) da contrarrevolução, por um lado remete ao tempo da nossa "comédia ideológica", quando as ideias não se prestavam ao teste da realidade, por outro, ao "porrete como força moral"³⁹⁴ da experiência fascista. Aponta também para o futuro além da escrita do livro, quando a extrema direita dominaria a cena com o surgimento do bolsonarismo, que acusou, não sem desfaçatez, todo um campo modernizante do país, de autoritário e antidemocrático, contrário às liberdades de expressão e civis.³⁹⁵ A verdade tropical fecha portanto o ciclo dos projetos emancipatórios no interior da Guerra Fria, que desemboca após um interregno de "fim da história", no neofascismo.³⁹⁶

O ensaio de Schwarz é encerrado com nota melancólica: "de um lado o interesse e a verdade, as promessas e as deficiências do impulso derrotado; do outro, o horizonte rebaixado e inglório do capital vitorioso".³⁹⁷

Ao retornar ao ano decisivo de 64, Schwarz lança a sonda do contemporâneo para algumas casas à frente do momento da escrita da reunião de ensaios de 2012. Engata o tempo do mundo à nossa comédia ideológica do século XIX e sonda o futuro. Justamente por esse esforço antecipatório, *Martinha versus Lucrecia* é de difícil compreensão totalizante. Como visto, não seria difícil apontar contradições entre os diferentes tempos históricos sugeridos em alguns dos textos. O que no entanto nos parece sua força historiográfica, ao salientar permanências, resíduos, antecipações e recuos na dinâmica. A fragmentação do livro em

³⁹⁴ A imagem faz parte da genealogia fascista encontrada por Carlo Ginzburg na virada pós-moderna no interior da historiografia, principalmente em Hayden White. Cf. Carlo Ginzburg, "Unus testis – O extermínio dos judeus e o princípio da realidade", em *O fio e os rastros* (São Paulo, Companhia das Letras, 2006).

³⁹⁵ Sobre as disputas envolvidas nessas acusações, cf. Pedro Rocha de Oliveira, "As razões do negacionismo: guerra civil e imaginário político moderno", cit..

³⁹⁶ Caetano fará campanha para Lula contra Bolsonaro.

³⁹⁷ Roberto Schwarz, "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo", cit., p. 110.

ensaios independentes conta a favor dessa que poderia ser uma forma mais complexa de compreensão da história contemporânea, com descompassos e desajustes mundiais ainda em acelerada produção.

As sutis dúvidas que o crítico colocou aqui e ali em seus momentos de desvelamento de processo social truncado, ou mesmo nas singelas aberturas utópicas, para não falar na recusa da verdade tropical pós-moderna de país aberração com destino feito, apontam para algum tipo de transformação histórica. Não a compreensão óbvia e inofensiva do caráter histórico das relações humanas, "mas a ênfase no transformável, com sua recusa tácita do presente de exploração", o que nos coloca diante de um "imperativo mais difícil, para o qual a inteligência da historicidade não pode ser dita real senão atender às necessidades da intervenção modificadora". Isso tudo sem qualquer ilusão ou mistificação da própria posição: "A oportunidade do mandamento e a dificuldade de cumpri-lo saltam aos olhos".³⁹⁸ Talvez esteja aí um traço definidor da ética intelectual de Schwarz (e o ponto de desencontro fundamental com o tropicalismo): jamais compactuar com o status quo, ou com o presentismo, em suma, com o capitalismo que segue vencendo ao nos convencer de que "não existe alternativa".

³⁹⁸ Roberto Schwarz, "Altos e baixos da atualidade de Brecht", em *Sequências brasileiras*, cit., p.140.

Dois epílogos

A publicação de *Seja como for*, em 2019, portanto em pleno governo Bolsonaro, parecia anunciar o epílogo da obra schwarziana. Novamente sendo fiel às montagens não convencionais de suas antologias anteriores de ensaios, o livro no entanto se diferencia do conjunto da obra. Cerca de três quartos do volume é dedicado a uma reunião de entrevistas originalmente publicadas em jornais e revistas, organizadas em ordem cronológica e cobrindo o período 1976-2019. O livro tem portanto forte caráter revisionista. O que não lhe tira o interesse. Mas ao revisitar a própria obra (salvo em dois ou três momentos, como veremos) Schwarz parece abrir mão da sondagem do contemporâneo.

Além das entrevistas, estão reunidos no volume ensaios publicados após o lançamento de sua última antologia, de 2012, e também textos diversos que haviam ficado perdidos em publicações sazonais. Ou seja, um claro esforço de encerrar a obra sem deixar nada de fora. Em *Seja como for* aparecem perfis menos organizados do que nos livros anteriores. É difícil dar sentido ao conjunto que inclui: Luiz Gama, Gilda de Mello e Souza, Sérgio Ferro, José Guilherme Merquior, Maurício Segall, Paul Singer, Beatriz Sarlo, Albert Hirschman e Antonio Candido. Além disso, como dito, o livro reúne material disperso no tempo, o que impede pensar o bloco em relação à contemporaneidade do livro.

Apenas um comentário. A nota evidentemente dissonante no grupo, ideologicamente falando, é Merquior. Inimigo intelectual da esquerda, entraria para a história política do país ao escrever discursos para o então presidente Fernando Collor, inclusive o de posse.³⁹⁹

Tudo isso não impediu o diálogo desde a década de 1960 e o respeito mútuo entre ele e Schwarz. Mesmo no calor da aproximação da luta armada, Schwarz escreve a Merquior pedindo sua avaliação de *Teoria e Prática*, incluindo convite a colaborar. "Se você tiver observação ou críticas, quanto à revista, mande, que é o que mais precisamos. E mande também respostas, quanto à possível colaboração".⁴⁰⁰

No perfil reunido no livro, originalmente de 2015, Schwarz pondera as posições ideológicas do amigo, para em seguida arrematar: "Dito isso, a literatura e as ideias para ele contavam mais que o resto. A sua conversa inesgotável, sempre interessante e civilizada, que jorrava como uma força da natureza, era um espetáculo memorável".⁴⁰¹

Fechando e abrindo *Seja como for*, dois textos inclassificáveis e situados na experiência do exílio parisiense do crítico. O primeiro é o relatório de agente da ditadura sobre o então recém publicado na França "Cultura e política, 1964-1969". Quebra a ideia de

³⁹⁹ Cf. Amir Labaki, "Um Fausto na corte de Fernando Collor", *Folha de S.Paulo*, 24 nov. 2001.

⁴⁰⁰ Carta de 8 jan. 1968, retirada do documentário *José Guilherme Merquior: paixão pela razão*, É Realizações, 22 abr. 2021, Youtube.

⁴⁰¹ Roberto Schwarz, *Seja como for*, cit., p. 403.

que a crítica atualizada e sem barateamento falava apenas para uma fração mínima e alfabetizada da população. A análise abstrusa do agente importa menos que a repercussão do texto, que a confiar no agente, já estava em poder da CIA.

Na ponta oposta do livro, "Peripécias de um doutoramento", carta de Schwarz a Antonio Candido relatando as dificuldades de se defender tese de doutorado em Paris lançando mão da dialética "forma literária e processo social". Interessa a total falta de reverência de Schwarz com um dos centros hegemônicos da produção acadêmica. Poderíamos especular que a atitude desabusada frente a um polo dessa grandeza da produção mundial do período guarda ares da atitude vanguardista de Oswald de Andrade, e assim ilumina a antropofagia modernista como uma atitude em tudo diferente da mera assimilação e mistura passiva dos fluxos estrangeiros de cultura.

Realizado esse breve sumário do livro, uma das duas entrevistas que avança no tempo do livro anterior interessa. A primeira, de julho de 2018, portanto às vésperas das eleições presidenciais que levariam a extrema direita ao poder, repisa velhos assuntos; a segunda, de dezembro de 2019, portanto completando um ano de governo Bolsonaro, ainda alguns meses distante da pandemia do coronavírus, coloca questões importantes para a compreensão do momento atual. Schwarz, como queria Machado, "enfia a faca da inteligência" no dilema que rondava o debate público informado de então: 2018 era uma repetição de 1964?

Em primeiro lugar Schwarz trata de escapar de algumas explicações caras ao período, na mesma medida que frágeis em sua força explicativa: "pulsões de morte", "defeitos cognitivos" ou até mesmo da volta do "caráter nacional" (agora abertamente vexaminoso). "Nos dois casos [2018 e 1964], um programa francamente pró-capital mobilizou, para viabilizar-se, o fundo regressivo da sociedade brasileira, descontente com os rumos da civilização",⁴⁰² afirma o crítico octogenário. E continua, deslocando o protagonismo da figura do então presidente Bolsonaro: "Ao dar protagonismo político, a título de compensação, aos sentimentos anti-modernos de parte da população, os mentores do capital fizeram um cálculo cínico e arriscado, que não é novo".⁴⁰³ Na sequência exata desta frase, Schwarz responde a outro grande dilema do momento: tratava-se da repetição do fascismo que estourou com a Segunda Guerra, ou de uma experiência histórica nova? "O exemplo clássico foi a viravolta obscurantista na Alemanha dos anos 1930. Aceitando e estimulando o nazismo, a grande burguesia alemã deflagrou um processo incontrolável, ao fim do qual já não se sabia quem

⁴⁰² Ibidem, p. 327.

⁴⁰³ Idem.

devorava quem." Ou seja, sim, fascismo de novo, mas na forma de seu motor de atualização capitalista.

Após lembrar diferença dura de admitir, de que em "1964 houve um golpe de força, em 2018 uma eleição",⁴⁰⁴ Schwarz se esquivava do debate político mais pontual, sobre erros e culpas de PT e PSDB na chegada da extrema direita ao poder, e atraca a análise ao seu esquema histórico mais recente: "[...] há uma hipótese mais pessimista para a virada à direita. A sequência de superações que durante algum tempo deu a sensação de que o país decolava rumo ao Primeiro Mundo pode ter chegado a seu limite, respeitadas as balizas da ordem atual".⁴⁰⁵ Esse novo processo de integração nacional interrompido, dessa vez sem industrialização mas sustentado pela "bonança das *commodities*" (o lulopetismo portanto), somado à máquina de fake news, fizera com que os "novos insatisfeitos" se deslocassem para a direita. "Num quadro de crescimento frustrado, procuram garantir a qualquer preço os ganhos já alcançados, e passam, quanto ao futuro, para o salve-se-quem-puder."

A segunda pergunta, sobre a combinação de moderno e antigo, permite a Schwarz reavaliar rapidamente seu esquema mais prestigioso. Schwarz repassa a ideia de "reposição do atraso" nos momentos de quase ruptura quando uma "solução modernista-passadista" entra em cena e atualiza o capital sem tocar em estruturas de desigualdades históricas, ou seja, ideologia avançada com fundo arcaizante de resíduos coloniais. "[...] parece claro que hoje vivemos um novo capítulo dessa história, como casamento de conveniência, além de esdrúxulo, entre a nova reforma liberal da economia e as pautas arcaizantes do bolsonarismo".⁴⁰⁶ Apesar desse modelo conhecido do ritmo das mudanças históricas do país, de acordo com Schwarz, diferentemente de 1964, quando tanto esquerda quanto direita "prometiam a superação do subdesenvolvimento", em pleno governo Bolsonaro ninguém mais acredita nesse horizonte de transformação.

Aqui o passo adiante na análise schwarziana. Em 1964, com a vitória dos generais, marcharam pelas ruas, de terço em mãos, os "preteridos do capital", o que sinalizava (equivocadamente) que o campo adiantado tinha futuro, bastava esperar a maré regressiva passar. "Ao passo que o neo-atraso do bolsonarismo, igualmente escandaloso, é de outro tipo e está longe de ser dessueto." Em novo giro contra-intuitivo, fica no ar a ideia de que "superar o bolsonarismo" pode ser uma expressão carregada de equívocos naquilo que informa sobre sua temporalidade específica, ou certidão de nascimento. "A deslaicização da política, a

⁴⁰⁴ Ibidem, 328.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ Ibidem, 329.

teologia da prosperidade, as armas de fogo na vida civil, o ataque aos radares nas estradas, o ódio aos trabalhadores organizados etc. *não são velharias nem são de outro tempo. São antissociais, mas nasceram no terreno da sociedade contemporânea, no vácuo deixado pela falência do Estado.* É bem possível que estejam em nosso futuro, caso em que os ultrapassados seríamos nós, os esclarecidos. Sem esquecer que os faróis da modernidade mundial perderam muito de sua luz" [grifo nosso].⁴⁰⁷ Aqui a diferença epocal entre 2018 e 1964. Incluindo o papel dos intelectuais.

Na terceira pergunta, sobre a volta da censura, Schwarz afirma que sob FHC, Lula e Dilma "não se ouvia falar de censura [...]. Sob esse aspecto fazíamos parte do mundo civilizado". O que é matizado em seguida: "Constatada a desgraça [da volta da censura], não custa notar que nossa liberdade cultural sempre teve um caráter gritante de prerrogativa de classe".⁴⁰⁸ Esse tipo de liberdade sempre procurou medir uma faixa avançada com os centros hegemônicos do que desfazer abismos sociais internos. E finalmente num movimento dialético: "Para enxergar um lado produtivo no retrocesso presente, digamos que o confronto forçado com as novas religiões, o novo autoritarismo, a nova meia-cultura não deixa de ser uma ocasião histórica para sair de nossa modernidade às vezes rasa e alcançar uma atualidade substantiva".⁴⁰⁹

O que traem as expressões de Schwarz "mundo civilizado", "rumos da civilização", "atualidade substantiva", "modernidade mundial" etc. em estágio avançado do século XXI? Se não nos enganamos, Schwarz paga o preço, ou, colhe os frutos, de ter feito parte daquela floração "marxista-desenvolvimentista" da virada dos anos 1950 para os 1960 na Faculdade de Filosofia da USP, em que as elaborações críticas andavam de braços dados com a necessidade de se "encontrar a solução para o país, pois o Brasil tem que ter saída".⁴¹⁰ Naquela brecha para o futuro (aberta com o populismo nacionalista) Schwarz enfia o pé, e também atualiza sem parar o seu pensamento, que não se cristaliza no apocalíptico, apesar de entre os seus colegas seminaristas, ter sido aquele que foi mais fundo (sem jamais contemporizar com cada novo giro do parafuso capitalista) na sondagem do contemporâneo.

Seja como for seria um sóbrio e justo encerramento para mais de quarenta anos de esforço crítico. No entanto não é possível ignorar o lançamento de uma peça de teatro inédita em 2022 do octogenário Roberto Schwarz. Ao resenhar em 2015 *Artes plásticas e trabalho*

⁴⁰⁷ Idem.

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ Ibidem, 331.

⁴¹⁰ Idem, "Um seminário de Marx", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 127.

livre: de Dürer a Velázquez do amigo e antigo colega de USP Sérgio Ferro, Schwarz abre o texto com uma advertência pessoal: "Como tenho a mesma idade do autor [77 anos na época], sei o custo de escrever depois dos setenta, procurando na medida do possível não baixar o nível. Com amizade e admiração, tiro o chapéu a ele".⁴¹¹ Aos 83 anos Schwarz publica seu mais recente trabalho: a peça *Rainha Lira*.⁴¹² E a sondagem do contemporâneo roça os nossos calcanhares.

Seria possível especular o porquê da análise do período ter vindo na forma da elaboração artística, mas parece debate menos importante que avaliar o texto em si. De qualquer maneira, a resposta de Schwarz sobre a escolha da ficção no lugar do ensaio para tentar "dar um balanço dos últimos anos", convence pouco: "não me senti com os conhecimentos factuais necessários para dar esse balanço de forma ensaística, quer dizer, eu estou menos enfronhado na vida brasileira, não tenho a vida brasileira na ponta da língua como em outros momentos eu tive".⁴¹³ Como veremos, a ambição da peça não exclui a necessidade de ter a matéria brasileira atualizada, e nos passos do Brecht revisto pelo próprio Schwarz na década de 1990, enfrentar "o propósito de entender e de transpor para o teatro o movimento efetivo da sociedade contemporânea".⁴¹⁴ A novidade em relação ao dramaturgo alemão é que o retorno de Schwarz a Brecht, é a um "um Brecht que não sabe a saída".⁴¹⁵

Balanço do período que se inicia em 2013 e alcança as vésperas da vitória de Lula para o terceiro mandato à frente da Presidência, indiretamente a peça se refere ao levante de Junho de 2013, às articulações de toda ordem para sua repressão, os arranjos entre as elites para a derrubada de Dilma Rousseff, que na trama surge como indecisa e por isso fraca, dividida entre três caminhos ideológicos diversos (representados pelas três filhas) que parecem se acomodar bem até ali na vida política brasileira sem maiores consequências na realidade, a escolha de Bolsonaro por essas mesmas elites e por fim a volta de Lula. Os acontecimentos se desdobram em ritmo acelerado, e os dez anos de história brasileira alegorizados na peça desnorteiam qualquer tentativa de didatismo. "No contexto da peça, em que tudo é ao mesmo tempo negociável e de execução sumária, em que os conflitos são muitos e epidérmicos, em que os interesses pessoais, a arbitrariedade e a desorganização coletiva se complementam,

⁴¹¹ Idem, *Seja como for*, cit., p. 394.

⁴¹² Concluimos esta tese sem notícias de novos lançamentos do autor, o que evidentemente ainda pode ocorrer.

⁴¹³ "Entrevista de Roberto Schwarz a Fabio Mascaro Querido", *Margem Esquerda*, n. 40, 2023, p. 11-34.

⁴¹⁴ Roberto Schwarz, "Altos e baixos da atualidade de Brecht", em *Sequências brasileiras*, cit., p. 166.

⁴¹⁵ "Entrevista de Roberto Schwarz a Fabio Mascaro Querido", *Margem Esquerda*, cit.

não parece haver horizonte para que Brecht ensine alguém ou para que se saiba de antemão a quem ele poderia ensinar."⁴¹⁶

A revisão da obra do dramaturgo alemão, em que Schwarz historiciza o procedimento brechtiano da desfamiliarização, passando-o pelo filtro da experiência brasileira das primeiras adaptações do dramaturgo por aqui até o presente do ensaio, mas também no interior mesmo do movimento europeu, para por fim alinhar os ponteiros na década de 1990, está no ensaio "Altos e baixos da atualidade de Brecht", de 1999. Em seguida Schwarz parte da guinada analítica oferecida por Adorno em relação a Brecht que, esquematicamente, muda o foco de interesse das peças, deixando a teoria e os preceitos transmitidos pelo didatismo em segundo plano, para incorporar a forma didática ao próprio tecido da narrativa e em seguida interpretá-la em novo patamar. Schwarz revê então a peça *A Santa Joana dos matadouros*, sobre a qual escrevera uma nota de apresentação à sua própria tradução, publicada na *Novos Estudos Cebrap*, de 1982. Mais de dez anos depois, a clareza da mudança dos parâmetros políticos e ideológicos, e o aprofundamento dos aspectos construtivos do texto original atualizam o debate. E abrem caminho para a escrita de *Rainha Lira*.

Uma vez que o "determinismo econômico hoje funciona como a ideologia explícita das classes dominantes, que justificam a sua hegemonia e a própria desigualdade social através dele", "o que era esqueleto no armário se tornou bandeira pública, criando o mistério específico da nova fase: como entender que essa bandeira seja aclamada?". Ou seja, a abertura oferecida por Marx ao revelar a engrenagem de reprodução da sociedade burguesa, virou segredo à luz do dia, e a tarefa da crítica diante do esgotamento do horizonte de superação do capitalismo recai mais na "configuração do impasse e de seu aprofundamento que na saída revolucionária". Volta também às lições da Escola de Frankfurt sobre a passagem para segundo plano das abstrações ideológicas burguesas, "quando a abundância de mercadorias passou a ser ideologia e a justificação suficiente da sociedade capitalista, acatada também pela classe operária".⁴¹⁷ Vale notar aqui que o modelo das "ideias fora do lugar", se, como visto em sua vulgarização corrente, segue operando, deixa de revelar o funcionamento da experiência brasileira, ou periférica.

As lições tiradas da nova leitura de *A Santa Joana dos matadouros*, em que Schwarz localiza o pastiche específico da forma brechtiana no tecido histórico da transformação europeia com os eventos traumáticos (e reveladores do funcionamento daquela sociedade) da

⁴¹⁶ Ana Paula Pacheco e Tiago Ferro, "Roberto Schwarz compõe enciclopédia da catástrofe brasileira em nova peça", *Folha de S.Paulo*, 12 mar. 2022. Acesso: 30 jun. 2023.

⁴¹⁷ Roberto Schwarz, "Altos e baixos da atualidade de Brecht", cit., p. 176-81.

Primeira Guerra Mundial, Crash de 29 e a subsequente emergência do fascismo, com sua dissonância própria, "coloca em jogo [...] uma relação histórica *interna*, satiricamente compactada".⁴¹⁸ O "sarcasmo da composição" com sua "farsa grossa" específica, remete, ainda de acordo com Schwarz, aos quadros de Groz, com sua mistura grotesca de "capitalistas de nuca espessa, focinho de porco, fraque impecável e cinismo blindado, cruzando na rua com mutilados de guerra, proletárias desnutridas e cachorros famélicos, tudo encimado por clichês do humanismo oficial, num clima de salve-se quem puder".⁴¹⁹

O pastiche da peça *Rainha Lira* no entanto é de outra natureza. Nela estão misturados o esforço totalizante brechtiano (sem horizonte de superação histórico) com a nota familiar (ao mesmo tempo piadista e grotesca) do melhor Oswald de Andrade. E, como veremos, as operações dos três dramaturgos têm um possível ponto de fuga unificador da experiência no interior do capitalismo. Oswald escreveu seu *O Rei da Vela* (1933-1937) praticamente no mesmo período em que Brecht redigiu *A Santa Joana dos matadouros* (1929-1931). Sem conhecer ainda o trabalho do dramaturgo alemão, Oswald já "se utiliza amplamente do efeito de anti-ilusionismo", isso de acordo com Haroldo de Campos. Ainda segundo o poeta e crítico, "esse é deliberadamente um teatro de tese, porém de tal arte que a tese se supera em texto necessário e criativo". Continua: "O aparente esquematismo temático é transposto por uma sutil e flexível captação, em modo grotesco, dos matizes de uma realidade cambiante, que estala as partilhas, maniqueístas, de maneira a permitir que o processo de conscientização exibido ao espectador se desenrole em toda a sua riqueza inçado de perplexidades, paradoxos e contradições".⁴²⁰ Se na peça alemã a superação do capitalismo estava na ordem do dia, em *O Rei da Vela*, ainda segundo Campos, o que se apresenta é a necessária superação do "estatuto colonial", que no entanto parece enroscado à estrutura circular e de repetição da obra. Poderíamos acrescentar que o grotesco da chanchada violenta e caricata, repleta de interesse pessoal e descaso com o sofrimento alheio, da peça do modernista paulista, não está muito distante da imagem encontrada por Schwarz em Groz para sintetizar o Brecht do período.

No entanto, a nota oswaldiana na peça mais recente de Schwarz pode ser melhor localizada na própria linguagem algo antiquada, com ar de piada de família, que salta aos olhos como artifício ao longo do texto. Alguns exemplos de expressões fora do tempo da ação: "lascadas", "tenha ido para o vinagre", "ajoelhar no milho", "brucutu", "xuxu",

⁴¹⁸ Ibidem, p. 169.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 172.

⁴²⁰ Haroldo de Campos, "Texto de orelha", em Oswald de Andrade, *O Rei da Vela* (São Paulo, Globo, 2000).

"faroleiro", "sem fricote", "patota", "prafrentex", "assim ou assado", "mandachuva", "balacobaco", "pau na máquina". Palavras que saem das bocas de estudantes politizados, criminosos e políticos. O ar de piada de família também está nos nomes de alguns personagens, indo de encontro ao modelo de *O Rei da Vela*, com: Abelardo I e II, Totó Fruta-do-Conde, Dona Poloquinha, Perdigoto etc.; enquanto em *Rainha Lira* temos: Progrêssio, Doutor Fidelino, Zé da Baderna, entre outros. Com a trama se passando no imaginário reino da Brazilândia.

O empréstimo da linguagem oswaldiana parece funcionar em *Rainha Lira* para desautomatizar a leitura, ou seja, criar o efeito de estranhamento que, ao concordar com Haroldo de Campos, estava ao mesmo tempo em Oswald e em Brecht. Mas nesse Brecht sem saída, o anti-ilusionismo com o distanciamento reflexivo proporcionado, dá em nada (um conhecido do percurso de Schwarz desde *Um mestre na periferia do capitalismo*, de 1990). Ao justapor luta de classe, estratégia política, exploração econômica, capitalismo, socialismo etc., com essa coleção de achados dignos de uma nova "revanche da província", volta à cena um velho conhecido do crítico: "Corações antigos, escaninhos da hinterlândia, quem vos conhece?". A imagem está no ensaio de 1970 e dá notícia da virada no debate público com o golpe de 64. Agora, o problema parece encontrar dimensões maiores, uma vez que o discurso informado anda passo a passo com esses restos coloniais. Em vez do anacronismo funcional, ambos os registros (restos coloniais e o politicamente informado construído durante a "república populista") não têm mais voz alguma, o que, como veremos, abre caminho para uma barreira de superação mais difícil, justamente porque contemporânea e atualizada com o tempo do mundo. Neste caso, "a conversa, marcada de forma particular pela distensão das falas. Mais especificamente, a fala não interrompida [que] tende a se sobrepor ao diálogo cadenciado, numa conversa de ouvintes serenos, que não se interrompem",⁴²¹ cai no vazio. De todo o falatório da peça, ao mesmo tempo exaltado e sem potência, brilha no entanto um elemento concreto e real, organizador de desejos, a atravessar a obra: o tênis novo. Ou seja, a vitória da mercadoria sobre as abstrações organizadoras da vida em sociedade.

De toda a tagarelice e cacofonia dos personagens que, entremeada pela linguagem fora do tempo, gira em falso desacreditada, é na figura do Coiso, miliciano que chega ao poder dividindo as elites sobre futuros constrangimentos internacionais que tal personagem possa trazer para a sempre problemática auto-imagem dividida de nossos proprietários, que está a verdade histórica do período. Afirmo o personagem: "Faço negócio com todos. A minha regra

⁴²¹ Victor Santos Vigneron, "Junho, o direito à fala", *Margem Esquerda*, cit., p. 55-60.

é passar por cima da regra e avançar na rapadura direto. Primeiro a cacete, depois com negociação".⁴²² O país finalmente integrado, mas pela negociata e pela lei do mais forte, ganha uma inusitada independência internacional: "[...] jamais fomos tão independentes como agora. A nossa coragem, quando damos uma banana à hipocrisia das Nações Unidas, chega a me dar vertigem. Não é para se orgulhar?", diz o Coiso para em seguida reafirmar o interesse econômico acima de tudo: "Ninguém de nós fez voto de pobreza".⁴²³ Como visto na entrevista de Schwarz em 2019, o Coiso e as ideias que o sustentam, e as quais ele articula e dá maior visibilidade, "não são velharias nem são de outro tempo. São antissociais, mas nasceram no terreno da sociedade contemporânea".⁴²⁴

Mas como aprendido com a lição do fascismo original, o vale-tudo pode colocar em risco o próprio funcionamento do capitalismo. No caso brasileiro recente, bem exemplificado na reação de banqueiros e empresários à condução da pandemia pelo presidente Bolsonaro, como visto na carta pública que pedia o fim das ideias fora do lugar. A tentativa de consertar o apoio equivocado ao Coiso por parte de nossas elites fecha o livro num capítulo de duas páginas em que o antigo Rei fala com ele mesmo trancado em sua cela. Revela o passo em falso das elites e da necessidade de que alguém, no caso ele próprio, remende novamente a sociedade, "essa colcha esfarrapada": "Caíram na selvageria, inclusive entre eles próprios, uns contra os outros, o que não estava no programa e precisa ser sanado urgente. O naufrágio foi rápido".⁴²⁵

Nos interessa reter a imagem final do país dada por Lula, o Rei preso: "Mas daí a fazer disso um país passável, que não seja um Frankenstein à luz do dia, vai um trabalho que é difícil de imaginar".⁴²⁶ Sobre o pastiche brechtiano em seu ensaio 1999, Schwarz afirma: "A concatenação a frio do interesse econômico o mais cru e do idealismo filosófico e lírico o mais exaltado [...], sob o signo da crise capitalista, que é escarninho, compõe um Frankenstein. A ferocidade da caricatura até hoje faz correr um arrepio na espinha".

Diferente do ornitorrinco, "monstrengo" da natureza, Frankenstein parece mais assustador. É criação do homem, do engenho, da ciência e da ambição. A sociedade revelada pelo Coiso, também. Ambas localizadas no interior da modernidade. As dissonâncias

⁴²² Roberto Schwarz, *Rainha Lira* (São Paulo, Editora 34, 2022), p. 113.

⁴²³ *Ibidem*, p. 115.

Sobre a emergência da extrema direita e o capitalismo empreendedor, cf. Rodrigo Nunes, *Do transe à vertigem* (São Paulo, Ubu, 2022).

⁴²⁴ Roberto Schwarz, *Rainha Lira*, cit., p. 115.

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 120.

⁴²⁶ *Idem*.

específicas que atravessam as obras dos três dramaturgos apontam para essa sempre aberta margem de ação histórica, onde nada é natural e tudo transformável. Mas com o capital no comando, sem qualquer oponente à altura, a abertura à transformação social nos conduz impreterivelmente pela fantasmagórica negatividade contemporânea.

Agradecimentos

Muitas pessoas foram fundamentais nesses cinco anos de pesquisa (muito mais que cinco, já que os problemas se penduram no trapézio da nossa mente antes mesmo de nos darmos conta deles). Para evitar injustiças, agradeço no atacado: muito obrigado a todas e todos que de alguma forma me ajudaram nesta tese.

Não poderia deixar de citar o Chico Alambert, orientador suave mas decisivo dessa jornada.

E também o Paulo Arantes, que me deu de bandeja (eletrônica) o título para o trabalho.

Referências bibliográficas

- AB'SÁBER, Tales. *O soldado antropofágico: escravidão e não-pensamento no Brasil*. São Paulo: Hedra/n-1, 2022.
- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- _____. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- _____; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ALAMBERT, Francisco. "Lugar da dialética, dialética do lugar: três notas sobre filiações, finalidades e afinidades na formação intelectual de Roberto Schwarz". In: LOUREIRO, Isabel; MUSSE, Ricardo (orgs.). *Capítulos do marxismo ocidental*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP/FAPEESP, 1998.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.
- _____. (org.) *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALVARENGA, Raphael F. "A sereia e o desavisado: ideologia francesa, crítica dialética e a 'matéria brasileira'", *sinaldemenos.org*, ano 11, n. 14, v. 2, 2020.
- ANDERS, Günther. *Kafka: pró & contra*. São Paulo: CosacNaify, 2005.
- ANDERSON, Perry. *Brasil à parte 1964-2019*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- _____. *Considerações sobre o marxismo ocidental / Nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ANDERSON, Kevin. *Marx nas margens*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins/INL, 1974.
- ANJOS, Cyro dos; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. *Um departamento francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

- _____. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004.
- _____. *A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- _____; ARANTES, Otília. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Ensaio sobre Brecht*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- _____. *Baudelaire e a modernidade*. Minas Gerais: Autêntica, 2015.
- _____. *O anjo da história*. Minas Gerais: Autêntica, 2012.
- _____. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENSE, Max. "O ensaio e sua prosa", em *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, 2019.
- BINZER, Ina von. *Os meus romanos*. São Paulo: Perspectiva.
- BRETON, Andre; TROTSKY, Leon. *Por uma arte revolucionária independente*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BROWN, Nicholas. "Roberto Schwarz: Mimesis Beyond Realism". In: *The Sage Handbook of Frankfurt School Critical Theory*, Sage Publications, 2018, pp. 465-78.
- BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- _____. *Ideologia e contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- BRASIL: NUNCA MAIS. Arquidiocese de São Paulo: prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. 38 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Do Império à República*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: n-1, 2000.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Ubu, 2017.
- CAMPOS, Haroldo de. "Texto de orelha", em Oswald de Andrade, *O Rei da Vela*. São Paulo: Globo, 2000.

- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017
- _____. *Brigada ligeira*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- _____. *Ficção e confissão*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2012.
- _____. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2007.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- _____. *O albatroz e o chinês*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2010.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- _____. *O observador literário*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2008.
- _____. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- _____. *Teresina etc.* São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2007.
- _____. *Tese e antítese*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- _____. *Um funcionário da monarquia*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2007.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.
- CARDOSO, Fernando Henrique. "A originalidade da cópia: a CEPAL e a ideia de desenvolvimento". In: *As ideias e seu lugar*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Retrato de grupo: 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- CASTRO, Fidel. "Uma vitória militar de Pirro e uma profunda derrota moral", *Novos Estudos*, n. 9, jul. 1984.
- CATALANI, Felipe. "O nada na acepção brasileira do termo: Roberto Schwarz e o chão social do niilismo", *Margem Esquerda*, n. 40, abr. 2023.
- _____; CAUX, Luiz Philipe de. "A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz)", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 74, p. 119-146, dez. 2019.
- CEVASCO, Maria Elisa & OHATA, Milton (orgs.). *Um crítico na periferia do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário*. São Paulo: Ubu, 2018.

- CHOMSKY, Noam. *The Essential Chomsky*. Nova York/Londres: The New Press, 2008.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.
- _____. *Terra arrasada*. São Paulo: Ubu, 2023.
- DANTAS, V. (org.). *Textos de intervenção/Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- DAVIDSON, Neil. *Desenvolvimento desigual e combinado: modernidade, modernismo e revolução permanente*. São Paulo: Unifesp, 2021.
- DE MELLO E SOUZA, Gilda. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- _____. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- DIRLIK, Arif. "A aura pós-colonial: a crítica terceiro-mundista na era do capitalismo global", *Novos Estudos*, n. 49, nov. 1997.
- DORFMAN, Ariel. "Duas crônicas norte-americanas", *Novos Estudos*, n. 3, jul. 1982, p. 68-70.
- DOSSE, François. *A saga dos intelectuais franceses 1944-1989*. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Tumulto*. São Paulo: todavia, 2014.
- EULALIO, Alexandre. *Os brilhos todos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FAORO, Raymundo. *A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2015.
- _____. *Os donos do poder*. São Paulo: Globo, 2015.
- FERRO, Tiago; PACHECO, Ana Paula. "Roberto Schwarz compõe enciclopédia da catástrofe brasileira em nova peça", *Folha de S.Paulo*, 12 mar. 2022. Acesso: 30 jun. 2023.
- FICO, Carlos. *Como eles agiam*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FLORESTAN, Fernandes. "O que é revolução", em *Clássicos sobre a revolução brasileira*.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: CosacNaify, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. 34, 2014.

- GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GLEDSOON, John. "Roberto Schwarz: Um mestre na periferia do capitalismo". In: *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 236-78.
- _____. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- _____. *Os leitores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp, 2012.
- _____; LEBENSZTAYN, Ieda (orgs.) *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares, 1908-1939*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.
- GINZBURG, Carlo. "Unus testis — O extermínio dos judeus e o princípio da realidade", em *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HARVEY, David. *Para entender O capital, Livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- HIRSCHMAN, Albert. "A moralidade e as ciências sociais", *Novos Estudos*, n. 1, dez. 1981, p. 27.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960-1970)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1980.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
- JAMESON, F. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. "A lógica cultural do capitalismo tardio". In: *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria*. Portugal: Antígona, 2006.
- JAY, Martin. *A imaginação dialética*. São Paulo: Contraponto, 2008.
- JEFFRIES, Stuart. *Grande hotel abismo: a Escola de Frankfurt e seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

- KRAUSZ, Tamás. *Reconstruindo Lênin*. São Paulo: boitempo, 2017.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- LE RIDER, J. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Rio Grande do Sul: L&PM, 2009.
- LIMONGI, Fernando. *Operação impeachment*. São Paulo: Todavia, 2023.
- LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. São Paulo: Letras e Ideias, 2005.
- LÖWY, Michel. *A política do desenvolvimento combinado e desigual: a revolução permanente*. São Paulo: Sanderman, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *A alma e as formas: ensaios*. Minas Gerais: Autêntica, 2015.
- _____. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- MASSI, Augusto et al. *Reflexão como resistência: homenagem a Alfredo Bosi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *O capital, Livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MATTICK, Paul. "Workers' Control", em LONG, Priscilla (org.). *The New Left*. Boston, Porter Sargent, 1969.
- MONTERO, Paula. "Apresentação", em *Mão e contramão e outros ensaios contemporâneos*. São Paulo: Globo, 2009.
- MOTA, Carlos Guilherme. "Vanguarda e conformismo, segundo Roberto Schwarz". In: *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1994, pp. 245-9.
- _____. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Senac, 2008.
- MOTTA, Leda Tenório da. "Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista: sobre *O grau zero da escritura*", *Alea* 12 (2), dez. 2010.
- MOURA, Flávio Rosa de. "Um crítico no redemoinho", *Tempo Social*, v. 23, n. 2, p. 71-99.

- MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. São Paulo: É, 2018.
- _____. *O liberalismo antigo e moderno*. São Paulo: É, 2018.
- _____. *O marxismo ocidental*. São Paulo: É, 2018.
- MÜLLER, Heiner. *Queria ver Brecht em um peep show*. São Paulo: n-1, 2017.
- NABUCO, Joaquim; ALENCAR, José de. *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: edições Tempo Brasileiro, 1965.
- _____. *Essencial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- NOBRE, Marcos (org.). *Curso livre de teoria crítica*. São Paulo: Papirus, 2013.
- _____. *Lukács e os limites da reificação*. São Paulo: ed. 34, 2001.
- NOVAIS, Fernando Novais; SILVA, Rogerio F. (orgs.). *Nova História em perspectiva*. vol. 1, São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NOVAIS, Fernando Novais. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- _____. *Aproximações*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____; MELLO, João Manuel Cardoso de. "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna", em *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem*. São Paulo: Ubu, 2022.
- OHATA, Milton. "Progresso à moda brasileira", *revista piauí*, n. 69, jun. 2012.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OTSUKA, Edu. *Era no tempo do rei*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.
- _____; RABELLO, Ivone Daré. "O retratista e os intelectuais às voltas com 1964", *Revista do IEB*, São Paulo, n. 57, p. 327-348, dez. 2013.
- PASTA, José Antonio. *Trabalho de Brecht*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- PEREIRA, Astrojildo. "Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado", em *Interpretações*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PIRES, Paulo Roberto (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, 2018.
- PRADO JR., Bento. *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- _____. *A revolução brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis*. São Paulo: editora 34, 2021.
- RICUPERO, Bernardo. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Unesp, 1993.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e "um seminário" (1958-1978)*, (Tese de Doutorado em História Social, FFLCH-USP, 2011).
- ROSENFELD, Anatol. *Brecht e o teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- _____. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SALES GOMES, Paulo Emílio. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *35 ensaios de Silviano Santiago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Victor. "Junho, o direito à fala", *Margem Esquerda*, 2023.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Razões da desordem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *Uma situação colonial?* São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2008.
- _____. *Situações I: críticas literárias*. São Paulo: CosacNaify, 2005.
- SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle: Política e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- SIMON, Roberto. *O Brasil contra a democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. "Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014)", *Novos Estudos*, 102, jul. 2015.
- _____. *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SMITH, Adam. *A mão invisível*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TCHIRKÓV, Nikolai. *O estilo de Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2022.

TELES, Edsons (org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, situação política*. São Paulo: Difel, 1986.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOOD, Michael. "Master among the ruins", *The New York Review of Books*, jul. 2002.

Obras de Roberto Schwarz

Crítica

A sereia e o desconfiado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Ao vencedor as batatas. São Paulo: Editora 34, 2000.

(org.) *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Ed. 34, 2018.

"Antonio Candido 1918-2017". *New Left Review*, Londres, 107, set.-out. 2017.

As ideias fora do lugar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

"Ausências", *Novos Estudos*, n. 9, jul. 1984.

Duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Martinha versus Lucrecia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O pai de família. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

(org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Seja como for. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

"Sobre a leitura de Marx no Brasil. Em: *Nós que amávamos tanto O capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

Um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Editora 34, 2000.

Criação

A lata de lixo da história. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

Corações veteranos. São Paulo: Coleção Frenesi, 1974.

Pássaro na gaveta. São Paulo: Massao Ohno, 1959.

Rainha Lira. São Paulo: Editora 34, 2022.